

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Área de concentração em Antropologia Social e Cultural



Dissertação de Mestrado

Senegaleses e o comércio ambulante em Pelotas-RS:
etnografia do encontro, acolhimento e dispersão



Simone Assis Alves Roberto

Pelotas, 2018

Simone Assis Alves Roberto

Senegaleses e o comércio ambulante em Pelotas-RS:

etnografia do encontro, acolhimento e dispersão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia.

Orientador: Dr. Mário de Souza Maia

Coorientadora: Dr.^a Patrícia dos Santos Pinheiro

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R639s Roberto, Simone Assis Alves

Senegaleses e o comércio ambulante em Pelotas-RS :
etnografia do encontro, acolhimento e dispersão / Simone
Assis Alves Roberto ; Mário de Souza Maia, orientador ;
Patrícia dos Santos Pinheiro, coorientadora. — Pelotas,
2018.

147 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Identidade. 2. Diáspora. 3. Imigração. 4.
Senegaleses. 5. Pelotas. I. Maia, Mário de Souza, orient. II.
Pinheiro, Patrícia dos Santos, coorient. III. Título.

CDD : 305.8

Simone Assis Alves Roberto

Senegaleses e o comércio ambulante em Pelotas-RS:

etnografia do encontro, acolhimento e dispersão

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestra em Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 31 de agosto de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mário de Souza Maia (Orientador)
Doutor em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Prof.^a Dr.^a Patrícia dos Santos Pinheiro (Coorientadora)
Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

Prof.^a Dr.^a Claudia Turra Magni
Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, França.

Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof.^a Dr.^a Denise Fagundes Jardim
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Dedico esta pesquisa ao povo senegalês
e a todas as pessoas que ousam buscar outros trilhos
mesmo quando a bagagem parece pesada demais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente...

Agradeço aos senegaleses por me ensinarem tantas coisas que desconhecia, pelas constantes reflexões, carinho, atenção, generosidade, gentileza que sempre me transmitiam e pelas mensagens de preocupação e “saudades” que mesmo na distância do tempo e espaço não cessaram. Em especial ao Bathie, Sidy, Gora, Modou, Daouda, Mbacke, Amdy, Aziz, Fall, Samba, Abdou, Youssou, MaSamba, Cabul, Alioune, Ousmane, Moussa, Saliou, Balla, Sidy2, Modou2, Modou3, Papis, Moustapha, Mouhamed, Cher (Pelotas), Cher (Caxias do Sul), Cher (São Paulo).

Agradeço à Michele, Daiana, Tais, Bruna, Renata e Macyana, pelas longas conversas e relatos; aos ambulantes de Pelotas, vendedores do calçadão, lojistas, anônimos, pedestres, políticos, instituições, grupos, movimentos e todos que de alguma forma tentam ou tentaram ajudar a solucionar essas problemáticas que envolvem os imigrantes senegaleses.

Agradeço à Amanda e ao Jean, pela companhia no trabalho de campo e pelas longas conversas e reflexões sobre o tema. Em especial, à professora Lori Altmann, por me incentivar um pós campo e a seguir com a temática no mestrado.

Agradeço à professora Rosane Rubert, que iniciou comigo essa jornada, por toda atenção e auxílio enquanto pode e pelas longas conversas, reflexões e colaborações que me auxiliaram e me ajudaram a estruturar essa pesquisa.

Agradeço as/os professorxs e colegas do curso de graduação e pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da UFPEL, pelos gratificantes debates, reflexões, conhecimentos e experiências; por toda compreensão e auxílio a mim cedidos nos momentos de grande dificuldade e tristeza que passei na vida particular.

Agradeço às professoras Renata Menasche e Patrícia Pinheiro, pelas reflexões nas teorias de consumo e à Claudia Turra Magni, a quem tanto admiro, pelas queridas e instigantes aulas, principalmente temas sobre autoridade, etnografia e imagem.

Agradeço também a todos os servidorxs e funcionários/as do ICH pela atenção e

gentileza que sempre nos atenderam. Especialmente ao Albío e a Thaíse que por vezes me socorreram ou esclareceram dúvidas em relação ao curso.

Agradeço às/os membros da banca de defesa: Cláudia Turra Magni, Denise Jardim e Francisco Pereira por se disporem a colaborar neste importante momento da pesquisa. A sempre querida 'prof' e amiga Patrícia Pinheiro e ao Mário Maia, agradeço por aceitarem a me orientar e caminharem comigo nesta etapa conturbada. A conclusão e entrega desta dissertação só foi possível devido à grande generosidade de vocês. Em especial, agradeço novamente à Patrícia, Cláudia e Mário por seus auxílios, carinho, reflexões, por terem me incentivado e por acreditarem que, mesmo com todas as dificuldades e tensões do momento, iria finalizar essa pesquisa.

Agradeço ao Guilherme, Danilo, Diego, Patrícia, Mariana, Ramon e Rosane pela disponibilidade de ouvir minhas aflições, incentivar-me, aconselhar-me e por todas as ações de incentivo nos momentos bem difíceis que vivi.

Agradeço à Dona Eva, por toda Luz que nos transmite.

Agradeço às Luzes do Universo, por todo apoio e fortalecimento.

Agradeço a minha pequenina família, àqueles/as que não estão mais presente fisicamente e a todxs que direta ou indiretamente fizeram parte desta jornada e, principalmente, por não me deixarem (DE)EXISTIR.

Agradeço de forma muito especial à minha querida e amiga filha Yanne, pelo amor, incentivo, conselhos, apoio incondicional, pelas muitas vezes que participou ativamente deste processo, pela compreensão da minha ausência, do meu cansaço, das minhas desilusões, das minhas dores, das minhas crises e dos meus dilemas existenciais e por todos os momentos que juntas (RE)EXISTIMOS.

Agradeço à todas as mulheres, principalmente as da periferia, as negras e as indígenas, que desde muito cedo enfrentam a dor e a vida com muitas dificuldades.

Enfim... Gratidão, Namastê, Jerejef, Que assim seja, Amém!

*Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio,
pois, quando nele se entra novamente,
não se encontra as mesmas águas,
e o próprio ser já se modificou.*

[Heráclito de Éfeso]

RESUMO

ROBERTO, Simone Assis Alves. **Senegaleses e o comércio ambulante em Pelotas-RS**: etnografia do encontro, acolhimento e dispersão. 2018. 147f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

A presente dissertação versa sobre uma etnografia junto a um coletivo de imigrantes senegaleses, que vivem (ou viveram) essa diáspora atual na cidade de Pelotas/RS. Propõe-se sistematizar um conjunto de experiências vivenciadas desde 2015, em que a observação participante se transformou e se intercalou, junto ao coletivo, no envolvimento direto, nos encaminhamentos e mediações perante o poder público local e organizações da sociedade civil, diante da forte repressão que esses imigrantes sofreram em suas atividades como vendedores ambulantes. Busca-se compreender as (re)configurações da identidade, por parte desses imigrantes, perante desse novo contexto, que em determinados momentos se apresenta a eles de forma hostil; as distintas representações que sobre eles recaem, advindas de diferentes segmentos da sociedade local; suas estratégias de inserção e as expectativas que os mobilizaram para um processo migratório; além de debater a construção dos discursos sobre legalidade e moralidade do trabalho no comércio ambulante desses imigrantes. Sendo assim, a fim de se (re)estabelecer novas (re)estruturas de saberes, práticas, representações e dinâmicas sociais, essa pesquisa antropológica visa não só contribuir para as políticas públicas, mas principalmente em futuras ações que venham a ser mais efetivas, propositivas e reflexivas.

Palavras-chave: identidade; diáspora; imigração; senegaleses; Pelotas

RÉSUMÉ

ROBERTO, Simone Assis Alves. **Les Sénégalais et le commerce ambulant à Pelotas-RS**: ethnographie de la rencontre, accueil et dispersion. 2018. 147f. Mémoire (Master en anthropologie) Programme d'études supérieures en anthropologie. Institut des sciences humaines Université fédérale de Pelotas, Pelotas, 2018.

Cette thèse porte sur une ethnographie d'un groupe d'immigrés sénégalais qui vivent (ou ont vécu) cette diaspora actuelle dans la ville de Pelotas/RS. Il est proposé de systématiser un ensemble d'expériences vécues depuis 2015, dans lesquelles l'observation participante a été transformée et intercalée, avec le collectif, dans la participation directe, dans les renvois et les médiations devant le pouvoir public local et les organisations de la société civile, face à la forte répression que ces immigrants ont souffert dans leurs activités de vendeurs de rue. Il cherche à comprendre la (re)configuration d'identité, de la part de ces immigrants, devant ce nouveau contexte, qui se présente à certains moments de manière hostile; les différentes représentations qui leur incombent, issues de différents segments de la société locale; leurs stratégies d'insertion et les attentes qui les ont mobilisées pour un processus de migration; outre discuter de la construction des discours sur la légalité et la moralité du travail dans le commerce itinérant de ces immigrants. Ainsi, afin de (re) mettre en place de nouvelles (re) structures de connaissances, de pratiques, de représentations et de dynamiques sociales, cette recherche anthropologique ne vise pas seulement à contribuer aux politiques publiques, mais principalement à des actions futures qui seront plus efficaces, propositionnel et réflexif.

Mots-clés: identité; la diaspora; l'immigration; sénégalais; Pelotas

RÉSUMÉ

ROBERTO, Simone Assis Alves. **Senegalais yi commerce mbéd yi Pelotas-RS**: ethnographie lay diangue gur diapalé dajè dimbali teranga yi modou. 2018. 147f. Thèse de maîtres en anthropologie. Institut des sciences humaines Université fédérale de Pelotas, Pelotas, 2018.

Thème bi mougui wakh thi ap kourél bouy thiambar ap khéét modou senegalais, youy ndoundou thia wala gnouffa messeu ndoundou deuk bobou actuellement thi taakhii Pelotas/RS. Gnou wara proposé ap liguey systematiser manam thi anam you léér béep kham wala diar bougnou fa ndoundou depuis 2015 thi observation wou participant yi. AK implicationwou organisation yi avant yainainn kourel yi Di gnew guir yombal sounou nékinn comm collectivité local yi manam Mairi yi wala kourelou société civil yi sen takhaway thi méttit yi modou yi. Donn ndoundou thi sénn ligieyou mbéd mouy marchand ambulat. Gnou beug kham sopékou identité modou senegalais yoyai avant gnouy sén ndoundou gou bess gui, lou wessou wonn ndoundou nagn ay mettitt. AK kourel yi lainn donn représenté diougué si société local bou Pelotas. AK aussi comprendre senn strategies insertion pour bokkou ak lignouy khar ba takh gnou mobiliséwou pour am statut migrant, en Plus wakh thi discourou yamalé gneup ak moralité liguey thi commerce mbéd yi modou yoyé di def.

Mots-clés: identité; diaspora; modou; senegalais; Pelotas

ABSTRACT

ROBERTO, Simone Assis Alves. **Senegalese and the itinerant commerce in Pelotas-RS**: ethnography of the encounter, reception and dispersion. 2018. 147f. Dissertation (Master in Anthropology) Graduate Program in Anthropology. Institute of Human Sciences Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

This dissertation deals with an ethnography with a group of Senegalese immigrants who live (or lived) this current diaspora in the city of Pelotas / RS. It is proposed to systematize a set of experiences that have been lived since 2015, in which participant observation has been transformed and intercalated, together with the collective, in the direct involvement, in the referrals and mediations before the local public power and organizations of civil society, in the face of the strong repression that these immigrants suffered in their activities as street vendors. It seeks to understand the (re) configuration of identity, on the part of these immigrants, before this new context, that in certain moments presents itself to them in a hostile way; the different representations that fall on them, coming from different segments of the local society; their insertion strategies and the expectations that mobilized them for a migration process; besides discussing the construction of the discourses on legality and morality of the work in the itinerant commerce of these immigrants. Thus, in order to (re) establish new (re) structuring of knowledge, practices, representations and social dynamics, this anthropological research aims not only to contribute to public policies, but mainly in future actions that will be more effective, propositional and reflexive.

Keywords: identity; diáspora; immigration; senegalese; Pelotas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cântico usado no Grande Magal em Pelotas, 2017.....	capa
Figura 2: Lugares para onde dispersaram parte dos senegaleses de Pelotas.....	18
Figura 3: Localização da cidade de Pelotas no mapa do Brasil.....	33
Figura 4: Localização do Senegal no mapa-múndi.....	33
Figura 5: Localização dos países próximos do Senegal no continente africano.....	33
Figura 6: Rota frequentemente utilizada pelos senegaleses de Pelotas no RS.....	48
Figura 7: Rota de Campo.....	51
Figura 8, 9 e 10: Em campo com Aziz, Modou2 e Youssou.....	60
Figura 11 e 12: Modou1 e Samba trabalhando no calçadão.....	63
Figura 13: Travessia antes de chegar no principal ponto dos ambulantes.....	64
Figura 14: Maleta usada como expositor de mercadorias.....	65
Figura 15 e 16: Exposição das mercadorias no calçadão da Andrade Neves.....	67
Figura 17, 18 e 19: Momento em que senegaleses negociam produtos.....	68
Figura 20, 21, 22 e 23: Ação do dia 09 de junho de 2016.....	77
Figuras 24 e 25: Comentários sobre a ação violenta da fiscalização.....	79
Figura 26: Campanha de doação aos senegaleses em Pelotas.....	83
Figuras 27, 28 e 29: Campanha de doação aos senegaleses em Pelotas.....	84
Figura 30 e 31: Visita a Rádio.Com para convidar aos ouvintes para Audiência.....	86
Figura 32 e 33: Primeira Audiência na Câmara dos Vereadores.....	88
Figura 34: Reunião da Comissão com vereadores e representantes da prefeitura.....	89
Figura 35: Reunião da Comissão junto aos representantes Municipais.....	90
Figura 36, 37, 38 e 39: Segunda reunião na Câmara.....	91
Figuras 40, 41, 42, 43 e 44: Segundo Grande Magal em Pelotas.....	94
Figuras 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52: Segundo Grande Magal em Pelotas.....	95
Figuras 53, 54 e 55: Reunião na SJSS.....	97
Figura 56, 57 e 58: Reunião com a vice-prefeita e secretários.....	98
Figura 59: Primeira reunião com o prefeito Eduardo Leite.	99
Figura 60, 61, 62 e 63: Segunda reunião com o prefeito Eduardo Leite.	100
Figura 64, 65, 66 e 67: Roda de Conversa no Dia do Patrimônio 2016.....	102
Figura 68: Baile no Clube Fica Ahí, 2016.....	102
Figura 69 e 70: Jantar de recepção no Restaurante Popular.....	103
Figura 71: Apreensão e detenção isolada de um dos senegaleses.....	105
Figura 72, 73 e 74: Fios da arma de choque atingem o Bathie.....	106
Figura 75, 76 e 77: Gravação de entrevista na Biblioteca.....	110
Figura 78: Apresentação do Bathie e Modou1 na UFPEL.....	122
Figura 79 e 80: Destaque nas capas do Jornal Diário Popular.....	123
Figura 81: Matéria no Jornal Diário da Manhã.....	126
Figura 82: Loja do Bathie.....	127
Figura 83: Bathie na reunião na Câmara após agressão sofrida.....	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A CHEGADA	29
1.1. Interação	29
1.2. Entrosamento	47
2. O ACOLHIMENTO	61
2.1. Espaço público	61
2.2. Fiscalização e Operação Mercúrio.....	69
2.3. Redes de solidariedade	82
2.4. Ações do poder público	96
3. A DISPERSÃO	104
3.1. Fluxos migratórios, identidades e estereótipos	107
3.2. Entre o legal e o ilegal: regras e consumo	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	134
ANEXOS	143

INTRODUÇÃO

Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruído sem que o desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que elas nos levem. Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne¹ destas histórias confusas. (LATOURE, 1994, p.9).

Na estrada da vida passamos por muitos caminhos. Alguns ficam despercebidos e outros nos provocam um querer observar mais para entender e refletir esse determinado trajeto, seus componentes, suas complexidades, suas redes interligadas e conectadas. Diante disso, antes de dar início a essa narrativa de encontros e desencontros, posso relatar que o meu interesse sobre a diáspora africana contemporânea começou e se ampliou quando eu e os principais atores do recorte dessa temática, os imigrantes senegaleses no Brasil, passamos e nos encontramos por duas vezes em diferentes estradas: em abril de 2014 e em junho de 2015. Desde então, aqui estou a escrever, junto aos aparatos científicos e através desta dissertação, como e por onde ando agora, com intuito de compartilhar algumas reflexões, teorias, métodos, acontecimentos e sentimentos que foram adentrando na minha bagagem por essa nova estrada etnográfica e antropológica.

Em abril de 2014, morava no Rio de Janeiro, mas me encontrava em São Paulo (cidades na região sudeste do Brasil) e seguia para a minha primeira viagem para o sul do país, rumo à cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Foi nessa ocasião que foi oportunizado o meu primeiro contato com imigrantes africanos vindos do Senegal e recém-chegados ao Brasil. O primeiro encontro teve o seu início por cerca de quatro horas no Terminal Rodoviário do Tietê² e quis o devir que se prolongasse

¹ A expressão vem da mitologia grega, e faz referência ao fio que Teseu recebeu de Ariadne para escapar do labirinto após vencer o Minotauro. É o mesmo que uma ligação, um fio condutor que auxilia a sair de determinada situação problemática ou a concluir um raciocínio.

² De acordo com o Folha Online de São Paulo (http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/sao-paulo452/conheca_sao_paulo.shtml), esse terminal é considerado o maior terminal rodoviário da América Latina e o segundo maior do mundo, menor apenas que o Terminal Rodoviário de Nova Iorque. Possui um fluxo diário de em torno de 90 mil usuários por dia, através de embarques e desembarques de pessoas vindas de vinte e um estados brasileiros; países como: Argentina, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai; e linhas especiais dos principais Aeroportos do Brasil: Congonhas e Guarulhos.

por mais 24 horas³ dentro de um ônibus que saiu da cidade de São Paulo para a capital do Rio Grande do Sul: Porto Alegre. No transporte, encontravam-se 34 passageiros vindos do continente Africano e somente seis do Brasil. Nesse fluxo me aproximei, interagi e segui, em um curto período, o mesmo percurso deles. Tempo suficiente para querer mais respostas para as muitas questões surgidas, uma após a outra, mas insuficiente para respondê-las.

O segundo encontro se deu em junho de 2015, na cidade de Pelotas, região sul do Rio Grande do Sul, onde já havia há alguns meses fixado residência. Essa minha aproximação mais sistemática, ou seja, não ao acaso, com este “outro”, os senegaleses imigrantes, foi um novo trajeto no qual um exercício etnográfico me levou a fazer com um pequeno grupo que ficava em torno da “Praça dos Enforcados”⁴. Eram atividades para as aulas no primeiro semestre do curso de graduação em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Entretanto, conforme já mencionado, algumas curiosidades – entre elas, como seriam as relações entre os recém-chegados africanos com o ‘nós’, brasileiras e brasileiros –, ocorreram bem antes das orientações acadêmicas para a realização desse exercício, que será detalhado no capítulo 1.

Quando estava cursando o segundo semestre, inscrevi-me e passei pelo processo seletivo para o mestrado⁵ em Antropologia de 2016, na mesma universidade; com o projeto de dar continuidade à pesquisa que já vinha desenvolvendo com este coletivo de imigrantes que trabalhava no comércio ambulante. O ingresso no mestrado teve então o objetivo de aprofundar a reflexão sobre este processo migratório.

Em vista disso, podemos verificar um crescente número de pesquisas acadêmicas e de interesses mundiais com temáticas que se referem às diásporas globais. Isto é, a busca pela reflexão sobre a dispersão pelo globo de um grande contingente de pessoas, motivada principalmente por guerras, desacordos políticos, crise econômica, busca por melhores condições de vida, perseguições étnicas e/ou religiosas. Normalmente esses processos migratórios nem sempre se dão de forma desarticulada, somente quando há a necessidade de fuga urgente. No âmbito geral,

³ Tempo além do normal que são de 18 horas para esse percurso, devido a atrasos com desvios de rotas e paradas longas de embarques e desembarques em outras cidades.

⁴ Assim popularmente conhecida. Seu nome oficial é Praça Cipriano Rodrigues Barcelos. Fica localizada entre as ruas Marechal Floriano, Lobo da Costa e Barão de Santa Tecla, na cidade de Pelotas/RS. Essa praça tem uma forte ligação com os primeiros africanos que habitaram a cidade de Pelotas e será relatado mais à frente, no capítulo 1.

⁵ A inscrição foi realizada, pois já era graduada no curso de História pela Universidade Veiga de Almeida (UVA), localizada na cidade de Cabo Frio no Rio de Janeiro, no ano de 2008.

podemos verificar também que esses fluxos ocorrem por meio da constituição de redes de relações, apoiadas em vínculos religiosos, de parentesco ou do compartilhamento do pertencimento nacional e/ou étnico-racial.

No entanto, dentre esses processos massivos de deslocamento populacional, as diásporas negras (africanos de várias nacionalidades, haitianos, afro-caribenhos, etc.) assumem um lugar marcante e levantam problemas específicos, pois são segmentos afetados por um intenso processo de racialização que remonta aos métodos de escravização e colonização (HALL, 2010). Essa especificidade torna ainda mais complexa a discussão sobre identidade. O sociólogo Stuart Hall (2003) denomina de “culturas da diáspora” a apropriação criativa que os imigrantes fazem de referências de múltiplas origens na recomposição das suas identidades, alimentadas pelos fluxos e contrafluxos do Atlântico Negro (GILROY, 2001). Por Atlântico Negro, Paul Gilroy considera o sistema de trocas culturais, não só entre lugar de origem e local de destino, mas entre as várias comunidades da diáspora negra. Segundo ele, essas compõem “[...] estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória” (Ibid., p. 35). Com isso, a partir do que foi até aqui exposto, uma das perguntas surgidas na dinâmica das experiências etnográficas e com as leituras teóricas foi: de que maneira esses imigrantes senegaleses participam do Atlântico Negro?

Embora se tenha uma imagem da África e dos países nos quais prevalece a população negra marcada por distúrbios políticos e econômicos, o antropólogo haitiano Joseph Handerson (2015) articula-se para a necessidade de buscar apreender os significados da “diáspora”. Igualmente, da dispersão sistemática de segmentos de um determinado país, a partir da perspectiva dos próprios imigrantes. Desenvolvendo assim uma pesquisa nestes termos junto aos haitianos e sobre os quais geralmente se tem uma imagem destes imigrantes como “coitados”, “necessitados”, vítimas de tragédias. Nem sempre é o caso. Assim Handerson demonstrou sobre os imigrantes haitianos e assim Mocellin (2017) sugere na sua etnografia junto a um grupo de imigrantes senegaleses de Santa Maria: migrar pode fazer parte de projetos familiares em que estão em jogo questões referentes a aquisição de experiência, reputação e conhecimento.

Referindo-se a esse deslocamento, Stuart Hall (2003) chama atenção para o desaparecimento de identidades estáveis, causado por uma diferenciação cada vez mais presente diante de um contexto de globalização, marcado pelos fluxos intensos de pessoas, códigos, padrões de significados e tantos outros mais. Inicialmente, com

indagações relacionadas às constantes mudanças socioculturais mundiais, pretende-se, através desta dissertação, ampliar e aprofundar essas proposições, acompanhadas de reflexões, avaliações críticas sobre os efeitos causados pelo encontro entre o “eu” e o “outro”.

Reproduzindo o relato anterior, as experiências etnográficas com esse grupo de senegaleses compreenderam principalmente às atividades do comércio ambulante. Conseqüentemente, de maneira específica, nas ruas foi possível encontrá-los e interagir com eles. Dessa forma e sob tal complexidade, encontrei em Mary Douglas e Baron Isherwood (2004), a afirmativa de que através do consumo podemos identificar muitas das nossas relações sociais, nas quais pode-se construir muros ou pontes. Pude constatar então que por meio dessas atividades econômicas, os senegaleses foram construindo um repertório interessante de elos com diversos atores da sociedade pelotense. Mas a consideração de suas atividades como “ilegais”, por parte do poder público local, gerou muros difíceis de serem ultrapassados.

Em diversos momentos, durante a pesquisa, verifiquei que os produtos comercializados proporcionaram a aproximação e o contato social entre os/as brasileiros/as e africanos, no ambiente pelotense. Suas mercadorias correspondiam principalmente às variedades que se alternavam sazonalmente de acordo com as demandas impostas pelas estações do ano. Havia bijuterias, relógios, calçados, bolsas, óculos de sol e outros itens para o verão ou acessórios para o inverno, mais especificamente: luvas, meias e toucas. Por meio do contexto de sua venda, aprendiam-se o idioma e princípios de convivência da sociedade local, tanto quanto empatias e solidariedades nas quais se estabeleciam.

Porém, paralelamente, por ser uma atividade não regularizada pela prefeitura da cidade, foi ocasionando transtornos nas relações entre o poder público, a população local e os imigrantes senegaleses. Nesse âmbito, justificam a vinda em busca de oportunidades e de uma vida melhor, para si e para os familiares que ficaram no continente africano, do outro lado do Atlântico. A esses familiares, eles regularmente enviam ajuda financeira devido à crise econômica que atinge não só aquele país, mas grande parte do mundo.

Com isso, após a constituição de um coletivo de aproximadamente 30 senegaleses entre os anos de 2015 e 2016, iniciou-se em 2017 uma dispersão de vários deles para outras cidades do Rio Grande do Sul. Indo também para outras localidades do Brasil e América do Sul, como Uruguai e Argentina (figura 2). Essa

dispersão se deu com a diminuição e a insegurança na prática de vendas às ruas em razão do rigor da fiscalização e de algumas manifestações brutais de repressão por parte do poder público municipal. Acompanhadas inclusive de posicionamentos xenófobos que sofreram entre o final de 2015 e em 2016. Persistiram e agravaram-se essas abordagens no ano de 2017, as quais dividiram opiniões e reações por parte da população local incluindo também fora da cidade de Pelotas. Sendo as mesmas difundidas e discutidas principalmente pela imprensa da localidade e redes sociais.



Figura 2: Lugares para onde dispersaram parte dos ambulantes senegaleses de Pelotas.
Fonte: Mapa elaborado no Google Maps, 2018.

Cabe destacar que, nesse limiar de espaços, conforme fui adentrando e obtendo mais aproximação com os atores desse campo, tudo foi se tornando mais intenso e bem tenso. Mal havia dado início às disciplinas do mestrado – e passando por um período perturbador diante de uma tragédia familiar⁶ –, fui interpelada por uma

⁶ Resultado do descontrole político e a violência alastrada no meu Estado de origem, Rio de Janeiro.

demanda urgente por parte do coletivo de imigrantes que trabalhavam como vendedores ambulantes. Os quais foram duramente reprimidos no exercício das suas atividades. A repressão constituída pelos representantes do poder local implicou em um forte uso de aparato bélico: gás de pimenta, armas de choque e ameaças à mão armada. Essa situação deixou esse coletivo em uma condição de fragilidade, não só porque suas atividades de subsistência ficaram comprometidas, mas também a segurança física e a integridade psicológica. Fui repentinamente demandada a me envolver em uma série de atividades nas quais me exigiram posicionamentos, tomadas de decisões e intervir com mediações entre esses atores e os mais diversos/as personagens que compunham esse cenário.

Passaram a ser confusas as atitudes ou métodos que deveria seguir na trilha das interações com esse grupo de senegaleses, com cujas pessoas, a estas alturas, já mantinha relações afetivas muito fortes. Se não tinha certeza sobre qual tipo de vínculo passei a manter com eles, naquele momento, havia a certeza de que não se tratava mais de uma relação etnográfica tradicional, limitada à observação e registro de fatos. Não eram simples “objetos” de pesquisa, mas sim pessoas que estavam articulando uma rede de apoio e resistência. Além disso, estava sendo incluída dentre essas para qual deveria compô-la. Era tudo muito inicial para mim na condição de uma pesquisadora antropóloga, por estar recém agregando as teorias e métodos antropológicos dos quais, até pouco tempo, desconhecia. Hoje percebo quanto não estava seguindo os tradicionais “protocolos de pesquisa” que fundamentam o conhecimento antropológico. Estava não apenas fazendo uma “tradução cultural”, mas me envolvendo diretamente em tomadas de decisões.

O modo de me relacionar com a pesquisa passou a ser muito diferente da formação inicial em História que havia obtido alguns anos antes. Nesta formação tinha aprendido a ser objetiva, a ter neutralidade e a buscar o não envolvimento pessoal com a pesquisa. Já adentrando na Antropologia, encontrei direções mais próximas para as possíveis respostas de tantas coisas. Entretanto, a tensão iniciou quando percebi a intensa subjetividade na qual encontrava a todo momento. A observação participante (MALINOWSKI, 1986) não tinha como ser somente participante. A necessidade de ser mais propositiva e mediadora ocorreu diante de uma arena densa, complexa e tensa. O “ser afetado” (FAVRET-SAADA, 2005) passou a rodear o “estar lá” e “escrever aqui” (GEERTZ, 2009), diante da pluralidade de vozes (CALDEIRA, 1988) e intensidade de interesses diversos. Tornando-se, por diversas vezes, rituais

dolorosos e carregados de uma veloz dinâmica de dúvidas e insegurança.

Em alguns momentos eram supridas temporariamente por teóricos, mas logo ressurgiam na forma de dilemas. Pois, o vínculo de cumplicidade densa construído com esses imigrantes me abriu, de forma não premeditada, para o compartilhamento de um leque extenso e complexo de experiências. De modo que a dificuldade maior foi de sistematizá-las e organizá-las. Esta dificuldade se acentuava ainda mais por causa do caráter traumático de muitas dessas situações vividas com eles. A exemplo disso: a violência direta dos agentes de segurança municipal, o confronto político explícito com representantes do poder público diretamente envolvidos nas ações de repressão aos senegaleses, o meu desconforto, insegurança psicológica e física a rondar a cada atitude mais densa que por vezes era tomada.

Os fatos foram vividos de maneira rápida e inesperada e é sobre eles, em parte, pensei ser importante direcionar essa dissertação. Essas experiências, insisto, antecederam a formação nas disciplinas e o grande desafio foi vencer os bloqueios na qual toda essa situação gerou e inscrever isso em um texto compreensível. Métodos e teorias foram conhecidas não antes, mas durante o período de atuação em campo. Decisões práticas e urgentes tiveram que ser tomadas. Muitas vezes, sem que o tempo me permitisse buscar respostas teóricas ou metodológicas de uma maneira bem mais refletida. Tal situação causou e ampliou um constante sentimento de desconforto e insegurança a partir do intenso e longo ritmo de quase três anos, ininterruptos, de acompanhamento em situações tão complexas e tensas, junto ao grupo de imigrantes senegaleses na cidade de Pelotas. Do mesmo modo, mostraram-se lacunas teóricas em estruturação para organização dessas experiências. Acresce que, mesmo assim, muitas situações vividas em campo só consegui reconstituir por meio da ajuda de reportagens hospedadas na internet que pesquisava e arquivava.

Nesse sentido, além do interesse pela forma na qual esses imigrantes africanos recompõem suas identidades nesse deslocamento, busquei identificar e refletir sobre as ações que foram geradas e efetivadas para a/ou na tentativa de inserção desse grupo dentro da sociedade e do mercado de trabalho local. Isso se deu em virtude das propostas elaboradas após intensa mobilização de organizações da sociedade civil, através de redes sociais e das reuniões diversas nas quais pressionaram o poder público local (Legislativo e Executivo) a adotar posturas mais propositivas e tolerantes em relação a esses imigrantes.

Dentre os objetivos específicos, inicio a pesquisa com a reflexão de como se

deu o percurso etnográfico, os acontecimentos e as relações em torno do coletivo de imigrantes senegaleses e/com a sociedade local. Posteriormente, analiso as diversas reações dessa sociedade diante da presença desses imigrantes. Da mesma forma, procuro mapear, analisar e discutir os posicionamentos e as ações das atuais políticas públicas municipais. Por fim, simultaneamente, busco proporcionar uma análise crítica e ampliar as discussões sobre os desafios e as estratégias geridas referentes a complexidade da diáspora contemporânea.

Convém ressaltar que os imigrantes senegaleses, ao chegarem em Pelotas, além de praticarem o comércio ambulante, realizado em outro país e continente, também trazem consigo valores culturais e experiências. Com efeito, permanecem conectados em redes que se interligam e proporcionam essa migração. Aos poucos, foram sendo apresentadas situações e o modo como os imigrantes se percebem (ou não) na condição de africanos no Brasil. Da mesma forma como as/os brasileiras/os as/os percebem na sua condição de africanos. Verifiquei algumas das consequências forjadas nas relações do convívio diário com outras culturas, outras identidades e com o “outro”. Igualmente observei e acompanhei a maneira que se dava esse convívio mútuo e a recepção local a esses imigrantes, incluindo os diversos segmentos da sociedade civil, os órgãos e instituições do poder público.

De acordo com Jardim (2013) e Mocellin (2017), desde 2010 observa-se um aumento do fluxo de imigrantes estrangeiros no Brasil. Inicialmente, uma ampla quantidade de haitianos e depois de senegaleses começam a chegar em grande número desde os anos de 2012-13. Muitos desses imigrantes se direcionam para locais de forte industrialização, por exemplo, no Rio Grande do Sul, onde grande parte foi para a região da serra gaúcha. Mais especificamente o município de Caxias do Sul. Sobre essa dispersão desses imigrantes e conforme nos é apontado por Uebel, no “território brasileiro os senegaleses estão mais concentrados no Rio Grande do Sul do que fora dele, em comparação aos haitianos” (2017, p. 192). Isso tem gerado, segundo Jardim (Ibidem), discussões sobre limites na legislação e dispositivos de controle e monitoramento desses imigrantes, mas também, acionado uma diversidade de atores, mobilizados pela urgência de discutir direitos e formas de acolhimento.

Especialmente entre os senegaleses, um número significativo passou a se dedicar à atividade de comerciantes informais, expondo mercadorias para venda na rua. O que tem gerado confrontos com legislações municipais nas quais regram os usos do espaço público. Neste caso, em Pelotas, pode-se afirmar, nesse sentido, que

esses senegaleses participam de um processo mais geral o qual é denominado por Gustavo Lins Ribeiro (2010) de globalização popular ou globalização não hegemônica.

Em relação às práticas econômicas desse tipo de globalização:

Em geral, suas atividades são consideradas ilegais, “contrabando”. Uma grande quantidade das mercadorias aí vendidas é chamada de produtos piratas pelos poderes estabelecidos. Essas atividades são ilegítimas do ponto de vista dos poderosos, que as combatem em nome da legalidade. Assim, é impossível entrar nessa arena sem primeiro tocar na discussão sobre o que é legal/ilegal, lícito/ilícito (Ibidem. p. 22).

Ribeiro (Ibid.) afirma ainda que essa globalização não hegemônica se constitui a partir da apropriação de capital e padrões de consumo por parte de segmentos sociais vulneráveis, pois só desta forma conseguem vislumbrar projetos de mobilidade social ascendente. É possível articular esta proposição com o alerta do sociólogo jamaicano Stuart Hall (2003) de que as sociedades colonizadas se apropriam de distintas maneiras dos valores e princípios da modernidade, constituindo “modernidades vernáculas”. Já Paul Gilroy (2001) chama a atenção que as culturas políticas geradas pelos fluxos contemporâneos do Atlântico Negro visam, dentre outros objetivos, a conquista de “políticas de realização”. Isto é, a tentativa, por parte de segmentos das sociedades colonizadas e racializadas, de acessar as promessas não efetivadas de cidadania e bem-estar defendidas pela modernidade eurocêntrica, as quais historicamente legitimaram processos de conquista e subordinação.

Dentro desta ótica, Ribeiro vai destacar que as atividades econômicas dessa globalização não hegemônica desafiam o *establishment* em todos os níveis, por isso seus agentes são tratados como quem vive na ilegalidade e como criminosos:

A maior parte do tempo tais atividades são tratadas como assunto de polícia, sendo objeto de ação repressiva elaborada. [...] De toda forma, trabalhadores, como camelôs, cujo “crime” é trabalhar fora dos parâmetros definidos pelo Estado, são uma parte expressiva da globalização não hegemônica (2010, p. 29).

Assim, diante do exposto, e levando em conta todos os estereótipos que historicamente pesam sobre os africanos, essa pesquisa se conecta a questões de fundo a respeito de como esses imigrantes negociam a sua entrada na “modernidade”. Considerando além de um imaginário geral sobre África, a visão que alguns setores

da sociedade difundem sobre eles, de que são uma “ameaça⁷” –, por meio do envolvimento com o tipo de produto comercializado. As ações repressivas às atividades econômicas desses imigrantes senegaleses, em Pelotas, foram levadas a cabo, sob o argumento de ocupação de forma irregular de espaços públicos. Além das suspeitas lançadas deles serem aliciados por alguma organização ilegal interessada na comercialização desses produtos. No entanto, constatei em campo, atividades de muitos outros ambulantes com a venda do mesmo tipo de mercadoria, no mesmo espaço, não sofrendo a repressão de maneira tão agressiva.

Nesse ínterim, a presente proposta foi sendo direcionada para a mediação de questões de ordem prática. Alguns projetos, propostos por diversos protagonistas, foram elaborados como tentativas de solucionar a situação conflitiva. As alternativas ainda se encontram em aberto e foram debatidas em uma sequência de reuniões entre instituições que representam o poder público municipal, estadual e federal. Envolvendo representantes da sociedade civil e de instituições de ensino superior.

O grupo de imigrantes reivindicava um local para que pudessem realizar a venda de seus produtos sem serem importunados pela Guarda Municipal. O poder público, em contrapartida, propôs aos senegaleses a modificação dos produtos, a serem comercializados, para artesanatos, tecidos, vestuários oriundos de seu país. Em vista disso, esta alternativa necessitaria de um certo tempo para se concretizar, pelas adequações requeridas. A preocupação encaminhou-se em verificar como se daria a transição até a conclusão dessa mudança. Porém, não chegou a se efetivar! Por um tempo, continuaram nas ruas com as mercadorias anteriores à proposta, sendo considerados ainda ‘ilegais’ e permanecendo em situação de insegurança até seus deslocamentos para outros municípios. Tal circunstância era motivada por não receberem a permissão e/ou um espaço específico para as vendas de suas mercadorias, ou outras possibilidades de sobreviverem financeiramente.

A pesquisa vem com a intenção de auxiliar na compreensão da adesão ou recusa dos senegaleses a estes projetos, as ações propostas e quais os valores e significados estão implicados nestes posicionamentos. Ao mesmo tempo, propõe-se a compreender também as diversas representações que esses distintos proponentes possuem a respeito desses imigrantes, suas concepções de justiça, de direito, de dignidade humana. Neste sentido, reafirma-se a importância de pesquisar e analisar

⁷ Dado que estariam em vantagem perante aos comerciantes legalizados que têm gastos maiores com aluguel de loja, taxas, impostos das mercadorias e funcionários da loja.

as problemáticas relativas ao tema escolhido, porque é perceptível que a vinda dos imigrantes senegaleses é uma realidade recente e uma temática ainda não tratada em Pelotas. Diante desta confirmação, também podemos constatar a necessidade de se buscar mais informações com o propósito e proposta de se ampliar os debates sobre esses novos acontecimentos, que impactam não apenas dentro, mas também fora do campo acadêmico. Diante disso, poder participar da construção de ferramentas e alternativas nas quais possam proporcionar mais participação e incentivos institucionais nesses debates, envolvendo tanto a comunidade acadêmica como a sociedade civil e órgãos governamentais de forma geral.

Atualmente, a temática das identidades, tanto em suas similaridades e diferenças, sejam elas religiosas, ideológicas, raciais, econômicas ou de gênero, tem despertado diversas frentes de discussão sobre direitos humanos e os direitos fundamentais da dignidade humana. Confrontos constantemente se fazem presentes na busca pelo reconhecimento das diferenças (WOODWARD, 2004) e tais embates ocorrem frente a emergência de posturas fundamentalistas e xenófobas. Isso se dá justamente em um momento em que a questão imigratória está no centro dos debates da política internacional, com os dramas humanos que a acompanha⁸. O caso dos senegaleses, e outros tantos espalhados pelo globo, está indicando o quanto estes encontros de diferenças têm se transformado em relações acirradas. Desafiando as Ciências Sociais não só na elaboração de interpretações e análises, mas também no envolvimento de posturas mais propositivas a esses desafios de convivência.

Importante aqui ressaltar que foi dada a essa dissertação uma prioridade maior ao material etnográfico. Por isso a utilização específica da etnografia nos dois primeiros capítulos, considerando a reflexão da antropóloga Mariza Peirano (2014, p. 383) em sua afirmação de que a “etnografia não é método; toda etnografia é também teoria”. Embora muitas interações tenham ocorrido antes da apropriação de uma reflexão metodológica mais aprofundada, identifico-me com a proposta de Geertz no que tange à realização de uma descrição etnográfica densa. Com vistas à interpretação do “fluxo do discurso social” (1989), ou seja, dos esquemas de significação que informam práticas e comportamentos. Contudo, em razão da dinâmica acelerada de muitas situações vivenciadas, e do momento no qual foram vivenciadas, só me foi permitido fazer muitas destas descrições a posteriori. Com a

⁸ Por exemplo: o drama dos refugiados e migrantes mortos por afogamento no mar Mediterrâneo e as separações forçadas das crianças de seus pais no Governo de Donald Trump, nos Estados Unidos.

intenção também que estas pudessem não se perder e que viessem com isso nos esclarecer as situações relatadas por diversas vozes e segundo nos alerta Carlos Rodrigues Brandão (2007, p.15), “uma coisa é o que as pessoas dizem a respeito disso, outra coisa é aquilo que o pesquisador vê acontecendo”.

Com isso, insisto, nem sempre os protocolos de pesquisa são viáveis de serem operacionalizados em todas as situações etnográficas. Conforme ressalta João Pacheco de Oliveira, em um contexto de pesquisa pós-colonial, em que os interlocutores alimentam “[...] relações complexas com aqueles que decidem pesquisá-los”, os cânones da disciplina “[...] não fornecem mais uma carta de navegação inteiramente satisfatória e confiável” (2013, p. 49 e 54). O contexto exige cada vez mais tomadas de posição sobre questões que não podem ser restringidas a um regime técnico, pois, são objetos de intensas disputas semânticas e políticas. Até porque, estes interlocutores não mais se resignam a ocuparem o papel de “objetos” passivos do conhecimento antropológico. Afirmando de forma cada vez mais intensa a intenção de interferir nas representações elaboradas sobre eles por agentes externos. A relação unilateral de pesquisa, estabelecida em um quadro colonial, na qual institui a clássica dicotomia antropólogo x nativo, e é geradora de narrativas exotizantes, precisa ser repensada de modo a gerar reflexividade sobre as distintas posições de poder ocupadas por uns/umas e outros/as nesta relação.

Acompanhando os encontros etnográficos, procedeu-se o diálogo teórico, mas, principalmente, o diálogo com os diversos protagonistas das situações vivenciadas nesta pesquisa (PEIRANO, 1992). Dos quais não têm por objetivo apenas o acesso às informações: procuro compartilhar com eles os informes publicados na imprensa e nas redes sociais, o lugar de fala nas situações em que sou convidada a falar sobre a pesquisa (como ocorreu na roda de conversa do Dia do Patrimônio, descrita mais adiante). Mostrando, inclusive, o conteúdo do qual será tratado, para garantir o máximo de participação nas atividades as quais lhes dizem respeito.

Os vários encontros etnográficos transcorreram especialmente no ano de 2016 e geraram um vasto conjunto de anotações sobre as situações vividas. Muitas delas descritas rapidamente, no formato de tópicos, para assegurarem a lembrança do ocorrido e para serem reconstituídas depois. Neste trabalho que venho agora a fazer, esbarro nas dificuldades de memória pela forma intensa e tensa cuja as experiências aconteceram. Em muitos momentos me deparei com experimentos aos quais não consegui narrar e pela dificuldade de expressá-los pela via intelectual. A

partir dos discursos apresentados por Jeanne Favret-Saada (2005), posso afirmar que estas situações geraram distúrbios provisórios de percepção ou a submersão em sentimentos extremos, e tentar reconstituir isso não deixa de ser uma forma de revivê-los. Esta afetação também se intensifica pelo sentimento de frustração por pouca coisa ter se encaminhado em relação às várias alternativas que foram apresentadas para solucionar o “problema” da permanência dos senegaleses na cidade.

Além dessas anotações, disponho de um vasto material oriundo das campanhas e polêmicas que circularam e circulam nas redes sociais. Sem contar que a minha interação com os senegaleses por esta via também é intensa. Somam-se a isso inúmeras reportagens na imprensa local e regional, além de documentos sobre os Planos de Ação da Prefeitura, cópia da carta enviada à Embaixada Senegalesa (anexo 1), Boletim de Ocorrência e da formação da Associação dos Imigrantes Senegaleses em Pelotas, fotos e vídeos, dentre outros.

Por agora, posso dizer que esta pesquisa está longe dos cânones do estranhamento e da objetificação do “outro”, tal como requer uma etnografia tradicional. A interação, com os senegaleses, transcorreu em várias situações, “[...] enleada em demandas de ação” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2004, p. 22), a partir de um compromisso ético em construir parâmetros de bem-viver para o grupo. Com efeito, isso gera necessidade de reflexões metodológicas sobre ética, que podem contribuir no aprofundamento destas questões para a antropologia na totalidade e sobre as quais o exercício da pesquisa etnográfica produz uma série de inquietações. Neste caso, para mim, “em vez de sanar dúvidas, cada nova experiência só atiçava minhas preocupações políticas e éticas quanto ao fazer antropológico” (FONSECA, 2008, p. 39). A esse respeito, encontramos no antropólogo Sílvio Coelho dos Santos a seguinte colocação: “tudo isso obriga a uma reflexão sobre o papel do antropólogo, sobre sua condição de pesquisador, que assume uma postura crítica” (2004, p. 102).

Ao desenvolver o trabalho, somos provocados a estar lá e escrever aqui (GEERTZ, 2009), constituindo o processo de reflexão sobre os dados do campo. Uma vez que por ser um local no qual são recorrentes os momentos de conflito, não podemos esquecer a nossa “condição de cidadão, intelectualmente privilegiado e capaz não só de propor uma leitura crítica sobre determinada realidade, mas de assumir uma proposta de intervenção” (SANTOS, 2004, p. 102 e 103). Essa situação na qual me encontro reflete especificamente tais problemáticas, pois essa “[...] explica-se por suas características de espaços públicos; neles é possível fazer

pesquisa de campo. Falar desse sistema considerando também as unidades produtivas que o compõem implica uma tarefa etnográfica muito mais árdua” (RIBEIRO, 2010, p. 33). Envoltos a isso, é importante salientar:

Ao entrar em um universo de práticas e representações sociais altamente permeado por valores em que o bem e o mal são muitas vezes absolutizados, a análise sociológica e antropológica corre o risco de ser, em uma leitura conservadora, acusada de glamorizar o crime e satanizar o Estado. Claro que, nestes contextos complexos e delicados, não se trata nem de uma coisa nem da outra. Reconhecer que as linhas entre o legal e o ilegal são definidas por relações históricas de poder e pelo exercício de hegemonia não implica uma posição relativista, onde tudo que é ilegal seja aceitável ou que toda legalidade seja absurda. Neste universo, os dilemas da pesquisa antropológica crítica encontram-se no meio de várias tensões cujo fiel da balança é o bom senso do pesquisador. Ao mesmo tempo em que não é possível absolutizar o Estado e a legalidade, tampouco se pode romantizar as práticas ilegais (ibid., p. 26).

O cientista econômico e sociólogo brasileiro Sérgio Costa (2003; 2006), nos descreve que esses estudos estão constituídos dentro de uma matriz teórica que necessita de referências⁹ epistemológicas críticas às concepções dominantes da colonialidade do poder e do saber. Essa postulação nos aponta a urgentes reflexões sobre o local, o aporte e o papel cujo o conhecimento científico tem desempenhado à sua autocrítica em relação ao “estar lá”, no campo de pesquisa, e o uso da autoridade sobre o mesmo na produção destes saberes (GEERTZ, 2009). Para ajudar ampliar a reflexão desse argumento, trago o antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira (1998, p. 42) com a seguinte análise:

O papel do antropólogo, como cientista e cidadão, passa a ter um valor agregado no exercício de sua profissão, legitimador de seu desempenho visto como totalidade. Equivale a dizer que a prática de sua profissão passa a incorporar uma prática política, quando não em seu comportamento, certamente em sua reflexão teórica.

Essas afirmativas vão ao encontro das reflexões do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2008, p.18) de que “o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e modo de sociabilidade autoritária e discriminatória”. Há uma necessidade de uma revisão crítica do passado para identificar nos discursos, nas práticas e nas relações políticas atuais as abordagens da colonização. Um olhar crítico que permitisse reaver as estruturas, os posicionamentos e o controle do poder. Assim

⁹ Verificar a crítica decolonial de Castro-Gómez (2007).

sendo, ao revermos a essas estruturas, Cardoso de Oliveira (1998, p. 42 e 43) declara: “isso de nenhum modo significa banalizar a disciplina mediante uma sorte de ativismo político, primário, dogmático”. Pois, conforme o autor afirma, desta maneira, “[...] o profissional tem um outro compromisso, igualmente ético, ainda que nem sempre transparente para si mesmo ou para sua comunidade de pares [...]”.

Desde o início, a intenção era a de se construir essa dissertação “com eles”, para de tal modo e de alguma forma, fosse evitado o discurso de uma pesquisa exclusivamente “sobre eles”. Assim como o meu posicionamento sempre foi o de estar falando com e junto deles e não somente sobre eles. Entretanto, neste momento de “estar aqui”, percebo que isso era um desejo o qual não pode ser realizado. Diante disso, diria o quão é desconfortante ter as escolhas do recorte somente em minhas mãos. Gostaria que estas tivessem sido feitas em conjunto com os protagonistas, mas acabou sendo realizada de modo isolado. Contrariando a minha vontade de se “estar aqui” com os mesmos, escolhendo quais desses percursos feitos (com eles e sobre eles) seriam também, em suas escolhas, os mais importantes de estarem aqui.

Na sequência, para um melhor entendimento do que foi exposto até aqui, seguem os relatos e as reflexões descritas e divididas nos seguintes capítulos: Capítulo 1: **A Chegada** - O intuito da narrativa deste capítulo está pautado em refletir como se deu o percurso etnográfico, os acontecimentos e as relações em torno do coletivo de imigrantes senegaleses e com a sociedade local; Capítulo 2: **O Acolhimento** - Busca-se neste capítulo relatar e analisar diversas reações da sociedade local diante da presença desses Imigrantes, assim como mapear, refletir e discutir os posicionamentos e as ações das políticas públicas municipais; Capítulo 3: **A Dispersão** - A ideia para finalizar essa trajetória é proporcionar novos caminhos para uma análise crítica e ampliar as discussões sobre os desafios e as estratégias geridas referentes a complexidade da diáspora contemporânea.

1. A CHEGADA

Para que possamos compreender como se deu esse meu percurso etnográfico será transcrito neste capítulo relatos do primeiro encontro e contato com os senegaleses – que aconteceu bem antes de ter conhecimento sobre as teorias e métodos antropológicos. Incluindo o início desta pesquisa junto a um outro coletivo de imigrantes vindo do Senegal. Passando por uma breve apresentação de alguns deles, a outros relatos referentes aos mesmos e também nos situar dos acontecimentos e das relações as quais se envolveram na cidade de Pelotas/RS.

1.1. Interação

A princípio, no meu primeiro contato com senegaleses – em abril de 2014, em São Paulo – tive a mesma impressão de boa parte dos brasileiros. De se pensar que eram haitianos, até mesmo esquecendo-se de que o Haiti não é na África e sim na América. Foram quatro horas de observação e alguns momentos de interação dentro da rodoviária do Tietê. Interação essa ocorrida devido à vontade de poder ajudá-los, de alguma forma, ao notar, à distância, por diversas vezes, a busca dos mesmos por informações ou auxílio. Nem sempre sendo entendidos e, por consequência, atendidos; provavelmente por causa do diferente idioma. Naquele momento, não soube identificar qual seria o idioma com o qual eles se comunicavam¹⁰. Entre aqueles com quem interagi, somente um deles falava inglês. O que facilitou um pouco a mediação com outro pequeno grupo formado por quatro deles, presentes na mesma fila na qual estava para a retirada das passagens. Estas dificuldades eram visíveis ao serem atendidos na compra de passagem: entendimento dos valores e do uso da moeda local, identificação do lugar de destino, realizar ligações em um telefone

¹⁰ Somente no ano seguinte, quando já realizava exercícios etnográficos como estudante de antropologia na UFPEL, obtive as informações do idioma mais falado no Senegal e também uma das línguas nacionais: wolof. Pude verificar que somente alguns dos senegaleses, com os quais passei a interagir em Pelotas, falavam a língua oficial que seria o francês. De acordo com os relatos de alguns desses senegaleses, no Senegal o aprendizado do francês depende da localidade em que se estuda.

público através de cartão telefônico, a informação de como utilizar e a compra do mesmo, entre outras situações. Dificuldades com as quais consegui auxiliá-los, mesmo não entendendo bem o que diziam. Mas isso era só uma amostra do que viria a partir de então. Já na plataforma, aguardando na fila para entrar no ônibus no qual embarcaria e iria pela primeira vez à Porto Alegre/RS, encontrei um grupo ainda maior daquele com o qual havia antes visto e interagindo no guichê e espaço rodoviário. Eram mais de 30 senegaleses, tendo entre eles somente duas mulheres. Todo o grupo embarcou no mesmo ônibus, ficando o conjunto de passageiros com somente seis brasileiros, incluindo entre esses eu e minha filha.

No momento em que aguardávamos, na plataforma de embarque, a conferência e liberação para entrar no ônibus, com todas/os passageiras/os enfileiradas/os, fui abordada por um passageiro brasileiro: homem branco, na faixa etária de uns 40 anos e aparentava ser um gaúcho pela forma específica da fala. Ele estava na minha frente e iniciou a nossa conversa tecendo comentários sobre a vinda desses estrangeiros para o Brasil, nos quais demonstrava a sua preocupação com a futura diminuição do número de vagas em empregos no país em decorrência a esses novos fluxos migratórios. Diante desse diálogo, percebi, pela inflexão de suas falas, uma não aceitação da vinda desses imigrantes para o Brasil em busca de melhorias de vida e oportunidades econômicas. Tive a impressão dele estar um pouco assustado com o que poderia vir com a chegada desses desconhecidos. Pareceu-me uma atitude defensiva de demarcação de territorialidade, com limites fixos e fechados à possibilidade de acolhimento desses estrangeiros. Havia em sua fala um tom de certeza da minha concordância com as suas opiniões. Em decorrência do meu parecer contrário ao dele, este não fez mais comentários.

Esse diálogo me deixou um tanto desconfortável, pois diferente desse passageiro, eu só pensava nas possíveis dificuldades e motivos que os fizeram vir de tão longe. Em um traçado nos limites da solidariedade humana, no qual as fronteiras entre os povos estão sendo questionadas e repensadas. Esse momento me intrigou e trouxe várias reflexões sobre as linhas divisórias, entre os diferentes grupos humanos, nas quais muitas vezes são estabelecidas como fronteiras fixas de pertencimento. Por um lado, a circulação de pessoas, por outro, as atitudes defensivas das/nas quais repõem fronteiras exclusivas.

Foi uma experiência muito significativa, com um total aproximado de 24 horas de viagem, observando e auxiliando entre uma parada e outra, nos terminais

rodoviários, um grupo que desconhecia por completo. A maioria aparentava estar muito cansada e descompensada. Talvez pelo longo período de deslocamento entre um destino e outro, com o seu início bem antes de os encontrar na rodoviária do Tietê em São Paulo. Todos eram bastante jovens, deveriam ter em torno de 20 anos ou pouco mais. Com exceção de duas mulheres e três homens que aparentavam ter entre 30 a 40 anos ou um pouco mais idade. Esse grupo de senegaleses mais velhos ocupou as primeiras poltronas durante toda a viagem e uma dessas mulheres me pareceu formar casal com um desses homens.

Dentro do ônibus, era impossível não notar o quanto alguns eram extremamente altos. Muitos deles, quando se movimentavam pelo corredor, andavam encurvados, pois o teto se tornava baixo para esses africanos. Lembro nitidamente a imagem de quando um deles foi se espreguiçar e de ver suas mãos encostarem no teto ao esticar os seus braços, mesmo esse estando sentado.

Estava a maioria muito inquieta em boa parte da viagem: diversas vezes levantaram para buscar água ou ir até o banheiro no final do corredor. Eram muito descontraídos. Conversavam bastante entre eles, mesmo quando um estava distante do assento do outro. Em certo momento, a conversa se animou e um deles, um dos mais altos entre eles, foi até o centro do ônibus e chamou atenção dos outros. Prontamente ficaram quietos e parte deles se ajeitou na poltrona para dormir e outros passaram a conversar de forma bem mais discreta uns com os outros. Esse momento destacou-se, já que além do fato relatado, o rapaz autor do pedido de silêncio me pareceu bem jovem. Suas vestimentas eram muito elegantes. Vestia uma bela túnica¹¹ e no pescoço portava um cordão de contas, aparentemente de madeira, com um pêndulo na ponta, muito parecido com um rosário¹². Outro aspecto que me marcou foi o tom de pele dos mesmos, inconfundível com a variação de tons de pele negra com os quais eu estava habituada no Rio de Janeiro e de outras partes do Brasil.

Durante a viagem, um episódio divertido ocorreu entre eles e nós brasileiros que estávamos no ônibus, inclusive o motorista. Foi em uma das paradas, quando o ônibus, já no Rio Grande do Sul, entrou em uma cidade pequena e parou numa plataforma em onde havia um complexo de várias lojas, quando alguns deles

¹¹Conhecida no Oriente como *kaftan*, que é uma espécie de blusa que lembra um vestido.

¹² Conhecido no Oriente como *Masbaha*, é um objeto similar a um rosário, de uso tradicional entre os fiéis da religião islâmica. É chamado também de terço árabe ou terço islâmico, usado por diversas religiões para meditação, orações e pedidos de auxílio.

desceram. Como era uma parada apenas de embarque e desembarque, sem demora o ônibus partiu e deu-se falta de um dos senegaleses. Todos, inclusive nós, alertamos ao motorista sobre o fato. Ele então avisou que faria a volta. Nesse instante vimos o senegalês correr desesperado atrás do ônibus e os de dentro riam, gargalhavam e se divertiam com a imagem de desespero do amigo e a sua expressão da certeza de que ficaria para trás. Assim que o mesmo, esbaforido, subiu no ônibus, transcorreram momentos de muita diversão para eles. Falavam o tempo todo, em uma sinfonia de variáveis frases desconhecidas misturadas a risos e zombarias. Bom, isso foi o que concluímos pelas inflexões das falas e expressões em seus rostos. Na parada de Caxias do Sul, desceram quase todos eles, ficando somente três homens e uma mulher. Desceram esses últimos na parada final: Porto Alegre.

Aproximadamente um ano depois desta experiência, mudei do Rio de Janeiro e fui morar no Rio Grande do Sul, em Pelotas, em virtude da transferência de universidade de minha filha. Após um semestre, inscrevi-me como portadora de diploma no curso de graduação em Antropologia pela Universidade Federal na mesma cidade. Já no primeiro semestre das aulas, soube da presença de imigrantes “africanos-haitianos-senegaleses”¹³ na cidade. As informações que me chegavam eram incertas sobre o local de origem preciso desses imigrantes (figura 4).

Com a confirmação do local de origem e diante desses dados, escolhi esse grupo para fazer o meu primeiro exercício etnográfico, para a disciplina de Introdução à Antropologia, já que uma nuvem gigantesca de questões sobre esses africanos ainda pairava e me seguia desde aquela viagem que havia realizado no início de 2014. Vi ali a grande oportunidade de encontrar algumas respostas às muitas perguntas que foram suscitadas na época por aquelas interações ocasionais. Posso, por assim dizer, que, para algum sentido, esse campo veio até mim ou me buscou para ele. Deste modo, pude dar continuidade, com a companhia e auxílio de diversos/as autores/as, pesquisadores/as, teorias e conceitos, ao que viria a ser uma longa caminhada etnográfica e antropológica. Com isso, abria-se a possibilidade de um melhor entendimento do que antes era apenas curiosidade, vontade de compreender e de ajudar de alguma forma aquelas pessoas envolvidas no encontro de culturas tão diferentes e desconhecidas.

¹³ As informações eram confusas sobre a nacionalidade deles e muitos diziam que eram haitianos. Provavelmente por questões étnico-raciais (HERÉDIA, 2015).



Em sentido de cima para baixo:

Figura 3: Localização da cidade de Pelotas no mapa do Brasil.

Fonte: http://www.fraternidade.org.br/institucional/mapa_Pelotas7.php

Figura 4: Localização do Senegal no mapa-múndi.

Fonte: <http://wanderlustvlog.com/pt/%C3%81frica/pa%C3%ADses-do-mundo-senegal/>

Figura 5: Localização dos países próximos do Senegal no continente africano.

Fonte: <http://noiatravessiammo.blogspot.com/2014/06/do-senegal-para-o-brasil.html>

Logo nos primeiros dias de junho de 2015, lá fui eu ter a minha primeira experiência etnográfica, com a orientação da observação participante de Malinowski (1986), pelas ruas do centro de Pelotas, em companhia de um colega de curso, Jean Lucas Ferreira, que fazia dupla comigo nesse exercício. Encontramos um pequeno grupo próximo à “Praça dos Enforcados”, popularmente assim conhecida por ser ali, segundo os moradores mais antigos, o local onde se enforcavam os escravos fujões e outros julgados por crimes. Oficialmente, depois de diversos nomes intitulados, passou a chamar Praça Cipriano Barcelos. Uma homenagem dada ao intendente municipal¹⁴ e engenheiro civil Cipriano Corrêa Barcellos (1858-1935)¹⁵, um dos principais responsáveis pelo embelezamento e modernização urbana da cidade (GIL, 2001; 2007), nos tempos do auge econômico que alavancaram Pelotas através das grandes produções das charqueadas¹⁶ no século XIX.

Pela abordagem de Maciel (p. 16, 2014), em sua dissertação de mestrado sobre o estudo arqueológico nessa praça e sobre os lamentos dos negros os quais foram enforcados ali, a mesma era “ocupada por grupos de menor poder aquisitivo que habitavam o município”, dentre eles/as escravos/as e ex-escravos/as trazidos/as forçosamente do continente africano. Onde também no local foram jogados os lixos de regiões urbanas da cidade. Historicamente “uma praça marginalizada desde a sua formação no início do século XIX” e quando ainda era o leito do arroio Santa Bárbara. Diferenciando-se da praça central Coronel Pedro Osório onde até os dias de hoje é rodeada por casarões construídos pelos senhores escravistas na mesma era áurea das charqueadas em Pelotas. De acordo com Caiuá Al-Alam (2007), em seus estudos sobre crime e penalidades da época, a praça pode ter ficado assim conhecida por causa das execuções públicas por enforcamentos em praças próximas e de possíveis suicídios a partir de 1930, também por enforcamento, naquele local. A pena de morte através da força se destinava para pessoas consideradas criminosas por desrespeitarem as regras da sociedade, principalmente os escravos¹⁷ e os tropeiros

¹⁴ Equivalia ao hoje ao título de prefeito municipal.

¹⁵ Algumas pesquisas, como a de Gutierrez (2001), referem-se pelo nome de Cypriano Rodrigues Barcellos, indicando que era também charqueador e escravista.

¹⁶ Eram indústrias saladeiris onde se abatiam o gado para a produção de carnes salgadas, secas ao sol e exportadas para diversas áreas do Brasil e exterior. Esse tipo de carne desidratada, foi chamada de charque e era destinada às refeições, principalmente de escravos. No local era explorada a mão de obra escravizada que traziam da África.

¹⁷ Segundo Caiuá Al-Alam (2007), essas ações se intensificaram, penalizando principalmente os escravizados africanos por volta de 1830, momento em que a população de Pelotas era em maior número composta por eles.

vindos da fronteira com o Uruguai (relativamente próxima de Pelotas) e de outras partes do Brasil, ou mesmo da Argentina. Desta forma, sendo também a cidade um lugar de passagem. Hoje a praça encontra-se reformulada, sobretudo depois de 2013, com a construção de um shopping popular conhecido por Pop Center.

Naquele instante, em que nos preparávamos para dar início a um primeiro contato, mesmo sem saber se era verdade ou não (observando-os a princípio a distância), inevitavelmente via uma ligação entre a presença desses imigrantes africanos (naquela praça, como ambulantes, vendendo mercadorias) e os/as africanos/as escravizados/as séculos antes. Trazidos obrigados em uma diáspora violentamente forçada. Novamente africanos, na atualidade, interagem neste mesmo espaço com a população local. Envolvidos em uma nova diáspora, economicamente forçada, devido, principalmente, à grande crise econômica mundial que atinge de maneira ainda mais agravante o lugar de onde vieram e no qual deixaram os seus lares, familiares, amigos/os, conhecidas/os e cotidianos. Embora essa diáspora atual seja considerada menos agravante se compararmos a brutalidade e abrangência da diáspora provocada pelo tráfico negreiro.

Nesta observação a distância, que durou por volta de 15 a 20 minutos, ficamos preocupados como seria a nossa primeira aproximação. Tínhamos receio do modo de abordá-los. Principalmente da reação deles ao explicarmos quem éramos e para que estávamos ali: seres estranhos, observando e anotando sobre eles e o que faziam. No entanto, para nossa surpresa, fomos simpaticamente recebidos antes mesmo de nos apresentarmos e tudo se deu de forma muito tranquila. Por assim seguiu-se o meu primeiro contato etnográfico e o início dessa trajetória acadêmica com os imigrantes senegaleses. Nesse dia interagimos com dois dos cinco senegaleses que ali se encontravam. Esses dois eram muito sorridentes e gentis. Os outros três ficaram distantes e não interagiram. Falavam português, apesar da pronúncia ainda um pouco confusa. Mesmo assim houve um bom entendimento e diálogo.

Na primeira e inesquecível aproximação, quem deu o primeiro passo foram eles. Logo ao passar pelos mesmos, de imediato o primeiro me abordou e segurou-me gentilmente pelo braço para perguntar sobre as pulseiras que eu estava usando e ele havia gostado. Eram pulseiras feitas por mim e de reaproveitamento de papel. Informação a qual o fez ficar mais interessado. Tentei repassar uma para ele, porém, a mesma arrebitou na tentativa de passagem da mão para o pulso. E foi assim que se desenrolou o nosso diálogo: apresentações e a nossa credibilidade para a

autorização de ficarmos ali junto a eles por volta de duas a três horas. Os dois tinham a idade de 21 anos. O primeiro apresentou-se como Abdoulaye Fall, vindo de Dakar (capital do Senegal) e o segundo, Sidy¹⁸ Ndiaye, da cidade de Touba¹⁹. Escreveram os seus nomes espontaneamente na minha caderneta para com isso pudéssemos melhor entender a pronúncia e escrita. Incluindo também, já nesse primeiro encontro, o número de seus celulares para futuros contatos. O que mais nos chamou atenção, nesse dia, foi a forma de tratamento que utilizavam com as pessoas que por lá passavam: sempre com simplicidade e simpatia; sem distinção de gênero, idade, classe social ou etnia.

Retornamos outros dias, com um intervalo semanal. Nessas ocasiões tive mais contato com os outros três dos quais havíamos visto no primeiro dia. Um mais jovem, chamado Daouda (também com 21 anos) e outros dois²⁰: Moustapha Dame e Papis²¹. Esses dois tinham aparência de mais velhos, com mais de 30 anos. No decorrer da aproximação, ainda pude constatar que somente Abdoulaye Fall residia em Pelotas há alguns meses. Os outros vinham todos os dias de Rio Grande, cidade vizinha. Era por volta de uma hora de viagem para vir e outra para retornar, em um transporte público: ônibus intermunicipal. Vinham todos os dias para vender, no calçadão²² da Praça dos Enforcados, as mercadorias que traziam na mochila e na maleta. Isso se repetiu durante os quatro encontros. Sempre duravam de duas a três horas, os quais ficávamos acompanhando-os na rua e em seus locais de venda. Nos dias que se seguiram, para a construção desse exercício, aumentou para seis o número de senegaleses com os quais interagimos. Esse aumento continuou, no transcorrer da minha etnografia, até atingir, no ano de 2016, um número de mais de 30 imigrantes trabalhando como vendedores ambulantes.

Logo no primeiro encontro, tornaram-se comuns as anotações na minha

¹⁸ Durante o período em campo, conheci um segundo Sidy. Para diferenciar os dois, passei a chamar o primeiro de Sidy Grande e o segundo de Sidy Pequeno, pois este era o mais baixo de todos. Em outros momentos troquei para Sidy1 e Sidy2, pois era difícil guardar além dos nomes, o sobrenome de todos. Houve casos de três deles com o mesmo nome. Havia também, além desses casos, três deles com o nome Gora, três com o nome Modou e quatro Moustapha.

¹⁹ Cidade sagrada onde é realizado anualmente o Grande Magal, que será aprofundado no capítulo 2.

²⁰ Esses eram os nomes que se apresentavam, porém, com o passar do tempo e a aproximação pude verificar que seus nomes eram Mouhamed Gueye e Gora. No primeiro instante pensamos que eram uma espécie de fiscal de vendas dos outros, porque pareciam muito sérios e de pouca fala. Contudo, foi um total equívoco, logo desfeito nas outras idas em campo que se seguiram.

²¹ Papis ficou sem indicação nominal e sutilmente citado no primeiro exercício etnográfico.

²² Parte do calçadão localizado na rua Marechal Deodoro, entre as ruas Lobo da Costa e Barão de Santa Tecla, próximo da lateral do Pop Center.

caderneta, feitas por eles mesmos, de nomes próprios, telefones e de cidades do Senegal, cujo o objetivo era de se entender como se escreve e a pronuncia.

Outro elemento se tornou recorrente na minha relação com eles, desde o primeiro encontro. Foi o compartilhamento da experiência em comum de não ser daquela cidade. Desta forma me contavam de suas experiências no Senegal, de outros locais nos quais moraram e tinham curiosidade de saber sobre a cidade de onde vim, o Rio de Janeiro. Por ser uma cidade turística e por fazerem referência ao futebol e ao período recente em que houve a Copa do Mundo de 2014, ocorrido no Brasil quando eu ainda morava naquele estado.

O tema da violência do meu lugar de origem foi outro ponto em comum, pois também mencionavam às situações de violência na África. Apesar de serem muito cautelosos ao falarem sobre. Geralmente respondiam de maneira muito pontual às perguntas sobre essas questões. Essa condição, tanto minha quanto deles, de não ser daquele lugar, tornou comum diálogos, equiparações e compartilhamentos sobre as dificuldades corriqueiras e de adequação à cidade. Podem ser mencionados problemas burocráticos para aluguel de imóveis, acesso a serviços de saúde, dificuldades de se estar longe dos amigos e familiares, de se adaptar aos modos da cultura diferente; como: comida, tratamento, acolhimento, nomes diferentes dados para as coisas as quais já estávamos acostumados e outras tantas mais.

O bom acolhimento do primeiro dia não se repetiu em todas as idas a campo. Na medida em que conhecia outros imigrantes ou em que novos chegavam, todo um processo de conquista ia se estabelecendo. Uns mais abertos, outros mais retraídos e desconfiados. Na terceira saída de campo, por exemplo, encontramos dois novos imigrantes senegaleses²³ e aparentemente não dominavam bem o português. Isso dificultou bastante o nosso diálogo. Apresentamo-nos e explicamos quem éramos. Ainda assim, bem desconfiados e sem entender tudo aquilo, e um tanto ríspidos, nos disseram os seus nomes. Acreditando que teriam a mesma disponibilidade dos anteriores, não esperamos as coisas irem pelo fluxo encaminhado por eles. Sentindo-se seguros, em razão dos bons desenrolares anteriores, nos apressamos e lhes pedimos para escreverem seus nomes na minha caderneta. Pedido ao qual recusaram. Perguntando-nos o porquê e, mesmo diante da minha justificativa de conhecer como se escreve, a recusa se manteve. Foi aí que me dei conta de que o

²³ No dia nos passaram o nome de Abdou e Tibe. Nomes que, com o tempo, pude verificar que, ou me deram nomes diferentes, ou ouvi errado a pronúncia dos mesmos.

fato de conhecer um deles, ou um pequeno grupo dos mesmos, não significava que conhecia suficientemente os outros, pois cada um tinha a sua individualidade e não cabia os mesmos procedimentos. Mesmo em situações nas/das quais supostamente seriam e/ou se dariam em moldes iguais.

Apesar de hoje acharmos graça quando lembramos desse momento inicial, esse dia me custou meses de tentativas de aproximação e conquista da confiança desses dois imigrantes. Mesmo com o convívio próximo e com uma relação forte de amizade com os outros, Bathie²⁴ e Samba²⁵ não me permitiram por um bom tempo uma relação de familiaridade (VELHO, 1994). Somente após os confrontos com os fiscais da prefeitura e a Guarda Municipal (descritos no capítulo seguinte), os quais não só vivenciei com eles as tensões, mas, do mesmo modo, me posicionei firmemente na busca por soluções junto ao poder público, fui retribuída com gestos e ações de aproximação, cumprimentos mais amigáveis e abertura para o diálogo. Além de dizerem por diversas vezes que eu lhes era uma pessoa amiga e querida, demonstravam preocupações com minha vida particular: saúde, filha, esposo, estudos, etc. Sempre perguntando-me como estava, principalmente quando passava tempos sem vê-los. Entretanto, a marca dessa “assinatura do contrato” de confiança, foi o dia em que um deles me pediu, através de mensagem fechada no Facebook, para escrever para ele um texto em português e pudesse fazer um convite por meio de redes sociais. Naquele momento, ele transpareceria para mim sua falta de habilidade e a insegurança na escrita em português. Coisa que, a partir do já intenso convívio, sabia do recurso criterioso para quem revelaria e pediria tal favor.

Abaixo segue a transcrição na íntegra dos três primeiros encontros que foram incluídos no meu primeiro exercício de observação etnográfica: *Senegaleses em torno da Praça dos Enforcados*. Entregue na disciplina de Introdução à Antropologia, ministrada pela professora Lori Altmann, no primeiro semestre de 2015. A intenção de colocar essa longa descrição e trechos, dos quais venham parecer repetitivos, estaria em que se possibilite o acesso a essa fase na pesquisa. Além de apresentar aos que desconhecem²⁶ exemplos da forma de escrita em um diário de campo, oportunize a verificação de como elas eram antes de serem sistematizadas. De modo principal,

²⁴ Somente após dois anos de convívio descobri que Bathie chamava-se Khaly.

²⁵ Durante o campo e pelo perfil na rede social do Facebook soube que Samba se chamava Khadim.

²⁶ Isso ocorreu comigo quando precisei verificar outros exemplos que pudessem me orientar no que viria construir na minha primeira experiência.

apresentar e verificar os equívocos cometidos pelas informações estereotipadas que já trazemos conosco e serão esclarecidos após a sequência do diário:

Primeiro encontro (tarde de 02 de junho de 2015)

No primeiro momento, antes de nos aproximarmos, eu e Jean, optamos em ficarmos parados, um pouco distante, na calçada da praça localizada na Rua Barão de Santa Tecla, pois estávamos receosos de chegar até eles no momento de trabalho com venda. As nossas dúvidas eram: iríamos atrapalhar ou teria algum problema com alguém que poderia estar ali, por perto, controlando a comercialização? Seria seguro estarmos lá, atrapalhando as vendas de suas mercadorias? Ou se seria ou não um trabalho de risco para eles? Ficamos por uns 10 a 20 minutos de longe observando o ambiente para encontrar o melhor caminho de aproximação. De início, surgiu a dúvida de como iríamos nos apresentar e explicar sobre a nossa observação e anotações sobre eles? E se seríamos bem recebidos e compreendidos? Do local que estávamos, pude observar um grande fluxo de pessoas que por lá passavam na calçada da praça localizada na Rua Marechal Floriano (ao lado do centro de lojas populares: Pop Center). Entre o vai e vem, umas pareciam estar apressadas e outras nem tanto. Analisamos quais das pessoas paradas ou encostadas no muro, que limita a calçada e a praça, poderiam ser os imigrantes. Tinha cinco deles, naquele momento. Supostamente, pelo menos para mim, identificados pela mercadoria que tomavam conta, pela pele negra, pelo contato harmonioso uns com os outros e pela forma que alguns deles abordavam as pessoas que ali passavam na tentativa de mostrar e conquistar o interesse delas pelas suas mercadorias. Através da linguagem não foi possível identificar, pois a distância que estávamos não dava para se ouvir as vozes. Consegui visualizar que havia três malas, bem distantes umas das outras, abertas no meio da passagem na calçada. Estavam cheias de coisas que brilhavam douradas e que, logo após a oportunidade de nos aproximarmos, pude verificar que eram relógios, pulseiras, cordões e anéis. Uns dourados, outros prateados e alguns com pedras em variadas cores, mas todos os objetos, aparentemente bijuterias, com muito brilho. Dos cinco rapazes, pois para mim aparentavam-me serem jovens, dois me chamaram bastante atenção pela simpatia, gentileza e alegria que abordavam as pessoas. Os outros três me pareceram um tanto diferente desses dois: eram quase nada sorridentes e aparentavam mais um comportamento de fiscalizador do que de vendedores. Lá, havia também um senhor de pele branca, que estava bem entrosado com os rapazes. Depois pude verificar que ele era o provável

dono do pequeno trailer, fixado, sem rodas, que presta serviços de chaveiro e amolador na mesma calçada. Visto isso, após essa rápida análise distanciada, resolvemos nos aproximar e ver de fato como seríamos recebidos. Caminhámos em direção a eles, sendo que, apesar de em alguns momentos uns saírem do seu ponto escolhido para ir conversar com os outros vendedores, estavam distantes uns dos outros. O primeiro estava mais próximo da esquina da rua que estávamos e viria a ser o nosso primeiro contato. Estávamos, nós dois, um pouco tensos, mas encaramos o desafio. Ao passarmos – eu, Jean e Yanne (minha filha que também nos acompanhava aguardando o seu horário de estágio bem próximo ali) –, em frente do primeiro vendedor, eu, pensativa de como sairiam as palavras para apresentação, fui pega de surpresa com a atitude do mesmo; na qual ele que veio me abordar e fazer o primeiro contato da maneira mais gentil e simpática possível. Olhou-me nos olhos, puxou-me gentilmente pelo braço e perguntou algo sobre as minhas pulseiras, num português quase perfeito, para a minha segunda surpresa. Expliquei que era eu que as fazia e que eram feitas de reutilização com as folhas de revistas e catálogos de mercados. Pedi que escolhesse uma, mas na tentativa de ele passar pelo o próprio pulso, a mesma arrebentou e percebemos que todas não passariam pelo seu pulso. Assim iniciou a nossa apresentação: entre os dourados e brilhos das mercadorias por ele vendidas e as minhas artesanais pulseiras de papel envernizadas. Falamos os nossos nomes, eu e ele e também Jean e Yanne; e diante disso, nesse momento de harmonia, tive de forma tranquila, com a ajuda de Jean, a oportunidade de lhe explicar os motivos de estarmos lá. Pareceu-me que ele entendeu que queríamos saber mais sobre eles, mas o para quê e o porquê, nem tanto. Porém, pelo o que pude notar, isso não havia muita importância. O contato parecia ser bem mais importante, tanto para ele como para nós, do que os motivos que proporcionaram este momento. Após apresentações e explicações, Abdoulaye Fall – como este se apresentou e escreveu o seu nome na minha caderneta, para que pudesse entender como se escreve e a pronúncia –, nos contou um pouco sobre ele, no Senegal e aqui no Brasil. Ao saber que também não éramos de Pelotas, também se mostrou curioso dos lugares que viemos. Jean lhe explicou sobre Minas Gerais e eu lhe falei do Rio de Janeiro que, segundo Fall, o classificou como lindo e ficou animado por saber que eu era de lá. Comentei sobre a violência crescente na “Cidade Maravilhosa” e ele salientou o quanto a África é bem mais perigosa. O que me chamou bastante atenção foram dois momentos em seu relato: seu trabalho na fabricação de armas no Senegal (se é que eu entendi bem esse relato) e a sua espera pelos domingos, já que trabalham de segunda a sábado, nos quais consegue entrar em contato com a família pela internet. Relatou ser muçulmano e que também aos domingos há o encontro religioso deles aqui em Pelotas. Não consegui entender muito bem, pois tinha momentos que o português não

me parecia tão claro, mas pelo o que ele me disse, estaria no Brasil um ano e em Pelotas três meses. Logo após conhecemos o Sidy Ndiaye, outra simpatia e gentileza em pessoa. Foi uma aproximação bem mais confortável e parecida com a do Fall. Já os outros três rapazes, que observados bem mais de perto, aparentavam serem mais velhos, não eram de muita conversa e parecia não estarem à vontade com a nossa presença e, devido a isso, não me aproximei. Talvez por não falarem português, dúvida que não obtive resposta, pois não ouvi nenhuma palavra deles. A comunicação que pude observar foi somente gestual e visual. Depois, de um certo tempo de conversas, avisamos que ficaríamos observando-os e fazendo algumas anotações. Nesse momento, pude observar os olhares e comportamentos das pessoas que por eles ali passavam. Nem todos os olhares eram de forma agradável e também nem todos eram com indiferença. Uns olhavam com olhar do invisível – aquele olhar de não ver nada mesmo ao seu redor devido à pressa ou as preocupações do dia – e outros, com o olhar de desprezo, talvez não se agradando de vê-los por ali ou aqui na cidade ou até mesmo aqui no Brasil. Tanto Fall como Sidy se aproximavam das pessoas, bem sorridentes e, normalmente, com um contato físico que, em poucas vezes, eram dispensados. Não sei dizer se essas pessoas eram conquistadas ou se eles saberiam ao certo quem poderia realmente abordar. Só saberia dizer que, para a minha satisfação, havia uma parte bem significativa, que por ali passava e aceitava a abordagem deles muito bem e retribuía da mesma forma com simpatia e gentileza, sendo que, na maioria das vezes, grande parte, após diálogos e demonstração do produto, normalmente casais, sendo seduzidos, ou não, acabavam comprando algum objeto. Para fechar o primeiro dia de observação, não poderia de deixar de relatar um momento de pequena tensão que ocorreu entre o Sidy e uma senhora que estava acompanhada de um senhor. Verifiquei, a curta distância, que após ter sido abordada e adquirido um relógio, a senhora reclamava do erro no troco lhe dado. Diante de tal situação, Sidy me pareceu acuado e constrangido. Não consegui perceber se o erro no troco foi esquecimento ou se, talvez, ainda fosse a falta de costume e habilidade na contagem com a moeda local. O que me ficou salientado sobre este momento foi a mudança rápida de comportamento gentil desta senhora para outro comportamento um tanto ríspido ao verificar e cobrar pelo eventual erro. Esse primeiro encontro foi finalizado com o aviso de um dos rapazes presentes, da possível vinda dos fiscais da prefeitura. Fall despediu-se e saiu levando as suas mercadorias em direção do centro acompanhado dos outros, ficando somente o Sidy que estava finalizando a venda de outro relógio para outro casal. Nesse momento percebi a presença de uma jovem, acompanhada de uma menina, aparentemente sua filha, aguardando o fim da venda para continuar conversando com Sidy. Ao me aproximar, achando que também era senegalesa, devido à pele negra e

aparentar já conhecê-lo, verifiquei o meu total equívoco com a sua resposta ao lhe perguntar se também tinha vindo do Senegal. Ela me disse o seu nome, que era de Pelotas, tinha 24 anos e a sua filha três anos. E logo em seguida reclamou da dificuldade de “desenrolar” a conversar entre ela e ele. Depois de um curto e divertido momento de entrevista/diálogo com eles, nos despedimos e marcamos, eu e Jean, de retornarmos na outra semana, naquele mesmo local e no mesmo horário.

Segundo encontro (tarde de 09 de junho de 2015):

No nosso segundo encontro, lá fomos novamente para a calçada da praça, eu e Jean, agora bem mais seguros para nos aproximarmos dos já conhecidos imigrantes. O dia estava muito frio e bem úmido, pois havia chovido vários dias antes em seguida. O movimento estava bem menor ou era o clima que me fazia ver uma dinâmica bem mais lenta do que no primeiro dia que me parecia perfeito, com o céu azul e sol aquecendo o frio. Havia nesse dia cinco senegaleses: Fall, Sidy e mais três que não conhecíamos. Sendo um deles o mesmo que estava no encontro anterior e, como da outra vez, continuou com o mesmo comportamento meio “fiscal”, sério e calado. Fall me aparentou estar um pouco triste e de poucas falas nesse dia. Sidy estava em companhia de um senhor, aparentemente gaúcho (talvez dono do trailer) e de um outro senegalês que não conhecíamos. Ele estava bem mais falante e alegre que no encontro anterior - se bem que no anterior ele também estava assim. Ele nos apresentou o outro imigrante que se chamava Mohamed. Interpretei que esse não falava bem português, pois quase não falava e me pareceu bem tímido. Um leve engano, que somente ao chegar em casa (através do relato de minha filha, que passou por lá mais uma vez pelo mesmo motivo do anterior), soube que ele falava bem e bastante o português. Nesse dia, também conheci o Daouda: bem gentil e simpático. Porém falava um português um pouco mais difícil de entender. Segundo ele, pelo que entendi, estava trabalhando com as vendas há uma semana em Pelotas. Diferente de Fall Abdoulaye (que mora em Pelotas), Sidy Ndiaye, Mohamed e Daouda moram em Rio Grande, cidade vizinha de Pelotas. Porém, segundo o relato do Sidy, isso tem um custo financeiro “puxado” com passagens de ônibus de segunda a sábado, mais o desgaste pela viagem de uma hora. Conversamos, eu e Sidy, sobre as nossas dificuldades em comum aqui na cidade para alugar imóvel, já que nós dois viemos de fora e não conhecemos e nem temos fiador exigido para locação de imóvel. Verifiquei muitas coisas familiares nesse dia, como a

maneira que se vestiam com roupas bem parecidas e atuais com as dos jovens brasileiros. Sidy trajava roupas que me pareciam bem próximas dos jovens das comunidades do Rio de Janeiro. Aparentemente com roupas novas: tênis preto, camiseta de malha estampada, casaco cinza aberto de moletom com capuz, calça jeans caída no quadril e com a sunga aparecendo – costume comum utilizado entre diversas “celebridades” mundiais do universo masculino, principalmente na música e no futebol. De longe, durante o momento de observação e anotações, percebi que Fall tinha um cigarro e pedia ajuda para acender à duas mulheres que passavam. Nesse momento, também me “saltou aos olhos”, a elegância e a forma dele se vestir e combinar as roupas: havia no seu pulso um relógio grande, prateado, igual aos que vendia; vestia uma camiseta de manga longa na cor mostarda, combinando com as suas botas (muito usadas na moda atual) também mostarda; cachecol preto enrolado no pescoço; calça jeans; preso no cós da calça, um boné verde oliva e carregava nas costas uma mochila nas cores preta e vermelha. Também estava aparentemente com roupas novas, mas bem diferente da maneira despojada do Sidy. Mas uma vez, nesse segundo encontro, vi os mesmos variados olhares, a mesma harmonia e animação nas conversas do senhor do trailer e desta vez com uma nova companhia, um vendedor de cobertas, muito espontâneo e falante, e, pela forma de falar, pareceu-me ter vindo do Nordeste. Era um ambiente entre todos eles bem descontraído e alegre, com piadas e brincadeiras e até ensinamentos de gíria do tipo: “baitola”. Percebi que havia novas mercadorias para venda. Desta vez havia um tecido aberto no chão com vários pares de meias coloridas e infantis. Havia nesse dia a mesma simplicidade e simpatia nas abordagens que percebi no encontro passado, porém Daouda e Mohamed me pareceram um pouco inquietos e perdidos, sem saber bem ainda direito os “macetes” utilizados para se aproximar das pessoas. Nesse dia, aproveitei a oportunidade, durante a entrevista, para indagar ao Daouda se ele sabia o significado do nome popular “Praça dos Enforcados” e, com a sua negativa, aproveitei para lhe explicar porque esse local em parte tem um significado especial na minha pesquisa, pois ali, na época da escravização, foi o local de enforcamento dos escravos condenados – segundo relatos transcritos no livro de Fernando Osório (1998) –, mas, de imediato, percebi pela sua feição no rosto, que não lhe agradara muito tal assunto. Não pude perceber se era por não ter entendido o que lhe dizia, se era por aquele assunto não lhe interessar ou por não lhe agradar falar sobre a escravidão. Fiquei sem essa resposta, pois percebi a necessidade de mudar o assunto. Nesse segundo dia de observação, alguns momentos me chamaram a atenção: a passagem de um casal de jovens que, ao serem abordados a distância pelo Daouda, passam rapidamente sorrindo dizendo que depois voltam e ao passarem por mim ouço o rapaz dizer “Coitados, estão loucos para vender”; algumas pessoas que olham

para os imigrantes de forma diferenciada quando olhavam para mim e para o Jean, encostados no muro próximo a eles - um olhar, às vezes rude, de estranheza para eles e um olhar de familiaridade para nós; o olhar investigativo de um senhor idoso que ao passar pela calçada observa primeiro o rosto do vendedor senegalês e depois a mercadoria; o momento quando um outro senhor idoso é tocado e este nem sequer olha para quem lhe tocou e continua andando normalmente; momento em que um rapaz passa em companhia de uma jovem e um outro jovem e lhes diz que os imigrantes colocam as suas mercadorias em lugar estratégico, no meio da calçada, para que as pessoas vejam e não possam desviar; o quanto o senhor do trailer se sentia mais à vontade em dialogar e estar próximo dos senegaleses do que com os próprios moradores de Pelotas, se sentindo livre para pegar nos produtos, criticar, brincar e ceder o trailer para os imigrantes guardarem os seus pertences e mercadorias; o momento em que uma mulher, ao ser abordada de longe pelo Fall, o olha diretamente, sorri e lhe diz: obrigado; o momento que considere o mais agravante do dia, pois foi quando eu senti vontade de reagir de alguma forma a um grupo de cinco jovens, aparentemente de Pelotas, quando estes se aproximaram das mercadorias próxima ao Fall e saíram dando risadas e em um tom bem sarcástico e ofensivo, deixando-o com um semblante ainda mais triste do que estava nesse dia; e por último, a sensação que nesse dia as pessoas estavam bem mais tensas, em uma sintonia que aparentemente parece atingir tantas e diversas pessoas nesses tempos. Depois de passado tudo isso, começou a chover e todos eles recolheram as suas mercadorias, se despediram da gente com muita simpatia e foram procurar lugares cobertos para continuarem as vendas. Segundo o Sidy, a fiscalização não faz ronda nos dias de chuva e assim eles ficam mais tranquilos para venderem em outros lugares.

Terceiro encontro (tarde de 16 de junho de 2015):

Esse terceiro encontro foi uma desconstrução de tudo que eu havia interpretado, até então, sobre toda aquela simpatia e alegria vista antes nos imigrantes senegaleses. Não havia no local nenhum dos rapazes que conhecemos nos encontros anteriores. Tinha dois novos imigrantes senegaleses lá, mas nunca os tínhamos visto e ao tentar um contato, percebi que não falavam quase nada de português, o que dificultou bastante o nosso diálogo. E, talvez, por um erro nosso de achar que já estávamos íntimos e de que todos eles seriam iguais na maneira de receber quem eles não conheciam, eu e Jean nos apresentamos sem muitos cuidados como

háviamos pensado em ter no dia do primeiro encontro. Perguntei a eles pelos outros: Fall, Sidy, Daouda e Mohamed, mas não souberam ou não entenderam bem a minha pergunta, ou não sabiam mesmo onde eles estavam. Só apontavam para uma direção que imaginei ser de onde estariam os outros. A recepção não foi tão calorosa e gentil como a que nos acostumamos com os outros rapazes. Pelo contrário, pareceram-me desconfiados e assustados com a nossa presença. Apresentamo-nos e explicamos quem éramos. Ainda assim bem desconfiados e sem entender muito tudo aquilo, nos disseram os seus nomes: Abdou e Tibe. Tibe me pareceu ser mais velho, bem mais sério e mais desconfiado que Abdou. Quando lhe pedi para escrever o seu nome na minha caderneta, este se recusou e perguntou o porquê e mesmo diante da minha justificativa de conhecer como se escreve, ele manteve a recusa. Reparei que, apesar de usarem tênis de marca e estarem vestidos bem parecido com os trajes dos outros, as suas roupas e tênis não pareciam tão novos. Talvez por terem chegado no Brasil há pouco tempo e ainda não terem tido tempo para juntar dinheiro e comprar novas roupas. A entrevista não foi bem-sucedida e a observação estava em volta de um clima nem um pouco harmonioso. As poucas vezes que eu tentava um diálogo ou uma pergunta, eles respondiam com pouco entendimento e eu também não os compreendia muito bem. Em diversos momentos eles conversam em seus dialetos demonstrando certo desconforto e desconfiança sobre a nossa presença e objetivo de estar ali querendo saber sobre eles. Sentindo-nos também desconfortáveis com tal situação e prevendo uma piora nesse clima, nos afastamos e fomos em busca de informações com o senhor do trailer que não nos passou nada concreto. Mas para o meu alívio e do Jean, logo em seguida, chegou Sidy e Daouda que de imediato demonstrou a tão confortável, querida simpatia e alegria, que tínhamos nos acostumados, por nos ver ali novamente. Sidy nos informou que Mohamed havia ido para São Paulo e que ele também iria no próximo dia em busca de mais mercadorias, já que, segundo ele, era caro demais o preço aqui, em torno de R\$ 600, 00 a R\$ 800, 00 cada kit para revender. Percebi que era um dia de poucas vendas para todos eles. Um dos detalhes diferente nesse dia era que esses novos rapazes não estavam com a maleta com bijuterias e com eles havia somente os pares de meias, estendidas em um tecido na calçada para vender. Outro detalhe que observei foi que as pessoas que por ali passavam é que iam até eles para saber o preço. Diferente dos outros, eles não abordavam as pessoas e pareciam ainda sem experiência com venda ou eram mais arredios a esse novo mundo para eles. Não vimos o Fall nesse dia e nos disseram que ele havia ido em direção ao centro. Pedimos para que Sidy explicasse aos novos rapazes sobre o nosso estudo, mas me pareceu que Sidy e Daouda não fossem bem próximos a eles. Percebemos diante de toda a situação desse dia, eu e Jean, que o nosso convite feito, desde o primeiro dia, para que eles pudessem e desejassem assistir a nossa

apresentação sobre eles na Universidade, não iria contar com a sua presença. Primeiro pela ida do Sidy a São Paulo no dia da nossa apresentação, segundo por não termos tido contato com o Fall nesse dia para confirmar a sua presença, terceiro pela dificuldade de explicar aos novos imigrantes o que seria o trabalho – eles entenderam que seria trabalho braçal ou algo assim –, quarto: Mohamed estaria em São Paulo e quinto: deduzimos que Daouda não se sentiria seguro em ir sozinho a um local desconhecido com pessoas desconhecidas. Diante disso, marcamos de retornar no dia para buscar quem quisesse ir. Com a sensação um tanto quanto frustrante pelo dia, nos despedimos primeiro do Sidy e Daouda e logo depois, um pouco mais afastados do local que estávamos, nos aproximamos e nos despedimos dos novos rapazes, que ainda demonstravam arredios e desconfiados com a nossa presença. Dessa forma foi finalizado o nosso terceiro e último encontro para a realização deste diário de campo.

Após expor essas descrições do diário de campo, gostaria de comentar alguns pontos que considero importante esclarecer. Seriam sobre a questão “pele negra” “pele branca” que remete a discussão do colorismo e a minha ainda construção e fragilidade sobre essa temática. Outro ponto seria o total equívoco que construí, carregada de preconceitos e informações distorcidas que nos chegam até hoje sobre o continente africano e a religião muçulmana na qual todos, no sentido generalizante, estariam ligados a guerras, terrorismo e, conseqüentemente, às armas.

Deixo claro aqui que, ao longo dos três anos, no qual estive próxima e acompanhando os senegaleses, em nenhum momento ouvi ou percebi qualquer referência que confirmasse tais discursos. Ao contrário, o que conheci neles foram as bases religiosas com o discurso de paz e de se evitar confrontos violentos. Por entender ser importante expor esses meus erros e equívocos transcritos no exercício, resolvi expô-los para que possamos rever coisas nas quais entendemos serem verdades, mas estão sob influências do senso comum. Fall, durante esses três anos, demonstrou forte admirador da corrente *Baye Fall*, um ramo da irmandade de *Mourides*²⁷ fundada por Cheikh Ibrahima Fall. Um seguidor do Cheikh Ahmadou Bamba, principal líder religioso no Senegal e o ícone²⁸ da luta pacifista anticolonialista

²⁷ Sobre isso haverá uma maior descrição no capítulo 2.

²⁸ O que para nós lembraria Mahatma Gandhi, líder pacifista religioso que buscou de forma não violenta libertar os indianos da colonização inglesa. Pacifismo em comum à forma que Bamba escolheu para libertar o Senegal da colonização francesa.

no país. Essas novas realidades passei a conhecer de perto e me levaram a rever o que entendi e descrevi na primeira escrita. Muito provável que ele tenha falado sobre a fabricação de armas nas partes mais violentas da África, e não de sua participação neste âmbito, já que era o assunto que falávamos naquele momento. Considerando as dificuldades de entendimento de idiomas, e por parte eu conhecer um pouco mais sobre o Senegal (através dessas vivências oportunizadas pela pesquisa), hoje vejo que a relação feita na época, na construção do texto, não se confirmaria em concordância com o meu desconhecimento inicial.

1.2. Entrosamento

A dinâmica dos meus contatos com os senegaleses acompanhou a dinâmica deles de se instalarem na cidade. O número dos cinco senegaleses que estavam na cidade, quando fiz o meu primeiro contato com eles, foi aumentando à medida em que intensificou-se as minhas idas a campo. A cada nova visita a eles na rua, era apresentada para novos imigrantes que recém tinham chegado. Alcançando-se, em um determinado momento, um total aproximado de mais de 30 senegaleses na cidade, trabalhando como ambulantes, conforme já mencionado, e aproximadamente dez com trabalho fixo, com os quais o contato era precário e não permanente. Esses números sempre dependiam dos fluxos destas pessoas de uma cidade à outra, de acordo com as possibilidades e facilidades de venda, sendo assim, a totalidade de imigrantes fluuava diante de fatores diversos.

Esse conjunto de imigrantes ambulantes, ao longo desse período, residiu em cinco lugares distintos. Houve três casos de compartilhamento de apartamentos entre três senegaleses – o número se alterava com a chegada ou saída da cidade. Ocorria também o compartilhamento de quitinetes vizinhas, do estilo geminadas, em um local próximo ao centro, de ocupação mais popular, no qual normalmente dois, às vezes três, senegaleses ocupam a mesma quitinete. Nesse local havia um compartimento que funcionava uma espécie de cozinha coletiva. A cada dia, um dos rapazes era responsável pela preparação das refeições do grupo, sendo que este, neste dia selecionado, não saía à rua para vender.

Os senegaleses que se dedicavam ao comércio de rua, em Pelotas, vendiam

notadamente relógios e bijuterias que ficavam expostas nas calçadas dentro de maletas abertas. Em paralelo, vendiam, além disso, produtos adequados às diferentes estações do ano. Um dos fatores que os levavam a circular com as mercadorias para outras cidades da região era a busca por lugares com mais movimentação de pessoas, especificamente no verão (figura 6).

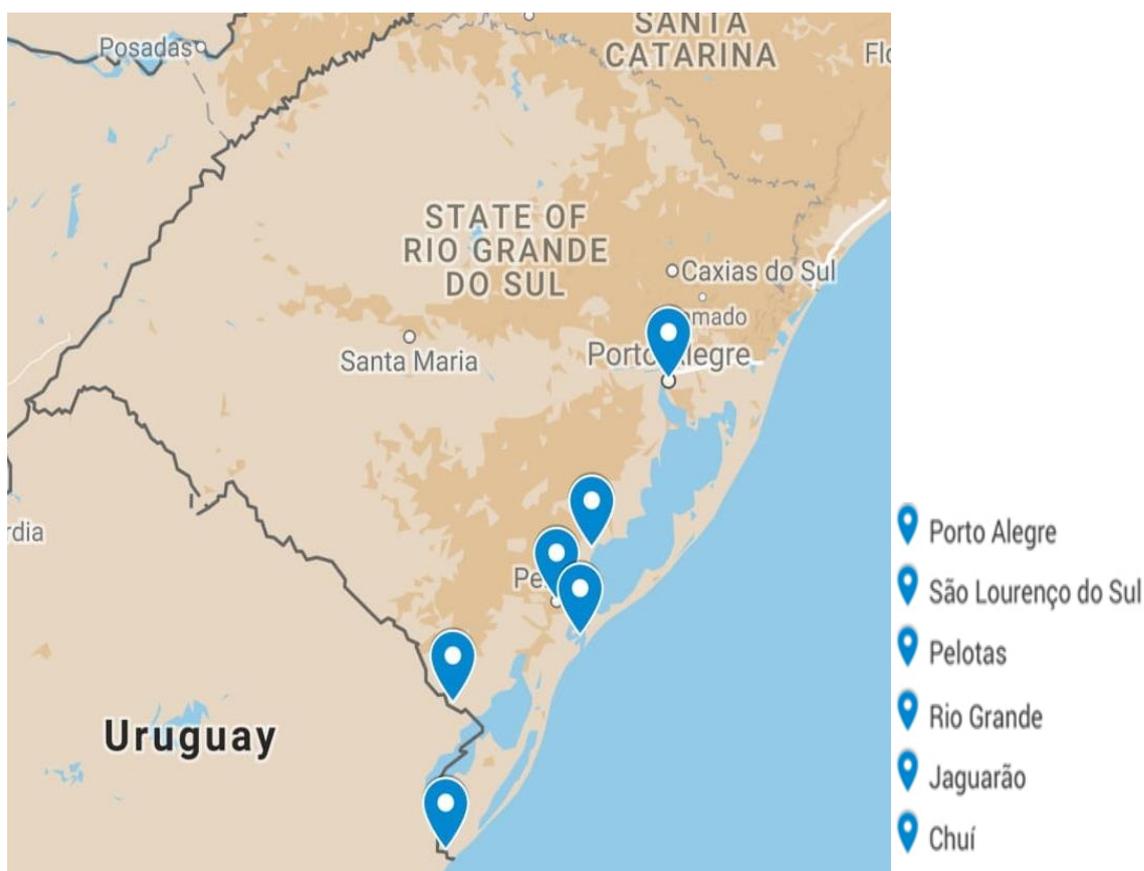


Figura 6: Rota de vendas frequentemente utilizada pelos senegaleses de Pelotas no Rio Grande do Sul. Fonte: Mapa elaborado no Google Maps, 2018.

Lembrando que no início das idas a campo, os ambulantes senegaleses não moravam na cidade. Pelas informações dos mesmos, essa moradia ocorria apenas com aqueles contratados em emprego fixo. Esses eu não conhecia na época e vim a conhecer somente parte deles, quando ocorria o fim do contrato nas empresas nas quais trabalhavam. Em decorrência atuavam como ambulantes nos períodos em que ficavam sem trabalho estável ou temporário. A venda ocasional de produtos nas ruas, por parte desses senegaleses que optaram por empregos fixos, ocorria também em épocas de veraneio. Quando se deslocam para áreas de maior movimento turístico de Pelotas. Exemplo disso, a praia do Laranjal, localizada na orla da Lagoa dos Patos.

Outros iam para as ruas do centro vender após o horário do trabalho e/ou aos domingos, em busca de renda extra. Por duas vezes pude acompanhar a dinâmica dessas vendas na praia do Laranjal. Sempre muito movimentada e com um grande número de moradores e turistas aproveitando os dias de férias nessa época do ano. Os senegaleses, para ali se deslocavam, com as mochilas, malas e mostruários. Em maior número aos finais de semana, seguiam de ônibus, por volta de 40 minutos, para vender suas mercadorias. Caminhando sob o sol e o calor do verão bem quente, indo e vindo, o tempo todo, de ponta a ponta de todo o calçadão que margeia a orla da lagoa ou pelas areias, mostrando e oferecendo os seus produtos às pessoas com as quais encontravam pelo caminho.

O fluxo de conhecer um novo senegalês na cidade era tão ligeiro e constante que por vezes não era possível recordar alguns momentos de apresentação. Por exemplo: não consigo lembrar o dia no qual conheci Amdy. Se foi antes ou depois dele me adicionar no Facebook. Era comum conhecer um novo senegalês e não ter anotado seu nome ou quem conhecia naquele dia. Como eram rotineiramente velozes as idas e vindas deles, pois não se fixavam em Pelotas, isso me levava a não acompanhar a totalidade desse ritmo intenso de deslocamentos. Recebi a solicitação de amizade de Amdy e, como de praxe, verifiquei quais eram os amigos em comum para somente depois aceitar o convite. Após ser aceito, enviou-me uma mensagem com um pedido para acompanhá-lo a um local de atendimento para emissão da carteira de trabalho. Apesar de não ter ideia de onde era, pesquisei na internet o possível endereço e logo me prontifiquei em ajudá-lo e acompanhá-lo. Era claro para mim que a abertura para tal pedido se deu motivada nas mais diversas vezes que sinalizei, para cada um dos senegaleses, a minha prontidão no que pudesse ajudá-los. Mesmo sem ainda conhecer bem o funcionamento e ritmo da cidade.

Quando chegava um novo senegalês, normalmente ficava hospedado na casa de quem se era mais próximo ou conhecido. Alguns vinham para Pelotas apenas para visitar um irmão, amigo ou outro parente. Durante os dias em que ficavam na cidade, acompanhavam seus companheiros nas vendas pelas ruas, podendo permanecer por poucos dias ou até durante meses, de acordo com a conveniência. Havia uma rotatividade muito grande. Embora alguns tivessem uma maior permanência, por terem criado vínculos afetivos com namoradas, colegas e amigas/os. Três desses senegaleses casaram-se e constituíram família na região. Dentre esses, Samba casou-se com uma brasileira, Michele, a qual conheci no calçadão, vendendo junto

com os senegaleses. Após cerca de dois anos de namoro, trabalho nas ruas e morarem juntos, oficializaram no civil e no religioso essa união. Meses depois, já no meado de 2018, nascia em Pelotas o primeiro filho do casal e o primeiro bebê de um senegalês com uma brasileira pelotense.

Através dos relatos dos senegaleses, ao longo desses três anos em campo, verifiquei que a maioria quando chegava no Brasil tinha a idade entre 20 e 20 e poucos anos. Os mais velhos, sem exceção, já haviam constituído família no Senegal, deixando lá esposas e filhos. Normalmente, esses passavam dos 30 anos, sendo somente três deles teriam mais de 40 anos. Todos vieram de avião; alguns com irmão ou parente próximo e também amigos. Na maioria das vezes viam em grupos de três a cinco. Quase todos, quando conheci, já estavam no Brasil por volta de um ano, em média. Raridade era encontrar entre eles alguém que já estivesse mais de dois anos no Brasil. Suas rotas, ao saírem do Senegal, eram feitas por via aérea e desembarcavam na América do Sul: Argentina, Uruguai e Brasil²⁹ (principalmente São Paulo). Ao chegarem nessas regiões, seguiam, na maioria das vezes, para a região sul do Brasil: Rio Grande do Sul. Como no caso do grupo com o qual encontrei no complexo rodoviário do Tietê, em São Paulo³⁰. De maneira diferente da grande parte dos que emigraram do Senegal para o Brasil, Mbacke foi o único, entre os imigrantes senegaleses com os quais conversei, que me relatou sobre a sua rota pelo Brasil ter sido iniciada pelo estado do Acre, região Norte do país.

Mbacke veio da cidade de Kaolack. Lembro bem do nosso primeiro encontro: foi na calçada da rua Marechal Deodoro, entre as ruas Andrade Neves e General Osório. Nunca o tinha visto em Pelotas. Estava em campo, à tarde e havia saído de frente do Mercosul, na rua Andrade Neves, esquina com a rua Lobo da Costa (um dos pontos onde sempre visitava primeiro). Lá, em minha rota mais utilizada em campo, como de costume, havia sempre um pequeno grupo de senegaleses e ambulantes locais. Seguia para o segundo, que fica antes de atravessar a rua Marechal Deodoro, para encontrar o terceiro e maior grupo. Esse ficava em torno da farmácia São João: esquina das ruas Deodoro com o calçadão da rua Andrade Neves. Um dos lugares onde era mais comum encontrar a maioria deles. Após, seguia em direção ao quarto

²⁹ Verificar outros exemplos das rotas dos imigrantes senegaleses em TEDESCO; KLEIDERMACHER, 2010 e TEDESCO, 2015.

³⁰ Até hoje tenho curiosidade se ao longo da pesquisa tenha encontrado ou conhecido, sem saber, algum daqueles imigrantes que estavam na viagem SP/RS.

grupo³¹ que se instalava na esquina da Deodoro com a rua Floriano Peixoto, local onde se encontrava a loja de eletros e móveis da Deltasul (figura 7).



Figura 7: Rota de Campo.
Fonte: Mapa elaborado no Google Maps, 2018.

³¹ Nessa época ainda não havia o quinto grupo que se instalava após o supermercado Nacional, no mesmo calçadão da Andrade Neves. Esse grupo eu visitava após o grupo que ficava em frente à farmácia e só depois retornava em direção ao grupo instalado na esquina da Deltasul. Formaram-se, desta maneira, um total de cinco grupos, os quais eu sempre visitava e interagia. Havia, além desses, os senegaleses que ficavam circulando em diferentes grupos ou os quais não permaneciam em grupos e preferiam ficar de forma solitária, ou em dupla em espaços diferentes desses.

Foi nessa caminhada que encontrei Mbacke. Era um dia “daqueles”: de tensionalidade no ar. Sentia a necessidade de estar por perto verificando como estavam e se o “clima” iria trazer outra agravante movimentação da fiscalização. Havia muitos guardas rodando em carros e motos. Esse foi o fator que me fez parar repentinamente à frente do novo senegalês, indo me apresentar, sem rodeios e com perguntas sobre se estava precisando de algo ou se estava tudo bem com ele. Minha preocupação era grande, em razão de dois desses guardas estarem montados em suas motos, na calçada e bem próximos dele; acerca de quatro passos do local onde esse senegalês expunha, em uma placa de isopor, vários óculos de sol. Era um dia muito quente, com sol forte. Estava em companhia da minha filha e havia acabado de comprar uma garrafa de água. Ofereci a ele, agradecido, Mbacke aceitou. Durante o nosso diálogo, tive dificuldades para entender o seu nome e local de origem. O entendimento de muitas coisas ditas se perdia pela dificuldade que ele ainda tinha para falar e entender o português. Sua estatura era mediana – diferente da maioria que era muito alta –, magro e utilizando uma peça de vestuário africano.

Como ocorria com Moustapha Dame e com o Sidy¹, passamos desde esse dia a conversamos por mais tempo. Falávamos de coisas diversas: sobre religião, idiomas, cotidiano, vida pessoal e tantos mais. Ele, do mesmo modo, gostava de conversar com minha filha e com meu marido, sempre quando os encontrava, mesmo quando estavam sem mim e de passagem pelo centro da cidade. Curioso, assim como nós também éramos, sobre os mais diversos assuntos e experiências vividas, entre uma venda dele e outra, a conversa se alongava. A troca de entrevistas e frases em francês era comum entre ele e Yanne. Em uma das nossas diversas trocas e curiosidades, ele me contou sobre o islamismo no Senegal, sobre Touba³² e ainda me perguntou sobre a minha religião. Quando lhe afirmei que não teria, ele se espantou. Fiquei receosa por causa disso, porque para algumas religiões, a pessoa não ter religião é considerada sem crença em Deus e de tal modo “impura”. Sendo assim, algo não muito bom para se ter por perto. Expliquei a ele que já havia visitado várias religiões, mas não havia encontrado uma na qual me sentisse verdadeiramente confortável em seguir. Expliquei sobre desde a infância ter conhecido a crença cristã, devido ao pertencimento da minha mãe a esses estudos e tentei explicar para ele o nome da religião que ela seguia até quando veio a falecer: Testemunha de Jeová.

³² Será descrito no capítulo 2.

Tinha esperança que, com toda essa explicação, ele me entendesse e dissesse se já conhecia a citada religião. Contudo, percebi que não obtive um bom resultado. Seus movimentos faciais eram bem parecidos quando alguém expressava entender do explicado. No entanto, ao mesmo tempo, era nítido que não estava entendendo nada daquilo: balançava a cabeça levemente para cima e para baixo, num gesto de afirmação “hã... tô entendendo”. Mas o olhar vago, direcionado para o lado direito, talvez me demonstrava “não entendi nada do que você falou!”³³.

Todos sempre estavam viajando constantemente. Havia os mais rotativos, pois passavam tempos em outras cidades no Rio Grande do Sul, em outros estados ou fronteiras, na maioria das vezes, em São Paulo. Contudo, geralmente voltavam para Pelotas. Desde o início da etnografia, no começo de 2015, também houveram alguns casos de retorno ao Senegal para a visita de familiares. Abdoulaye Fall foi o primeiro a voltar para o Senegal. Depois Moustapha Dame, Amdy e, mais recentemente, Bathie, Sidy¹ e Samba. Em comum, entre eles, era o tempo por volta de três a cinco anos fora do Senegal para esse retorno ao país de origem, ficando por lá uma temporada de um a dois meses, regressando ao Brasil após esse período.

Alguns deles já tiveram passagem por diversos países em suas trajetórias migratórias. O que lhes possibilita o domínio de vários idiomas. Tal como no caso do Moustapha Dame, um dos com quem mais conversava. Ele fazia parte do grupo dos mais velhos e era um dos mais respeitados pelos outros senegaleses. Dame, apesar de ter familiares comerciantes e militares em condições financeiras confortáveis, desde de muito jovem, mesmo após ter se casado e tido filho, sempre se manteve em situação de diáspora. Fala wolof, árabe e francês – que aprendeu no Senegal –, mas ainda o português (do Brasil e de Portugal) e o italiano. Idiomas aprendidos nos países onde morou. Em grande parte dessas mudanças passou por diversas situações difíceis. Por exemplo: após não cumprirem com os seus direitos trabalhistas – incluindo no Brasil, quando foi demitido de um restaurante, em Porto Alegre/RS, no qual trabalhava como garçom, segurança e manobrista. Dificuldades essas das quais, por várias vezes, fizeram com que o seu pai, um estabelecido comerciante no Senegal, lhe oferecesse propostas seguras e gratificantes para que ele retornasse e ficasse junto deles. Entretanto, mesmo diante disso, ele preferia continuar na sua busca por novos conhecimentos e por sua independência financeira.

³³ Digo talvez, pois nessas horas sempre penso nas piscadelas relatadas por Geertz (1989).

Apesar dele estar no coletivo de cinco senegaleses que conheci nos primeiros dias em campo, só associei Moustapha a esse grupo após algum tempo em companhia dele nas ruas. Dado que a nossa aproximação só se deu tempos depois daquela época dos primeiros encontros em Pelotas. Não me lembrava dele e do Papis – sempre em sua companhia e sempre muito discreto e calado – que estavam lá no meu primeiro contato. Essa lembrança me foi ativada por ele, em uma das nossas conversas. Naquele momento já eram muitos com os quais interagira e houve um intervalo de muitas semanas sem vê-los novamente após os primeiros campos.

Nessa época, em que iniciava essa proximidade, tinha a companhia da colega de curso Amanda Medeiros Oliveira. Ela passou a me acompanhar em campo, quando iniciava a sua pesquisa na graduação, sobre a mesma temática. Passávamos (eu e Amanda) grande parte do tempo em campo conversando com ele. Sempre gentil e atencioso, gostava muito de nos contar sobre a sua estrada da vida. Mostrava-nos muitas fotos em seu celular: da casa, dos móveis, dos familiares, do comércio do pai e, principalmente, da bela e jovem esposa e de seu filho de uns quatro a cinco anos, que ficaram no Senegal. Moravam como vizinhos de seus pais e irmã, no mesmo prédio de dois andares e pertencia ao seu pai. Muitas vezes nos mostrava uns vídeos com o seu filho brincando de bola com primos e amiguinhos ou enviando-lhe mensagens saudosas e grande demonstração de afeto. Sempre correspondidas pelo Dame na mesma sintonia de afeto e saudosismo, motivados pelos mais de dois anos dos quais estavam sem se falar e de se verem pessoalmente.

Foi através dessas fotos nos celulares, mostrada pelos senegaleses, de suas redes sociais, que conheci uma pequena parte do universo feminino no Senegal. Em uma dessas vezes, me foram apresentadas as fotos da esposa e irmã no Senegal de Dame. Ele me mostrou os modelos de vestidos que elas gostavam. Apresentou ainda uma página no Facebook de moda feminina lá do Senegal. Ao revelar os valores, não consegui disfarçar o meu espanto, porque considerei um tanto alto os preços comparando-os com os gastos aos quais estava habituada a fazer com as minhas roupas. Custavam em média 500 reais. Eram lindos. Feitos em belos tecidos, com cores alegres; alguns brilhosos e acompanhados na maioria das vezes com um turbante. Outro momento foi quando Daouda me mostrou as fotos do casamento de sua irmã que ele acompanhava também pelas redes sociais. Com vestidos belíssimos, cabelos bem aparentes ou com penteados caprichados e muita maquiagem. Cheguei a pensar que sua irmã fosse de pele bem clara. O que fez ele rir e dizer este

clareamento da pele era feito pelo uso da maquiagem, relatando para mim o quanto isso era comum ocorrer com a maioria das mulheres do Senegal.

Com o tempo aprendi algumas frases em wolof, prestando atenção em seus diálogos e, principalmente, pesquisando na internet. Desta forma, passei a cumprimentar os recém-chegados com frase como: *Nagadefi* (como vai?), *Manquifi* (Estou bem!), *Notodu wolof* (não entendo wolof), *Dédê* (não), *Ual* (sim), *Jerefê* (obrigada), *Bauman* (talvez)³⁴. Sempre que aqueles dos quais já me conheciam, me ouviam falar, ou tentar algo, em wolof, divertiam-se e achavam engraçado, mesmo os mais tímidos. Talvez pela minha pronúncia errada ou pela surpresa do meu aprendizado com idioma deles. Sempre pesquisava uma palavra nova e perguntava a pronúncia a um deles: palavras sobre o tempo, alimento e sobretudo as mais utilizadas por pessoas que acabam de se conhecer.

Quando passou a ser mais frequente a ida e o meu acompanhamento aos senegaleses em busca de atendimento médico municipal, passei a pesquisar frases sobre partes do corpo, dores, remédios, coisas básicas que pudesse fazer uma ponte entre os responsáveis pelo atendimento e eles. Por vezes não se compreendiam nos diálogos entre paciente e recepção médica. Entretanto, logo essas frases, por falta de praticá-las, caíram no esquecimento, ficando somente as mais usuais em cumprimentos e em apresentações em wolof.

Em dezembro de 2015, fiz um convite aos senegaleses para uma reunião comemorativa do meu aniversário no condomínio onde residia. Em razão da época do ano, quase todos estavam circulando por outras cidades, ocupados com as suas vendas, por isso compareceram apenas sete deles. Foi o suficiente para um bom momento de descontração e ser homenageada com o canto de “feliz aniversário” em quatro idiomas: francês, inglês, wolof e português.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, nem todos falam francês. Somente falam esse idioma aqueles que estudaram na região de escolas com o francês incluído. Em muitos locais do Senegal, dados em seus relatos, a alfabetização seria feita em árabe, devido à maioria ser da religião muçulmana. Além do francês, o árabe e o wolof, há alguns que falam outros idiomas próprios do Senegal. Em termos de escolaridade, há um deles no grupo com formação universitária e há também os que tiveram apenas a alfabetização precária. Mas, em sua maioria, possuem os

³⁴ Todas essas frases foram colocadas como eu as pronunciava, não necessariamente sendo a forma correta de como se escreve em wolof.

estudos básicos fundamentais. Bathie, mesmo sendo bastante jovem, era o único com formação superior dos que estavam em Pelotas. Havia concluído, no Senegal, o curso superior que equivaleria aqui no Brasil como o de Letras - Francês pela Université Cheikh Anta Diop³⁵ (UCAD), em Dakar.

É muito comum eles terem um conhecido, amigo ou parente em algum lugar fora do Senegal. Isso faz com que sempre estejam bem informados sobre quais os lugares mais oportunos do momento para onde possam ir trabalhar ou morar. O que pude deduzir, dos diálogos com os imigrantes senegaleses, é a existência de uma rede de conterrâneos espalhada por todo o Brasil, junto a qual buscam informações quando querem se deslocar de um lugar para outro. Suas redes de contatos, informações e solidariedade mútua são extensas e intensas, e são acrescidas a todo momento de personagens novos. Durante o período de intensas reuniões decorrentes da Operação Mercúrio³⁶, em 2016, tivemos um jantar na residência do maior grupo dos senegaleses. Nesse evento, estávamos olhando as fotografias no celular da representante da Embaixada Senegalesa em Brasília, composta por senegaleses e senegalesas amigas/os e conhecidas/os dela. Foi quando Gora reconheceu, em uma dessas fotos, uma vizinha sua no Senegal que se encontrava morando em São Paulo.

Esses laços se fortalecem, talvez pela mesma condição de diáspora, talvez pela religião que os levam a uma unida e fortalecida relação de irmandade. O compartilhamento do vínculo religioso viabiliza a ajuda física, financeira, o apoio psicológico para superar a distância, a saudade, o novo mundo e muitas das rejeições encontram-se nas idas e vindas em busca de uma vida de mais experiências, conhecimentos e oportunidades financeiras. Quando há diferença de idade, como em pouco casos, há um grande respeito com os mais velhos, que assumem uma posição de autoridade, aconselhando e chamando atenção em determinadas situações. Esses mais velhos, geralmente atuam mais isoladamente no comércio de rua, ocupando sozinhos determinados espaços de venda e ficando distante dos “brincalhões”. Ao mesmo tempo, às escondidas, são tratados em tom risonho, por alguns dos mais novos, pelo adjetivo de “velho”.

Outro aspecto relevante da dinâmica social desses imigrantes é o seu intenso

³⁵ Uma das mais importantes universidades públicas do oeste africano, na qual estudaram pessoas de grandes relevâncias para África, como presidentes, embaixadores, ministros, poetas e pesquisadores. O nome da mesma faz referência e homenagem ao filósofo e antropólogo senegalês Cheikh Anta Diop.

³⁶ No capítulo 2 haverá uma descrição mais detalhada sobre essa operação e suas ações.

uso de redes sociais para se comunicarem com os familiares, colegas e amigas/os do Senegal. Assim como os muitos espalhados pelos mais variados lugares do mundo. Isso se faz, de modo muito mais tranquilo, geralmente aos domingos pelo motivo de trabalharem de segunda a sábado. É nos domingos, também, que grande parte deles frequentam reuniões religiosas junto aos demais muçulmanos da cidade.

Lembro-me quando presenciei, entre eles, um momento de muito alvoroço. Foi quando ocorreu o período do *Ramadã*³⁷ de 2016. No qual foram convidados pelo dono de uma das maiores lojas de roupas, acessórios, cama, mesa e banho na cidade (Lojas Brascon) para fazerem o desjejum daquele dia na lanchonete que faz parte da grande loja. De acordo com os senegaleses, o convite veio por ser o lojista/empresário e muçulmano. Convidaram-me para ir junto, contudo, devido aos “deveres acadêmicos”, mais uma vez tive que recusar momentos importantes ao lado dos mesmos. No outro dia, soube o quanto havia coisas saborosas e em grandes quantidades com as quais pudessem se servir à vontade e com muita satisfação.

Marca ainda o estilo desses imigrantes, na paisagem central da cidade, às suas formas arrojadas de vestir. Em uma ocasião ou outra, alguns deles vestem alguma roupa alusiva à África. Cotidianamente, vestem-se com roupas muito parecidas com as dos jovens brasileiros: tênis, camiseta de malha com estampas, casaco de moletom com capuz (ou boné), calça jeans caída no quadril e com a cueca a mostra, mochilas nos ombros. Costume comum e igualmente utilizado entre diversas celebridades mundiais do universo masculino, principalmente da música e futebol. Era corriqueiro também o uso de cordões, pulseiras, braceletes, anéis e relógios grandes, dourados ou prateados, iguais aos que costumavam vender. Apesar disso, observei que nem todos chegavam portando esses marcadores corporais. Somente alguns deles usavam os mesmos tipos de objetos ou outros adornos trazidos do Senegal ou de outros lugares da África. Muitos vinham à Pelotas vestindo roupas não tão novas. No entanto, logo após um certo período trabalhando nas ruas, passavam a ter vestimentas novas, provavelmente adquiridas com os novos ganhos financeiros.

O *ethos* comerciante é notável na maioria deles, daí a preferência por estar na rua e não em um emprego fixo. Alegam essa preferência, pois além de ganharem mais vendendo nas ruas, ali possuem mais independência e mais liberdade de ir e vir de

³⁷ É o nono mês do calendário lunar islâmico, no qual a maioria dos muçulmanos pratica o jejum durante todos os dias do mês, começando no nascer do sol e terminando quando ele se põe. Período que evitam diversas atividades que possam desviar-lhes da doutrina, da disciplina moral e do espírito.

acordo com as suas próprias preferências de horários. Na rua possuem autonomia para buscarem lugares onde avaliam haver mais clientes. Além de ser um espaço onde adquirem outras experiências, como, por exemplo: o aprendizado da língua em razão do contato intenso com as pessoas do lugar.

Cito o caso de dois irmãos, que vieram juntos do Senegal: Sidy¹ e Abdou. Eles fizeram a rota de avião Dakar/Tunísia e de lá embarcaram em aeronave para a América do Sul/Uruguai e depois Brasil. Com o primeiro, desde o início, o convívio deu-se rotineiramente com as minhas visitas em seus postos de vendas e por contatos via rede social. Quando fui apresentada a esse outro senegalês, pude logo notar a dificuldade dele de falar português, diferente do irmão com o qual dialoguei e acompanhei-o por diversas vezes pelas ruas de Pelotas, desde 2015. Ao perguntar ao Sidy porque aprendeu tão rápido o idioma e o seu irmão não, ele me disse que este, desde que chegou ao Brasil, trabalhava em uma fábrica em outra cidade do Rio Grande do Sul. Por causa disso, ficava o tempo todo trabalhando sem conversar com os outros funcionários brasileiros e não teve a mesma oportunidade de aprender o português. A situação do seu irmão era, portanto, diferente da sua, que vive diariamente pelas ruas, dialogando o tempo todo com os brasileiros e brasileiras, aprendendo e praticando o português.

Esse domínio da língua permite ainda a criação de amizades e pontos de apoio pela cidade, especialmente com outros vendedores de rua ou trabalhadores de lojas. Não é incomum, por exemplo, deixarem suas mercadorias com este ou aquele “amigo” (o dono de um trailer de lanches, o ambulante brasileiro, etc.). São inúmeros os locais no centro da cidade (restaurantes, lojas, e outros comércios) nos quais guardavam os seus pertences temporariamente para almoçar, ir à alguma reunião ou atendimento médico, como várias vezes presenciei e/ou acompanhei.

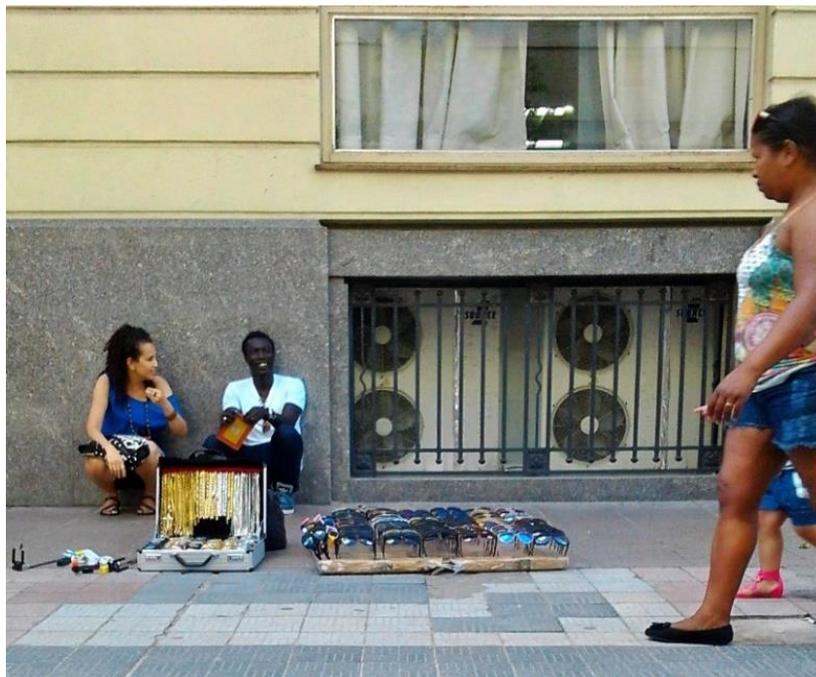
Desde o início Abdou era sempre mais distraído, com diálogos rápidos e confusos para mim. Na maioria das vezes, nem mesmo as inflexões entendia. Somente com o passar do tempo pude verificar que suas dificuldades de dialogar, até mesmo com os outros senegaleses, era também causada pelo o seu idioma, serer, vindo de etnia diferente do wolof³⁸. Ele (mais velho) e Sidy eram filhos do mesmo pai, mas de mães diferentes. Seu pai já havia casado com quatro esposas, pois no Senegal é permitida a poligamia. Um dos outros motivos que o deixara por vezes tenso

³⁸ O Senegal é um país composto de várias etnias e com isso diversas línguas fazem parte do país. O *Ethnologue* lista 36 línguas.

foram as diferenças já encontradas no início do seu relacionamento com uma brasileira: adulta, separada, independente, com trabalho fixo e mãe três vezes. Demorou alguns meses entre términos e recomeços para que entendessem os modos culturais do outro e com isso se relacionarem mais tranquilamente como um casal. Abdou havia deixado esposa (motivo de muitas divergências), uma filha e um filho, ainda pequenos, no Senegal antes de vir para o Brasil. Ele também não compreendia bem a independência com a qual vivia a nova companheira. Hoje, depois de tantos acertos, já estão casados e vivem bem mais tranquilos, apesar de ainda ter problemas familiares no Senegal. A exemplo do Abdou, vários dos senegaleses já eram casados e com filhos no Senegal. Embora nem todos admitiam. Por vezes, era comum obter conhecimento da situação civil de fulano através de sicrano.

Um aspecto a ser aprofundado sobre a presença desses senegaleses é a razão de ser desta diáspora contemporânea. É unânime, entre os quais conversei, a motivação da imigração decorrer pela “busca de uma vida melhor”. Mas essa vida melhor não significa sempre a escassez econômica na família de origem. Conheci alguns deles, e, conforme declarações, com um padrão de vida familiar no Senegal equivalente a uma classe média no Brasil. São filhos de comerciantes, funcionários públicos, militares e outros. Prevaecem os filhos de comerciantes. É inegável a importância do fator financeiro, dado que todos enviam religiosamente, todo o mês, dinheiro para os familiares. Dos quais não se restringem à família nuclear: tias/os, avós/as, primas/os e até amigos/as próximos, eles têm como parentes. Vários deles fizeram referência de optarem pela imigração para se tornarem independentes economicamente dos pais e família.

Era comum ainda ouvir questionamentos sobre as constantes e violentas ações da fiscalização. Em várias ocasiões, via a expressão e a demonstração de um sentimento de tristeza e indignação com o ocorrido. Sobre esses fatos, argumentavam que só queriam trabalhar e não estariam roubando ou fazendo coisa errada. No trabalho formal paga-se pouco; uns 800 reais para comer, pagar aluguel e mandar dinheiro para família. Acrescentando a isso a confirmação de que com o trabalho com essas vendas, pelas ruas, ganhavam mais do que se estivessem em um emprego com ganho fixo e mensal. Esses apontamentos normalmente eram feitos quando se sentiam tratados como “mafiosos”, “criminosos” e “pessoas ruins”.



Em sentido de cima para baixo:
Figura 8 e 9: Em campo com Aziz e Modou2.
 Foto de Yanne Alves Roberto. Acervo pessoal.
Figura 10: Em campo com Youssou.
 Foto/Selfie de Youssou. Acervo pessoal.

2. O ACOLHIMENTO

2.1. Espaço público

A permanência dos senegaleses na Praça dos Enforcados constituía uma estratégia de convivência com os agentes do poder público. Informalmente indicavam a eles que a fixação nesse espaço, com os seus produtos, não os colocaria em risco perante a fiscalização. Embora extraoficial, havia um acordo subentendido que permanecendo ali não seriam perturbados, mesmo não havendo nenhuma legislação na qual legitimasse isso. Possivelmente esse acordo informal se dava pelo fato da praça ficar longe do comércio central e a presença dos ambulantes não significar, por isso, danos econômicos aos lojistas. Além disso, estando perto do Pop Center, os ambulantes ficariam restritos a uma área da cidade destinada pelo poder público para a venda desse tipo de produtos.

A construção desse espaço de comércio popular deu-se a partir de 2012. Um shopping popular de aproximadamente 4.830 m² que começa a surgir para abrigar o antigo camelódromo municipal construído em 1998 e para onde foram realocados os vendedores ambulantes que ficavam no largo do Mercado Público Central. Uma continuidade ao projeto da prefeitura municipal de requalificação da praça desde o ano 2000, na qual foram feitas melhorias e incentivos de movimentação e utilização daquele espaço público (MACIEL, 2014).

O ordenamento e embelezamento da cidade vem desde da administração do intendente Cipriano Barcelos. Conforme dito no capítulo anterior, a estrutura urbanística da cidade de Pelotas teve início no final do século XIX e seguiu-se no século XX. Acompanhando as diversas reformas que ocorriam no Brasil durante o período republicano e época na qual se criara os primeiros “códigos de postura” em busca de um espaço com beleza estética e higienizado. Tudo isso motivado pelo alto patamar econômico que a cidade vivia e também pelo grande aumento populacional³⁹. Com o objetivo de combater as epidemias de doenças como a cólera e a tuberculose, assim como as diversas ocupações irregulares e ilegais dos espaços urbanos, fora

³⁹ A cidade de Pelotas teve a sua formação a partir de diversas etnias: africana, alemã, francesa, italiana, pomerana e portuguesa.

impulsionada melhorias sanitárias na cidade. A meta era criar normas para organizar e disciplinarizar, em uma ordem estética, o uso e apropriação do espaço urbano. Mesmo que para isso fosse necessário cobrar criminalmente quem não obedecesse a essas “ordens” e “progressos”. Com o uso da repressão policial “combatiam” tudo que não se mantivesse dentro das linhas delimitadas desse novo desenho urbano. Essas ações atingiram principalmente as pessoas que habitavam de forma irregular e ilegal esses espaços urbanos (SOARES, 2000; GIL, 2007). Com base no método cartesiano e inspirações do positivismo, a política municipal iniciou a nova infraestrutura urbana com as promessas de melhorias na qualidade de vida, o estímulo ao grande desenvolvimento urbano e econômico, além do controle do crescimento desordenado da cidade. Tudo baseado nos preceitos eurocêntricos e através dos ganhos de capital financeiro com a produção do charque. As inspirações vindas da Europa, onde grande parte da elite local, dominante, pode estudar e adquirir os seus hábitos e valores civilizatórios. A mesma elite que, por vezes, ao longo dos séculos, assumiu funções de poder nas estruturas administrativas municipais.

A movimentação dos senegaleses se dava a partir da praça, subindo a rua Marechal Floriano, em direção ao centro. Em busca dos locais de maior fluxo de pessoas, pelo motivo dos arredores da praça possuírem uma circulação limitada de possíveis clientes, não se constituindo em um ponto de venda adequado. Esse avanço para o centro requeria uma atenção redobrada quanto à presença de fiscais que, quando eram avistados, geravam o alerta de uns para outros e uma movimentação de retorno ao espaço tolerado, ou seja, à Praça Cipriano Barcelos.

A dinâmica desta relação entre os ambulantes imigrantes e os fiscais era uma espécie de idas e vindas, do tipo "gato e rato". A fiscalização vinha, eles saíam. Quando os fiscais saíam, eles retornavam. Os fiscais caminhavam lentamente para que pudessem retirar os produtos e se dispersassem, deslocando-se dos locais centrais para aquele espaço mais periférico. Tão logo os senegaleses retornavam para os pontos com mais circulação, com a saída dos fiscais. Havia uma comunicação constante entre os senegaleses. O incômodo maior era a movimentação com as mercadorias, desmontando e montando, o tempo todo, a exposição dos produtos espalhados no chão para venda. Cabe ressaltar que vários passantes os avisavam quando ocorria a aproximação da fiscalização, indicando cumplicidade com a condição moral de trabalhadores. Essa dinâmica permanece até se desencadearem os acirramentos com as ações da Operação Mercúrio, da qual falarei mais adiante.

No início eram bem discretas as exposições dessas mercadorias. Normalmente ocupavam pouco espaço nas calçadas. Logo, depois de algumas semanas de convivência com eles, ainda em 2015, tanto o número de senegaleses quanto a quantidade de mercadorias foram aumentando. O comércio ambulante passou a ser em grande número, inclusive com a volta e aumento dos vendedores ambulantes locais. Isso modificou a paisagem das calçadas e calçadões do centro da cidade, que passaram a ser ocupados com essa atividade. Alguns desses imigrantes, como também os brasileiros/as, ocupavam uma boa parte da passagem dos pedestres com exposições de vários tipos de mercadorias. Nesses mesmos espaços, além dos senegaleses, havia dois chineses⁴⁰ que se colocavam de modo discreto, vendendo principalmente óculos de sol. Havia, inclusive, os brasileiros pelotenses que expunham especificamente panos de pratos, brinquedos e aparelhos eletrônicos, incluindo os guarda-chuvas nos dias chuvosos ou acessórios de frio; somando a esses, os nordestinos que vendiam redes, cobertas e tapetes.



Figura 11 e 12: Modou1 (Alex) e Samba trabalhando no calçadão em frente à Farmácia São João.
Foto: Yanne Alves Roberto. Acervo pessoal.

⁴⁰ A informação que esses orientais eram chineses me foi dada pelos senegaleses. Não houve uma verificação direta da sua nacionalidade.

Depois que passaram a ocupar assiduamente as calçadas do centro da cidade, os imigrantes senegaleses se dividiam em pequenos grupos, que ocupavam alguns pontos fixos de venda. Como descrito no capítulo anterior, um dos pontos principais era a esquina da Andrade Neves com Marechal Floriano Peixoto, na calçada ao redor da Farmácia São João. Outro local fixo, ocupado por eles, era a esquina das ruas Marechal Floriano com a General Osório, passagem para várias paradas de ônibus, portanto, de muita circulação de pedestres. As duas quadras da rua Andrade Neves, entre as ruas Lobo da Costa e a 7 de Setembro, passaram a acolher vários pontos de venda, geralmente localizados em esquinas ou em frente a locais de comércio de grande movimentação. Neste caso, o Supermercado Nacional, localizado na quadra entre as ruas Andrade de Neves e General Osório, com entrada pelas duas ruas e muito utilizado como via de acesso às paradas de ônibus localizadas na General Osório, uma das principais vias do centro.

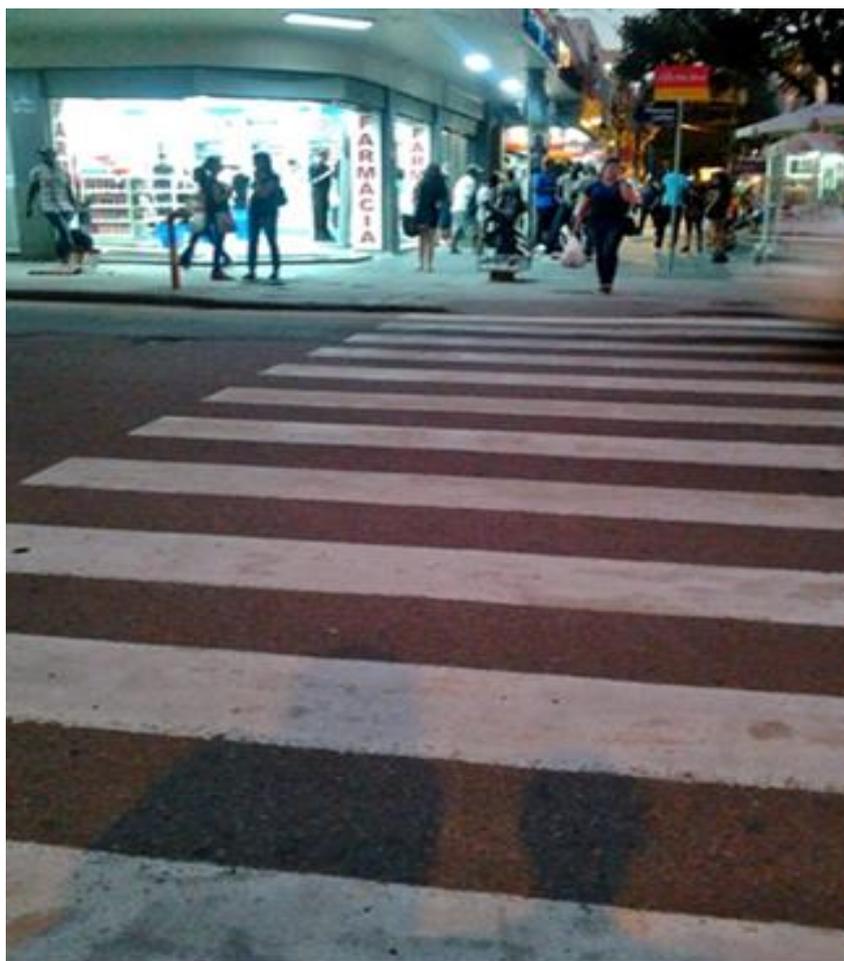


Figura 13: Travessia antes de chegar no principal ponto de trabalho dos senegaleses ambulantes – sinaleira na esquina das ruas Andrade Neves e Marechal Floriano. Detalhe na foto as sombras na faixa de trânsito da autora da dissertação e de Yanne Alves Roberto.
Foto: Simone Assis. Acervo pessoal.

A dinâmica comercial dos imigrantes ocorria através do porte de maletas padronizadas. Eram prateadas e forradas em veludo vermelho, continham mercadorias fixadas: relógios, pulseiras, anéis, cordões dourados ou prateados e alguns com pedras decorativas, dentre outros adereços corporais. Era habitual vê-los portando em uma mão a maleta e na outra uma grande placa de isopor com variados modelos, tamanhos e cores de óculos de sol (quando era verão), disputando espaços com carregadores de aparelhos eletrônicos e celulares, paus de *selfies* e outros objetos. Durante o inverno, outros produtos são agregados às vendas, como: pares de meias, luvas, toucas, mantas⁴¹, conjuntos de moletons, bolsas e tênis. Cujo o modelo deles eram réplicas de marcas famosas internacionalmente. Esses produtos ficavam expostos sobre tecidos ou lonas estendidas no chão. Pude observar que especialmente os relógios e os conjuntos de moletons eram muito procurados pelos passantes. Nos meses após as operações rigorosas de fiscalização e apreensões de mercadorias, estas começaram a ser carregadas em suportes com rodinhas, similares aos carrinhos de carregamento de bagagens de rodoviárias, porque facilitavam e agilizavam à fuga quando ocorria uma aproximação dos fiscais.

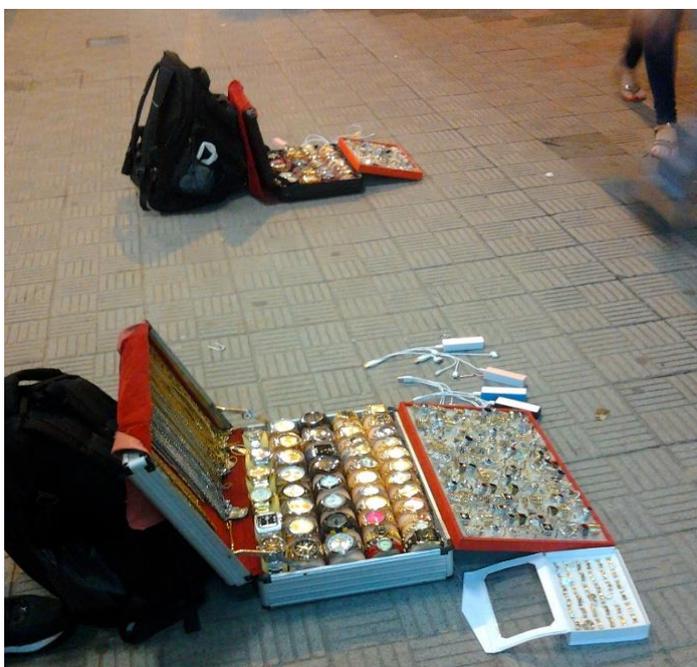


Figura 14: Maleta usada como expositor de mercadorias.
Foto: Simone Assis. Acervo pessoal.

⁴¹ No Rio de Janeiro chamamos de cachecol. No começo havia divergência em falarmos sobre o mesmo objeto, pois os senegaleses se referenciavam aos mesmos como mantas, acompanhando os costumes nominais do Rio Grande do Sul.

Importante aqui ressaltar o forte vínculo desses imigrantes com a cidade de São Paulo, visto que caberia à rua 25 de Março – considerada o maior centro comercial da América Latina – o principal local de compra das mercadorias que revendiam nas ruas. Isso em razão de as encontrarem por um valor bem abaixo que em outros lugares do Brasil. Para esse local, é comum muitos comerciantes, de todos os cantos do país, viajarem para comprar variados tipos de mercadorias com o preço mais em conta. Desta maneira, possibilitam boas oportunidades de lucros com a revenda desses produtos, sendo estes comerciantes ambulantes ou lojistas. As mercadorias são compradas pelos senegaleses com notas fiscais, o que não os diferenciam, neste aspecto, de qualquer outro comerciante com imóvel fixo. A irregularidade pela qual eram acusados estaria em venderem em espaços não autorizados pelos reguladores públicos municipais. São Paulo passou a ser o ponto referencial de compras de mercadorias para revenda. Embora outros locais também eram acionados: as cidades fronteiriças da Argentina e Uruguai com o Brasil.

A convivência com os senegaleses na rua me permitiu observar como abordavam as pessoas que passavam pelas calçadas e, ao mesmo tempo, o comportamento e reação das mesmas em relação ao modo de abordagem da qual eles utilizavam. Era muito comum, por parte dos senegaleses, o uso do contato físico e da chamada oral direta (“Ôh, amiga/o, vem cá, vem cá...”) para atraírem clientes. Esse contato físico implicava às vezes segurar pelo braço ou abraçar pelos ombros. Mesmo que essas estratégias fossem de uma forma gentil, alguns/as pedestres reagiam com desdenho e outros/as, educadamente, paravam ou desviavam da abordagem. Outros/as, no entanto, reagiam de maneira ríspida, com desacordo a estas abordagens. Cheguei a assistir, inclusive, xingamentos direcionados a eles por mulheres e homens, especialmente de mais idade. Quando havia esse retorno negativo percebia um mal-estar expresso na feição facial e corporal: os olhos baixavam e o aspecto extrovertido se anulava, contudo, logo se recompunha como se nada tivesse acontecido, para já na sequência se dirigir a outros/as pedestres.

Tendo em vista esse quadro, pude verificar que nem todo mundo reagia de forma negativa a essa abordagem. Uma parte significativa de passantes se deixava envolver por esse jogo de sedução e retribuía com simpatia e gentileza. Na maioria das vezes, após diálogos e demonstração detalhada dos produtos, adquiriam-nos. Mas nem todos os senegaleses possuíam essa desenvoltura para as vendas. Ao que parece, era algo adquirido com a experiência. Os recém-chegados eram tímidos na

abordagem das pessoas. Em alguns momentos, via esses buscarem ajuda aos mais experientes. Nesses casos, eram as/os clientes que se dirigiam até eles para saberem o valor e detalhes dos produtos aos quais estavam interessados.



Figura 15 e 16: Exposição das mercadorias no calçadão da Andrade Neves, antes de atravessar a sinaleira que dá acesso ao ponto principal de comércio ambulante dos senegaleses.

Foto: Yanne Alves Roberto. Acervo pessoal.

Na medida em que ocupavam o centro da cidade, a aproximação deles com alguns vendedores e lojistas no Calçadão tornava-se cada dia mais acentuada. Durante minhas estadias com eles, era sempre presente essa dinâmica nas lojas e se apropriavam, de certa forma, muitas vezes desse espaço. Sentavam-se nas cadeiras da farmácia, pegavam as banquetas que pertenciam aos vendedores/as autorizados/as de alimentos. Convidavam-me para sentar junto, tomar café que acabaram de comprar com os mesmos que ali vendiam, comunicavam-se e dialogavam alegremente com grande parte desses/as comerciários/as, vendedores/as e lojistas com os quais se encontravam nas redondezas.



Figura 17, 18 e 19: Momento em que uma dupla de senegaleses negociam a venda de produtos da maleta para um casal, enquanto os outros imigrantes observam essa negociação.

Foto: Simone Assis. Acervo pessoal.

Em uma dessas ocasiões, no Calçadão, pude presenciar o momento de dúvida entre um pequeno grupo de uns cinco a seis dos ambulantes senegaleses sobre a compra ou não de um cobertor que estava à mostra na frente de uma loja ao lado de onde estávamos. Era uma semana de muito frio. Depois de muito conversarem (em wolof e também português), um deles, o Samba, foi até o interior da loja. Em seguida retornou com um cobertor dentro de uma grande sacola e em uma feliz comemoração, dizendo várias coisas em seu idioma para os outros. Todos sorriam e se animaram com a situação. Eu, sem entender o motivo de tantos risos e falas, perguntei o que houve. Obtive a informação sobre o cobertor não ter sido cobrado e sim dado de presente, pois o dono da loja seria muçulmano e não quis cobrá-lo pelo produto.

Eles se tornaram tão próximos dos vendedores de uma das grandes lojas do

Calçadão (Ponto Frio), que semanalmente se encontravam com esses funcionários em um clube esportivo para jogarem futebol. Isso quando não se juntavam aos mesmos para assistirem aos jogos de grande importância mundial dentro da loja, nos televisores expostos para venda. Assim como ocorreu no dia 04 de maio de 2016, em uma visita que fiz a eles e da qual fiz o registro no meu diário de campo:

[...] nesse mesmo momento pude notar que alguns dos meninos [senegaleses] não estavam ali presentes e que estes estavam quase todos dentro da Ponto Frio, com os seus olhares vidrados nas telas de 'tvs' que ficavam na parede direita da loja. Dava para ver bem de onde estávamos que se passava um jogo de futebol. Achei isso muito interessante. Era uma cena completamente diferente das que eu já estava acostumada a ver sobre eles. Estavam fazendo parte desse cenário novo, uma mistura de pessoas de mundos diferentes e todas focando, de forma bem concentrada, as idas e vindas da bola na tela. Pude ver que eram times europeus, ou seja, eram 'outros' sendo admirados por 'outros' em um ambiente de 'outros diversos'. Ali, naquele momento, pude ver, de certa forma, um respeito mútuo, uma afinidade entre os mesmos. Estavam quase todos estáticos, pois de vez em quando os meninos olhavam em direção ao movimento de onde estávamos e assim pude perceber que olhavam para as mercadorias que havia deixado com os outros senegaleses que não foram à loja assistir ao jogo.

2.2. Fiscalização e Operação Mercúrio

Conforme citado anteriormente, o investimento no ordenamento atual do espaço público, por parte da Prefeitura de Pelotas, já vem de alguns anos. Em 21 de janeiro de 2013, uma notícia⁴², veiculada na página oficial da prefeitura, ressaltava a repercussão positiva sobre a população da intensa ação dos fiscais que havia retirado dezenas de ambulantes das ruas centrais. Com isso, permitiria uma maior liberdade de deslocamento aos pedestres. Enfatizou-se, ainda, que a fiscalização passaria a ser diária, para garantir que os espaços públicos se mantivessem desocupados. A reportagem estava se referindo à aglutinação dos ambulantes na área construída onde seria o Shopping Pop Center.

No dia 14 de janeiro de 2014, foi exibida no noticiário televisivo Jornal do

⁴² O Centro de Pelotas amanheceu de "cara nova". 2013. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxMy0wMS0yMQ==&codnoticia=33218>. Acesso em maio 2015.

Almoço e hospedada no site⁴³ do G1-RS, uma matéria intitulada: *Há um ano os vendedores ambulantes não ocupam mais o centro de Pelotas*. Nesta reportagem foram feitas entrevistas com os pedestres e lojistas do Calçadão; incluindo os ex-vendedores ambulantes deslocados para o novo espaço do Pop Center. A equipe do jornal conferiu “o que mudou no Calçadão da cidade e também para os camelôs”. A melhoria no deslocamento pelas calçadas e o aumento de fluxo de pessoas e de vendas teria crescido aproximadamente 10% para os lojistas. Em contrapartida, no Pop Center, com a concentração de mais de 500 bancas (incluindo área de alimentação) e apesar de o local agradar os consumidores, os atuais lojistas e ex-vendedores ambulantes demonstraram a preferência pelas bancas nas ruas do centro por causa do alto custo do aluguel: um box de 2x2 metros estaria custando em torno de R\$600,00 mensais. Os ambulantes alegavam que devido a estes altos gastos estavam ganhando bem menos de quando estavam na rua.

Sobre isso, no início março de 2016, tive a oportunidade de acompanhar um dos senegaleses que estava interessado em alugar um desses boxes para vender e estocar as suas mercadorias, possibilitando desta forma sair das ruas. Foram cobrados, além do valor do aluguel entre 600 a 800 reais (dependendo do tamanho e localização do box), o valor em média de 200 reais para a manutenção do espaço, uma espécie de taxa de condomínio. Além disso, há o custo da caução de R\$2.000,00, um investimento em fundo perdido, porque não retornaria ao locatário com o término do contrato do aluguel. Valores que estariam muito altos diante do risco de queda das vendas em razão do local ficar um pouco distante da área central. Esse imigrante preferiu, então, correr o risco de continuar nas ruas mesmo sendo considerado irregular/ilegal pelos órgãos públicos. Avaliou ser mais conveniente arcar com os prejuízos das mercadorias apreendidas pela fiscalização, ou pagamento de multas para a recuperação das mesmas.

Outros veículos de comunicação da cidade não eram tão otimistas quanto a visão oficial da prefeitura. No Blog *Amigos de Pelotas*, em uma postagem⁴⁴ do dia 03 agosto de 2014, há críticas ao relaxamento da fiscalização quanto aos usos dos

⁴³ Há um ano os vendedores ambulantes não ocupam mais o centro de Pelotas. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/haumanoosvendedores-ambulantes-nao-ocupam-mais-o-centro-de-pelotas/3077235/>. Acesso em maio de 2015.

⁴⁴ Prefeitura parou de fiscalizar invasão do espaço público. 2014. Disponível em: http://www.amigosdepelotas.com.br/blog/prefeitura_parou_de_fiscalizar_invasao_do_espaco_publico.html. Acesso em agosto 2015.

espaços públicos do centro da cidade e cobranças por medidas punitivas. Multas para intimidar especialmente os ambulantes; qualificados como “invasores”. Pois, segundo a afirmação descrita na página, a não ação da fiscalização passa a ser um grande risco “pela mensagem de impunidade que passa”.

No site⁴⁵ oficial da Prefeitura, há uma notícia datada de 26 de dezembro de 2014 sobre o ato de entrega de um veículo exclusivo para o Setor de Fiscalização de Uso e Ocupação do Território da Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana (SGCMU). Na matéria dizia que o uso do transporte visava melhor operacionalizar as diversas atividades, dentre elas a fiscalização de ambulantes. Esta notícia informava, ao mesmo tempo, a disponibilidade dada pela Prefeitura de 32 fiscais ficarem em atuantes nas 24 horas por dia, nos sete dias da semana.

Por certo os investimentos da prefeitura vieram no sentido de reprimir os vendedores ambulantes, pois esses voltaram a ocupar o Calçadão em consequência da crise econômica nacional. Em maio de 2015, temos na imprensa local e na própria página⁴⁶ da prefeitura, a confirmação do aumento do número de ambulantes no Calçadão. O poder público respondeu com ações dos fiscais da SGCMU em conjunto com a Guarda Municipal (GM) para a apreensão de mercadorias e retirada desses vendedores que estariam nas ruas da cidade.

Em dezembro de 2015, o embate entre a fiscalização da prefeitura e os ambulantes, em sua maioria os senegaleses, apresenta-se em toda a sua violência. Em uma ação dos fiscais junto com a Guarda Municipal, ocorrida no dia 02, houve tentativa de apreensão das mercadorias, gerando resistência por parte dos senegaleses e dos pedestres que ali se encontravam, já que tentaram impedir o efetivo dos representantes municipais. O episódio resultou em violência física e verbal: um dos ambulantes senegaleses saiu ferido em uma das mãos ao tentar evitar que retirassem a sua maleta de produtos, outro teve sua blusa rasgada na tentativa de impedir a retirada de suas mercadorias. Mediados primeiramente por um integrante do movimento negro (na época pré-candidato à prefeitura) e em seguida pelo Grupo de Políticas Migratórias e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas

⁴⁵ MEIRELLES, Alessandra. Fiscalização do espaço urbano agora conta com um carro. 2014. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNC0xMi0yNg==&codnoticia=38187>. Acesso em maio 2015.

⁴⁶ SALVADOR, Tadeo. Prefeitura fiscaliza ambulantes no Calçadão. 2015. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNS0wNS0xMg==&codnoticia=39013>. Acesso em maio 2015.

(Gemigra/UCPel), os senegaleses tentaram sem sucesso registrar ocorrência na Delegacia de Polícia por agressão, injúria racial e xenofobia contra os servidores públicos. Esses, por sua vez, também procederam ao registro de ocorrência contra os senegaleses por agressão e ameaça.

A ação da Guarda Municipal, sobre os imigrantes, ganhou vasta repercussão na mídia local e regional e em redes sociais. Com amplo posicionamento da população em favor dos senegaleses e fortes debates sobre o que seria moral ou ilegal nessa situação de trabalho. Fotos, vídeos, relatos, cobranças e comentários de pessoas que vivenciaram os fatos ocorridos foram intensamente compartilhados. Isso levou a prefeitura a emitir um pronunciamento oficial em que, contraditoriamente, repudiava o ocorrido:

A Prefeitura de Pelotas expressa seu profundo repúdio a qualquer iniciativa racista, xenófoba ou preconceituosa que desrespeite as pessoas. Atitudes que possam ter sido tomadas por indivíduos isolados NÃO REPRESENTAM o modo de pensar e agir da Prefeitura de Pelotas, seus servidores e colaboradores⁴⁷.

Destaca-se que esta ação violenta da fiscalização ocorreu um dia após a grande repercussão, nas diversas vias da imprensa, inclusive televisiva, da primeira celebração do feriado religioso para os senegaleses em Pelotas; com o apoio do Gemigra e realização da Paróquia Católica São Cristóvão⁴⁸. Nessa primeira ação violenta, encontrava-me fora da cidade e soube através de um telefonema sobre o ocorrido. Ao retornar, fui direto ao encontro dos imigrantes no Calçadão, onde só havia três deles, que me expuseram um resumo do ocorrido. A ação de fiscalização não se intimidou com a repercussão desse acontecimento no dia 02 de dezembro, persistindo ainda com a apreensão descontrolada de mercadorias junto aos ambulantes.

No dia 12 de janeiro de 2016, conforme relatado no site⁴⁹ da prefeitura, houve uma reunião entre a Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana (SGCMU) e Guarda Municipal (GM) para organizarem uma nova operação de fiscalização. A proposta foi de um trabalho integrado entre as duas equipes, com foco no Calçadão

⁴⁷ PREFEITURA DE PELOTAS. (Página no Facebook). 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeituradepelotas/photos/a.579830118828806.1073741828.5764652394/804397626372053/?type=3&theater>. Acesso em dez 2015.

⁴⁸ Localizada no bairro Três Vendas, em Pelotas.

⁴⁹ MEIRELLES, Luiza. SGCMU e GM organizam operação de fiscalização de ambulantes. 2016. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wMS0xMg==&codnoticia=41028>. Acesso em fevereiro 2016.

de Pelotas, para a coibição do comércio ilegal de mercadorias e a intensificação da ação de fiscalização a partir de fevereiro. No encontro, foram explicados os principais procedimentos de segurança e sanadas as dúvidas dos fiscais sobre o processo de notificação e apreensão de produtos, bem como foi feito um treinamento sobre as dificuldades e as problemáticas, deslocamento, comunicação e legislação. Ressalta-se que, em momentos de conflitos e de contravenção à lei, durante a abordagem, seria a Guarda Municipal a assumir a ocorrência, podendo, inclusive, conduzir os agentes fiscalizadores e os ambulantes envolvidos à Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento (DPPA) para que a autoridade policial realize os procedimentos cabíveis. A parceria entre a GM e a SGCMU passaria a contar com 23 agentes fiscalizadores, de segunda a sábado, divididos em três etapas: solicitação para a retirada dos produtos; notificação e identificação do ambulante e, por fim, a apreensão de materiais em caso de reincidência. Ainda sobre isso, assegurado na reportagem, o Guarda Municipal Martins, um dos orientadores da reunião, relatou na entrevista que “a intenção é sincronizar o trabalho da Guarda com os fiscais para que eles saibam se posicionar corretamente nas situações de perigo”. Afirmando ainda que a “prioridade é trabalhar dentro da legalidade, informando a população e garantindo a segurança de todos” (MEIRELLES, 2016).

Logo, no início de março do mesmo ano, o prefeito em exercício Eduardo Leite reuniu em seu gabinete os responsáveis pela equipe de ação de fiscalização para que fossem discutidas novas estratégias mais efetivas. Com a participação de várias secretarias para fiscalizar e controlar a venda ilegal de produtos dos ambulantes. Na ocasião, o prefeito afirmou a necessidade de insistir nas atividades para combater o comércio ilegal, mesmo que diariamente. Complementando essas informações repassadas pela reportagem⁵⁰ no site da prefeitura, o Secretário de Justiça Social e Segurança (SJSS) Tiago Bündchen relatou que a Secretaria ofereceu cursos profissionalizantes aos ambulantes, com o intuito de proporcionar crescimento profissional e em outras áreas de emprego, mas os mesmos não aceitaram a oferta. Contudo, no final desse mesmo mês, se deram os últimos detalhes para a formulação e implantação da Operação Mercúrio. Conforme foi anunciado na página oficial da prefeitura, o secretário da SJSS relatou a preocupação com a perda do

⁵⁰ DOCKENDORFF, Shana. Operação Mercúrio vai combater comércio irregular no Calçadão. 2016. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wMy0yMQ==&codnoticia=41550>. Acesso em março 2016.

espaço público para o comércio ilegal e que, “especialmente em tempos de recessão, isso prejudica não só o espaço, como também os comerciantes que pagam seus impostos ao Município”.

A Operação Mercúrio refletiu um maior rigor pedido pelo prefeito Eduardo Leite sendo parte do projeto de revitalização do Calçadão. Ainda sobre isso, o secretário explicava: “não queremos prender pessoas, mas sim apreender as mercadorias ilegais e acabar com o comércio irregular”. Além das equipes da GM e da SGCMU, atuando e recolhendo produtos irregulares, a Operação Mercúrio contava com o aval do Ministério Público Estadual e com a Polícia Civil, responsáveis pelo recebimento das mercadorias que fossem recolhidas. Em suma, era uma articulação entre instâncias de controle do espaço público de várias esferas. Nesta mesma reportagem há uma nota de curiosidade: “Na mitologia romana, Mercúrio (associado ao deus grego Hermes) é um mensageiro e deus da venda, lucro e comércio”⁵¹.

No dia 1º de abril de 2016, a Operação Mercúrio desenvolvia outra ação conjunta da GM e a SGCMU no Calçadão da Andrade Neves. Participaram 19 fiscais e 18 guardas municipais em um cerco premeditado para que impedisse a fuga dos comerciantes considerados ilegais. Nesse dia foram apreendidas uma grande quantidade de mercadorias dos vendedores ambulantes. Um total de 1.718 produtos dos quais tiveram que ser retirados em caminhonete da GM. De acordo com a reportagem⁵² na página oficial da Prefeitura de Pelotas, a ação teve o objetivo de combater a ocupação ilegal do espaço público, já que existem locais para esse tipo de “comércio de camelôs”, neste caso o Pop Center. Os produtos de origem brasileira poderiam ser retomados através da apresentação de nota fiscal junto à SGCMU. Já as mercadorias de outra nacionalidade teriam sido entregues à Receita Federal. Nesta operação três pessoas foram encaminhadas à Delegacia de Polícia após desacatarem guardas municipais durante a ação. Nenhum deles era ambulante. Mais uma vez, houve um grande prejuízo financeiro com a retirada das mercadorias dos senegaleses, além do abalo emocional por se sentirem tratados como criminosos, algo que não compreendiam por se considerarem “trabalhadores honestos”. Na percepção deles, não estariam cometendo crimes pelas ruas da cidade. A mesma alegação muito

⁵¹ Uma das mais conhecidas “Operação Mercúrio” (Unternehmen Merkur) foi uma invasão aérea em Creta pelas unidades de paraquedistas da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

⁵² DOCKENDORFF, Shana. Operação Mercúrio apreende 1,7 mil produtos ilegais no calçadão. 2016. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNC0wMQ==&codnoticia=41642>. Acesso em abril 2016.

utilizada pela população que defende a permissão dessas vendas para os ambulantes como forma de trabalho e geração de renda honesta.

Em 05 de maio de 2016, outra notícia⁵³ publicada no site da prefeitura relatava uma reunião ocorrida entre lojistas do Pop Center e o prefeito Eduardo Leite e o novo titular da SGCMU, Gilberto Cunha. A queda nas vendas levava representantes dos permissionários do Pop Center a reivindicarem uma redução no valor pago pelo aluguel das bancas e, ainda, medidas repressivas contra os ambulantes irregulares que vendiam produtos no centro da cidade. Sobre esta segunda reivindicação, a prefeitura declarava que a presença dos ambulantes seria um retrocesso às iniciativas já feitas de ordenamento do espaço público, manifestando-se o prefeito pela intensificação das ações de fiscalização e controle⁵⁴.

Em 18 de maio esta promessa se efetivava através de mais uma ação da Operação Mercúrio junto ao Calçadão. Similar àquela ocorrida no mês de abril e gerou a apreensão de 1.917 mercadorias. Por terem as mercadorias apreendidas em uma sequência de intervalos bem curtos, houve uma dificuldade de compra e reposição de novos produtos por parte dos ambulantes senegaleses. Porque mesmo sendo os imigrantes muito unidos na ajuda uns aos outros, as perdas destas mercadorias acabam não sendo recuperadas no poder público, por causa da multa⁵⁵ cobrada pelo total de produtos apreendidos tornar-se maior do que a sua reposição.

As reposições tão rápidas de mercadorias apreendidas levavam a questionamentos e desconfianças tanto do poder público quanto de alguns setores da população civil. Acreditavam haver alguém ou algum grupo por trás do fornecimento desses produtos. No transcorrer da etnografia, não verifiquei qualquer indício com o qual se comprovasse tais desconfianças e suspeitas. O que pude verificar foi a ajuda mútua de uns com os outros, através de empréstimos em dinheiro ou com a divisão de mercadorias para quem as perdeu. Essa divisão e empréstimo de mercadorias ocorria principalmente dos ambulantes estabelecidos para com os recém-chegados,

⁵³ CUNHA, Valéria. Operação Mercúrio apreende quase duas mil mercadorias no Calçadão. 2016. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNS0xOA==&codnoticia=41989>. Acesso em maio 2016.

⁵⁴ PORTUGAL, Inês. Afetados pela crise, lojistas do Pop Center procuram Eduardo. 2016. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNS0wNQ==&codnoticia=41882>. Acesso em maio 2016.

⁵⁵ Quando a mercadoria é apreendida, os vendedores irregulares têm até 60 dias para apresentar a nota fiscal e solicitar a retirada dos produtos. É necessário ainda pagar duas multas que juntas somam R\$ 535,85 – uma por obstrução de passeio (cinco Unidades de Referência Municipais – URMs) e outra por comércio ilegal (duas URMs).

sendo feita até que estes não necessitassem mais dessa ajuda e pudessem financiar a sua própria aquisição de produtos para revenda nas ruas.

Havia um visível desagrado por parte de alguns comerciantes regularizados/legalizados e os seus defensores sobre a presença de ambulantes na rua. Constantemente se manifestavam através das redes sociais ou nas reportagens postadas na internet, com a alegação de concorrência desleal, por causa dos gastos com pagamento aluguel, impostos, funcionários e outros encargos. Queixavam-se que os ambulantes estariam em vantagem por não gastarem com nada disso e por estarem vendendo as mesmas mercadorias para os mesmos clientes. Segundo o relato de alguns ambulantes pelotenses, com os quais também estive sempre em contato, a fiscalização se intensificou cada vez mais conforme à pressão por parte desses mesmos comerciantes que se posicionavam e cobravam fortemente perante aos poderes públicos (aos quais lhes pagam impostos) para que fossem retirados esses vendedores, principalmente das áreas centrais.

A segunda das ações mais violentas ocorreu no dia 09 de junho de 2016. Soube durante o intervalo de aula, no horário da tarde, por uma das professoras depois de receber a notícia pelas redes sociais da prisão e violência contra os senegaleses no Calçadão do centro da cidade. Quando cheguei ao Calçadão, eles não estavam mais lá. Fui em busca de informações junto aos vendedores ambulantes brasileiros. Esses relataram que os senegaleses estavam na delegacia porque um deles havia sido derrubado, imobilizado no chão e atingido com vários jatos de gás de pimenta nos olhos, por não ter aceito a apreensão de suas mercadorias e de sua mochila com vários objetos pessoais, como roupas e documentos. Em seguida, com o retorno de alguns dos senegaleses, fui informada por eles que um deles havia sido encaminhado para uma Delegacia e depois, para a Polícia Federal.

Logo encontrei o senegalês atingido de maneira bem mais agressiva e pude ver o quanto ele estava extremamente abalado e sensibilizado pela agressão sofrida. Tentei confortá-lo com intuito de amenizar aquele momento tão desconsolador para ele, em uma terra de estranhos, e com ações tão violentas para pessoas que, segundo o mesmo, “tentavam somente trabalhar e não roubar”. Após um breve momento no qual estava ali conversando e ouvindo-os sobre o ocorrido, houve o retorno do ritmo normal no local. Inclusive das vendas dos ambulantes brasileiros/as e dos imigrantes que iniciaram novamente a montagem das exposições de suas mercadorias. Apesar do recém ocorrido, momentos depois, para a surpresa de todas/os que ali estavam, a

fiscalização junto à Guarda Municipal retornou em maior número, iniciando mais uma vez, uma nova confusão.



Figura 20, 21, 22 e 23: Ação do dia 09 de junho de 2016.
Fotos: Paulo Rossi, 2016. Fonte: Jornal Diário Popular.

Decorrente ao conflito anterior, ocorrido em um curto espaço de tempo, novamente a tensão se generalizou. Muitos populares que ali passavam e os ambulantes se juntaram em busca de autodefesa e se posicionaram contra esta nova ação. Diante do risco de se ter novamente outro desenrolar violento, ou ainda maior, pedi para um dos senegaleses que telefonasse para a advogada e coordenadora do Gemigra, Ana Paula Dittgen. Para que pudessem ter o aparato necessário do grupo do curso de Direito da Universidade Católica, pois esses já os acompanhavam como pesquisadoras/es e saberiam a melhor forma de agir diante da iminente situação.

Assim previsto, novamente a situação fugiu do controle e me via no meio de toda aquela nova confusão tentando acalmar os senegaleses e apaziguar o momento. Eram aproximadamente uns 15 deles e em sua grande maioria bem grandes e altos, me sentia um tanto perdida no meio deles. Os mais calmos tentavam acalmar os mais nervosos, que correspondiam ao modo de intervenção provocativa e arrogante por parte da Guarda Municipal. Em um certo momento, um dos senegaleses apontou dois dedos da mão em direção aos próprios olhos e disse, olhando para um dos guardas, que este havia jogado “pimenta nos olhos do seu amigo”. Gesto no qual semanas após soube em uma das reuniões com representantes da GM, na Câmara de Vereadores, foi visto como uma ameaça direta ao mesmo policial. Com a chegada da coordenadora do grupo Gemigra e do advogado e militante Fábio Gonçalves⁵⁶, iniciou-se um diálogo entre as partes e os ânimos foram aos poucos se tranquilizando.

Infelizmente, no dia seguinte, a visibilidade da tensão se tornou ainda mais presente quando fui informada que um guarda, à paisana e armado, ameaçou um pequeno grupo de ambulantes senegaleses que estava no Calçadão das ruas Andrade Neves com a Marechal Floriano. Segundo relatos de testemunhas, o guarda foi contido pelas pessoas que ali estavam e assistiram o ato, acionando a Guarda Municipal. Esse descontrole, levado agora para o âmbito pessoal, deu a medida do risco desses fatos se agravarem, ultrapassando os limites regionais e se tornando um problema diplomático. Era mais que notória a urgência de se reverter esse quadro para o viés dialógico e de reavaliação das ações e consequências das mesmas.

Nesta fase da etnografia, em que se deu início a Operação Mercúrio, os eventos se tornaram bem confusos para mim. Foi quando as ações de apreensão das mercadorias ficaram além de mais intensas, bem mais tensas. Parte por causa das

⁵⁶ Época que era também Presidente do Conselho Municipal de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Pelotas (CMPDCN).

reações de indignação que presenciava dos vendedores ambulantes e da população com as tentativas de impedirem a retirada das mercadorias nessas ações vindas dos representantes do poder público municipal. O ápice da revolta da população ocorria devido à indignação diante do tratamento dado aos vendedores ambulantes. A defesa vinha sob o argumento de que esses estariam em busca de trabalho honesto e não se envolvendo em soluções consideradas fora da lei como roubo ou outras formas desleais de obterem dinheiro para sobrevivência.



Figura 24 e 25: Comentários sobre a ação violenta da fiscalização junto a Guarda Municipal.
Fonte: Página do Jornal Diário Popular no Facebook. Foto: Paulo Rossi.

As ações saíram do controle, não só nas ruas, mas também nas discussões acaloradas pelas redes sociais. Essas se tornaram cada vez mais rotineiras e crescentes. De um lado havia os/as que se posicionam em defesa dos ambulantes e imigrantes por estarem trabalhando honestamente e enfatizando o absurdo do deslocamento de guardas para reprimi-los ao invés de estarem dando a devida atenção aos roubos e crimes cada vez mais crescentes na cidade. De outro, havia os/as que não consideravam correta a presença desses ambulantes pelos calçadões por diversos motivos: injustiça com os comerciantes pagadores de impostos, a “bagunça” nos calçadões, a solução já indicada de irem para o Pop Center e outros. A utilização de gás de pimenta e armas de choque passaram a ser formas defensivas e recorrentes por parte da Guarda Municipal com a alegação de se protegerem e não perderem o controle das ações diante das constantes reações vindas dos ambulantes, que rejeitavam a apreensão das mercadorias. Assim como às reações agressivas, xingamentos e ameaças físicas vindas da população em defesa dos ambulantes.

No início da noite de 09 de junho, um dia após a violenta operação que teve grande repercussão, a prefeitura, em seu site, publicou uma reportagem⁵⁷ intitulada *Prefeitura luta para manter a área central livre de ambulantes*. Nela continha a explicação de todo o decorrer das ações para retirada dos “camelôs” e fiscalização regular da área no centro da cidade desde 2013. Uma espécie de resumo de tudo que já ocorreu para quem não estivesse acompanhando esses acontecimentos e pudesse se inteirar do motivo que levou a essa situação da qual obteve grande repercussão. Em destaque, no início da reportagem, a seguinte frase: “Cientes que estão “fora da lei”, e apesar dos avisos e das constantes fiscalizações e apreensões de mercadorias, comerciantes irregulares reincidem”.

Na reportagem é explicada desde a mudança dos vendedores para “um local qualificado e adequado ao comércio”, o impacto positivo para a população por ter “de volta” o Calçadão, chegando aos relatos sobre os últimos meses em que “estes locais tornaram a ser invadidos pela atuação irregular de ambulantes que não se inibem mesmo com as constantes fiscalizações e apreensões de mercadorias”. A reportagem informa que desde dezembro de 2015, quando os agentes da fiscalização sofreram agressões durante uma ação, essas autuações são realizadas “de maneira conjunta,

⁵⁷ MENGUE, Angelica. Prefeitura luta para manter a área central livre de ambulantes. 2016. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNi0xMA==&codnoticia=42171>. Acesso em junho 2016.

com apoio da Guarda Municipal” e que, conforme consta na explicação do coordenador dos agentes fiscais, Carlos Pereira, “esse entrosamento com a Guarda é muito importante para planejar as ações de forma mais segura e efetiva, trabalhando sempre a partir da lei e da informação”.

Novamente a Prefeitura lançava na justificativa um discurso cujo os argumentos centrais seriam: a ilegalidade de algumas atividades, o compromisso com a manutenção da ordem e a necessidade de cumprimento de deveres fiscais para ter o status de comerciante reconhecido. Como alternativa, o secretário da Secretaria de Justiça Social, Luiz Longaray, informou que os assistentes sociais da Segurança da SJSS “ofereceram aos imigrantes que atuam no comércio ambulante irregular, vagas em cursos do programa Capacitar Pelotas, para que tenham alternativas de trabalho em outras áreas, dentro da legalidade e que não houve interesse”. Sem se alongar aos motivos do desinteresse.

A repercussão sobre essa violenta Operação Mercúrio foi se ampliando cada vez mais através de vídeos e depoimentos que não paravam de se espalhar para além da localidade. A imprensa escrita, falada (rádio) e televisada abordou ainda os acontecimentos desta ação. Na coluna do dia 13 de junho de 2016 do Jornal Diário Popular, *Política, Cultura e Economia*, de Pablo Rodrigues (2016), foi falado⁵⁸ sobre essa última ação da Guarda Municipal:

Pelos relatos e pelas imagens, ação um tanto desastrada. E violenta. Provocados pela população, que defendia os vendedores de rua, os membros da GM responderam. Spray de pimenta e o “bom e velho” cassetete se fizeram sentir no vento, nos olhos e na pele. Diante da repercussão do caso, o secretário de Justiça e Segurança Social, Luiz Eduardo Longaray, deu a mais protocolar das respostas: “Às vezes, o uso da força é necessário. Se algum excesso for verificado, será apurado”. Há razoabilidade no que diz Longaray. Fica quase impossível contestá-lo. Quase, não fosse – na minha opinião, claro, sujeita ela mesma à contestação – a situação de exceção que se vive. [...] A ação da Guarda Municipal e dos fiscais, provavelmente corretíssima do ponto de vista legal, irrompeu desequilibrada, desproporcional e, sim, desnecessária diante do drama humano que se descortina em Pelotas. Deu-se a briga da gente contra a gente. E todos saímos perdendo. Infelizmente.

⁵⁸ RODRIGUES, Pablo. Deu-se gente contra gente. 2016. Disponível em: https://diario-popular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MTEzNDE5&id_area=Mg==. Acesso em junho 2016.

Ainda sobre isso, no dia 15 de junho o Jornal do Almoço⁵⁹, da Rede local televisiva RBS, afiliada à Rede Globo, entrevistou o Secretário de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana, Gilberto Cunha, sobre a ação “tumultuada” da Operação Mercúrio. O Secretário argumentou que com a operação “não fiscalizamos pessoas, nem a sua raça e nem a sua etnia, o que se fiscaliza é o ato ilegal”, relatando que como as mercadorias apreendidas possuem um mesmo padrão, haveria a possibilidade de se ter “uma organização por trás”, comandando essas vendas. Chama a atenção na fala do Secretário a relevância de se frisar que as mercadorias apreendidas, com os ambulantes, são industrializadas. Como se houvesse uma incompatibilidade em ser “popular” e se ter acesso a esse tipo de produto. Afirmou ainda que “não existe agressão”, “que o ato em si não é um ato violento, é só um ato de retirar”, estando o fiscal apenas cumprindo a sua função, reagindo com a força apenas quando são agredidos pela população. Segundo o secretário, a operação é feita para manter a “organização no centro da cidade”, visando um “planejamento urbano”. Questionado sobre quais os procedimentos para as pessoas “ficarem legais”, Gilberto Cunha esclarece que “não existe autorização para o centro da cidade”, a solução estaria em encontrar “um local que esteja disponível, tipo Pop Center, tipo um prédio onde possa alugar e legalizar esse comércio”.

2.3. Redes de solidariedade

A primeira abordagem violenta ocorrida no dia 02 de dezembro de 2015, gerou uma grande comoção na população local, em vários âmbitos. O que levou a diversas tentativas de ajuda aos senegaleses por parte de alguns grupos: universitários/as, religiosos/as e políticos/as, que se manifestaram e mobilizaram por meio das redes sociais. Iniciou-se uma campanha de recolhimento de alimentos, roupas de frio e até mesmo de ajuda financeira, na qual se noticiava as necessidades básicas que estariam passando na cidade. Com o agravante de até divulgarem o endereço onde residia um pequeno grupo deles para se levar as doações. Divulgação propagada

⁵⁹ Operação Mercúrio quer fazer valer o Código de Posturas do município. Reportagem disponível neste endereço: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/videos/t/todos-os-videos/v/operacao-mercurio-quer-fazer-valer-o-codigo-de-posturas-do-municipio/5099395>. Acesso em junho 2016.

pelos veículos de comunicação, rádio, além das redes sociais.

Esta campanha foi fortemente equivocada e constrangedora para os próprios senegaleses, pois em nenhum momento foram consultados sobre as suas reais necessidades e o que desejariam ou precisariam de ajuda, ou apoio. Devido nem sequer saberem dessas campanhas, foram surpreendidos quando começaram a chegar doações em suas casas e na rua quando estavam trabalhando como ambulantes. Não entenderam tais gestos e porque as pessoas paravam e entregavam sacolas com alimentos e roupas sem que eles soubessem a quem se destinava. No dia do início dessas mobilizações, estava fora da cidade e fui informada, através de um telefonema de uma colega de curso, sobre toda essa situação e do nervosismo e tensão que isso estava ocasionando a eles.

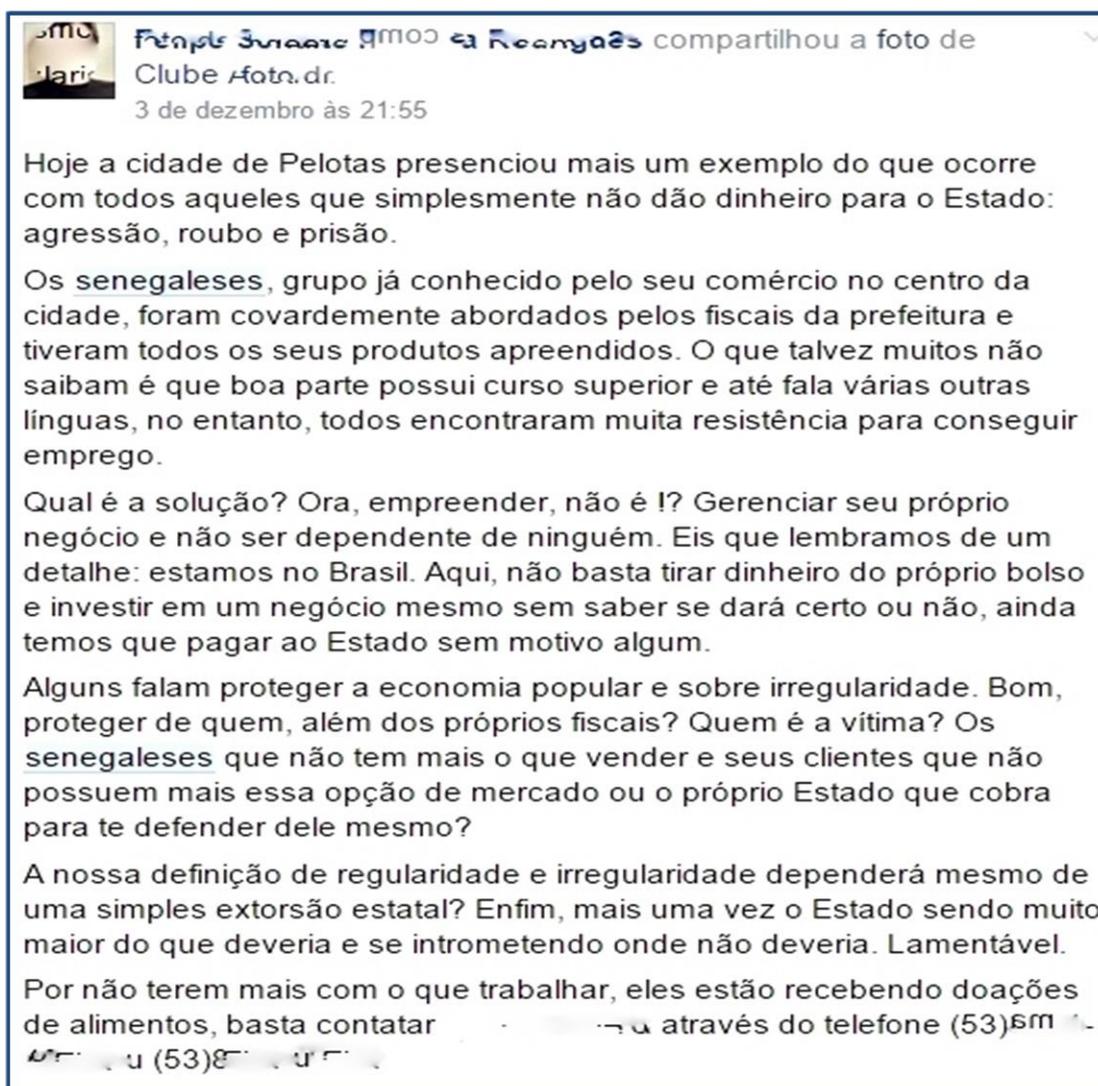


Figura 26: Campanha para doação de alimentos aos senegaleses em Pelotas, 2015.
Fonte: Facebook.



Figura 27, 28 e 29: Campanhas de doações de cobertores, alimentos e material de higiene para os senegaleses em Pelotas. Fonte: Twitter e Facebook.

Assim que retornei para a cidade, à noite, procurei-os para saber mais detalhes do caso e fiquei incumbida de buscar as origens dessas campanhas. Em seus relatos era nítido o quanto se sentiram constrangidos. Contudo, apesar de estarem muito agradecidos com toda comoção e carinho que estavam recebendo, diziam que queriam apenas trabalhar de forma digna e não serem tratados como criminosos ou como desamparados e “coitados” por estarem vendendo nas ruas. Argumentavam que queriam eles próprios suprir as próprias necessidades básicas, por meio do trabalho digno e o apoio entre eles mesmos.

Diante desta situação de descontrol das ações e risco de integridade física e moral dos senegaleses, obriguei-me a atuar para além da observação participante, de maneira mais propositiva, ocupando o lugar de mediadora devido à relação de confiança adquirida (FOOTE-WHYTE, 1980). Principalmente após presenciar uma dessas ações e me ver completamente envolvida na situação, no sentido de evitar um acirramento violento das relações entre todos os envolvidos: ambulantes brasileiros, senegaleses, população e representantes do poder público (Guarda Municipal e fiscais). Nesse dia, em que havia ocorrido a terceira intervenção descontrolada e violenta, a busca por solução se tornou ainda mais emergencial e de extrema urgência. Sobretudo por causa dos ânimos que já estavam mais que acirrados e com a real possibilidade de expandir para situações ainda mais graves de violência com consequências irrefutáveis.

Especialmente após o segundo episódio violento, ocorrido em 09 de junho de 2016, procurei obter mais informações e orientações para agendamento de reunião junto ao Legislativo, para apoio e solução do agravamento da situação. Acompanhou-me o militante do movimento negro e presidente do partido político PT do B, Flávio de Souza, que havia testemunhado e intermediado a primeira ação violenta da Operação Mercúrio. Através do mesmo, foi marcada uma primeira plenária para se tratar do assunto. Busquei apoio em diversas áreas e compartilhei, através das redes sociais, as reportagens sobre as ações violentas contra os imigrantes africanos que vieram do Senegal. Incluindo o convite para a plenária agendada às várias associações, grupos, movimentos, entidades e até mesmo pessoas civis, dentro e fora da cidade. Na ocasião, ainda acompanhei dois dos senegaleses (Bathie, Modou⁶⁰) até uma influente rádio⁶¹ local, chamada RadioCom, para que pudessem convidar eles mesmos os ouvintes para apoiá-los. Buscando-se formar uma rede de interessados na procura por soluções para os embates constantes entre os ambulantes e o governo municipal. Nesse dia, manifestaram também a importância da população ouvir e conhecer um pouco sobre eles, sua cultura e o Senegal.

⁶⁰ Houve três senegaleses chamado Modou ao longo da etnografia. Modou1, também conhecido como Alex, foi o primeiro que conheci logo após os seis primeiros senegaleses. Sidy1 me falará de um senegalês chamado Alex, mas logo ao me apresentar pude verificar que Alex era um nome escolhido pelo Modou1 com a intenção de facilitar na apresentação aos brasileiros/as. Da mesma forma fizeram Daouda, adotando o nome de Michael e Cher que adotou o nome de Lucas.

⁶¹ RádioCom 104.5 é um canal comunitário na cidade de Pelotas formada por sindicalistas, trabalhadores, artistas, etc. Sempre atualizando os seus ouvintes sobre os acontecimentos na cidade, incluindo a essas informações os debates e entrevistas ao vivo.



Figura 30 e 31: Visita a Rádio.Com para convidar aos ouvintes para Audiência na Câmara Municipal de Pelotas.
Foto 30: Yanne Alves Roberto. Acervo pessoal.
Foto 31: Página do Facebook da Rádio.Com

No dia 13 de junho de 2016, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de Pelotas, cobrava e também se posicionava emitindo uma nota⁶² condenando a abordagem "excessivamente violenta" da Guarda Municipal contra os ambulantes, tendo está "desvirtuado" o objetivo principal da Operação Mercúrio. Esta organização esteve presente em outras reuniões de mediação com o poder público. Entretanto, não houve ações mais incisivas no sentido de sustentar um debate sobre os direitos dos imigrantes. Por ocasião do primeiro confronto, ocorrido em dezembro de 2015, os senegaleses já haviam buscado apoio na Câmara dos Vereadores e no Ministério

⁶² DIÁRIO POPULAR. OAB Pelotas critica abordagem 'excessivamente violenta' da Guarda Municipal contra ambulantes. Disponível em: http://www.diariopopular.com.br/index.php?nsistema=3056&id_noticia=MTEzNDMw&id_area=Mg%3D%3D. Acesso em junho 2016.

Público, junto com o Gemigra e o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra de Pelotas. O Conselho se mobilizou no acompanhamento aos senegaleses junto a algumas instâncias. Contudo, com o agravamento ainda maior em 2016, ocorreram outras movimentações, com outros/as atuantes, que ocasionaram duas importantes plenárias na Câmara de Vereadores e outras reuniões mais restritas, formando-se uma Comissão para acompanhamento das intermediações com Poder Público Municipal.

Em todas essas reuniões, na Câmara, estava presente um grande número de imigrantes senegaleses. Inclusive tendo quatro deles: Aziz, Bathie, Modou¹ e Sidy², como parte da comissão formada. Que ainda incluíam eu, a advogada e representante do consulado senegalês (vinda de Brasília, especialmente para a segunda plenária na Câmara), um representante dos ambulantes na cidade (conhecido por Alemão) e três representantes do Movimento Negro de Pelotas: Marielda Barcellos (professora, militante negra e fundadora do Centro Cultural Marrabenta⁶³), Vinicius Britto (militante e um dos fundadores do Marrabenta e, tempos depois, do Kanimambo⁶⁴) e Flávio de Sousa (militante do Movimento Negro e pretendente candidato à Prefeitura de Pelotas).

Outras e outros atores extra locais também foram mobilizados em apoio aos imigrantes: o Coletivo *Senegal, Ser Negão, Ser Legal*⁶⁵ de Caxias do Sul (no anexo 2 encontra-se a Nota emitida pelo Coletivo em rede social)⁶⁶, associações de senegaleses de outras regiões e grupos de pesquisa sobre migração e direitos humanos, como o Gaire (Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados).

Na primeira reunião na Câmara dos Vereadores, que ocorreu no dia 16 de junho de 2016, houve a participação de muitos dos senegaleses, amigos e amigas dos mesmos, alguns ambulantes Pelotenses, o representante deles: Alemão, e parte dos vereadores. Nessa reunião, presidida pelo presidente da Câmara, vereador

⁶³ É um espaço representativo das culturas e tradições africanas radicadas no Brasil e, mais especificamente, em Pelotas.

⁶⁴ Um Ateliê de Vestuário Africano que surgiu como um projeto aprovado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Procultura) da Prefeitura de Pelotas com intuito de geração de trabalho e renda aos imigrantes senegaleses, através da produção local de vestuário africano.

⁶⁵ O coletivo nasceu de campanha iniciada pelo senegalês Cheikh Mbacke Gueye (Cher) no ano 2015. A partir do mês de maio de 2016, a ideia transformou-se em um coletivo, com a participação de professores, jornalistas, músicos e outros profissionais de Caxias do Sul. O objetivo é pensar e organizar ações que possam contribuir para uma melhor inserção, em Caxias do Sul e região, dos imigrantes que vêm de outros países, além de diminuir o preconceito.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/758150887628188/photos/a.758170020959608.1073741828.758150887628188/891701784273097/?type=3&theater>.

Ademar Ornel (DEM), o Legislativo tinha o objetivo de cobrar um posicionamento do prefeito sobre a agressão aos senegaleses. Como havia dito anteriormente, a reunião havia sido marcada por Flávio de Sousa, tendo em pauta, muito discutidas, questões sobre xenofobia, racismo, além da necessidade urgente do governo municipal em estabelecer projetos a curto e médio prazo para resolver a situação dos ambulantes. A cobrança pela agressão foi a todo momento discutida por todos os componentes das bancadas, incluindo os vereadores José Sizenando (DEM), Marcos Ferreira (PT) e Ricardo Santos (PCdoB).



Figura 32 e 33: Primeira Audiência na Câmara dos Vereadores.
Fonte: Site da Câmara Municipal de Pelotas.

Na ocasião, houve também um rebatimento sobre as denúncias de que eles vendiam contrabando, com a apresentação de notas fiscais das mercadorias apreendidas pela fiscalização. Conforme consta no site⁶⁷ da própria Câmara, “um dos senegaleses, ao se defender das agressões, explicou que o grupo não está contra os guardas municipais”. Declarando que se sentiam confusos com as agressividades nas ações do poder público: “mas não entendemos porque colocar gás de pimenta. Estamos procurando uma solução. A gente só procura paz para trabalhar. A gente paga aluguel, água, luz e manda dinheiro para nossas famílias”.

No final da reunião, houve o encaminhamento da realização de um próximo encontro com os imigrantes e os convidados: secretários Eduardo Longaray (SJSS), Gilberto Cunha (SGCM), Fernando Estima (SDET)⁶⁸, representantes da OAB Pelotas e das universidades Federal e Católica. O objetivo proposto era encontrar juntos soluções e alternativas para que os imigrantes senegaleses pudessem viver em Pelotas, com direito à segurança, trabalho, habitação, saúde e educação.



Figura 34: Reunião da Comissão formada na primeira Audiência na Câmara junto aos vereadores e representantes da Secretária de Segurança e Assistência Social.
Fonte: Site da Câmara Municipal de Pelotas.

⁶⁷ CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Direitos humanos: Legislativo quer posição do prefeito sobre agressão a senegaleses. 2016. Disponível em: <http://www.camarapel.rs.gov.br/imprensa/direitos-humanos>. Acesso em junho 2016.

⁶⁸ Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo.

No dia 22 junho de 2016 ocorreu a segunda plenária. Uma Audiência Pública transmitida ao vivo para a cidade, pelo canal de televisão da Câmara Municipal, com a discussão e debate sobre as ações da Operação Mercúrio e a atual situação dos senegaleses no município. Houve a presença de representantes de cada bancada, dos secretários Gilberto Cunha, Longoray e dos componentes da comissão formada na plenária anterior, que incluía principalmente os quatro representantes senegaleses. Estavam ainda presentes pessoas de várias representações e áreas da sociedade civil: populares, amigos/as e namoradas dos senegaleses, ambulantes locais, universitários, componentes e ativistas de movimentos negros. Foram sugeridas diversas soluções para a “legalidade” do trabalho dos ambulantes senegaleses. Por exemplo: apontamentos de locais nos quais poderiam abrigar esse comércio (ao menos por um curto período), de modo que pudessem se organizar e, ao mesmo tempo, arcar com as despesas que viessem a ter com a locação de um lugar fixo.



Figura 35: Reunião fechada com as/os representantes da Comissão junto aos representantes dos poderes Executivo e Legislativo municipal antes da abertura da Segunda Plenária na Câmara de Vereadores de Pelotas, 2016.

Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10206613989378126&set=t.100002149035952&type=3&size=2048%2C1356>



Figura 36, 37, 38 e 39: Segunda reunião na Câmara dos Vereadores de Pelotas.

Fonte: Site e Facebook da Câmara Municipal de Pelotas, 2016.

Disponível em: http://www.camarapel.rs.gov.br/imprensa/audiencia-debate-situacao-dos-senegaleses?fbclid=IwAR27SUBKLD09BH3xdEtYVxUuLPk43_p6b92O8Vm5aXVrPzpYhTZP-YwDsvQ

Os secretários representantes do Poder Executivo Municipal não apresentaram propostas com as quais pudessem solucionar os tensionamentos gerados pelas ações municipais. Atingindo especialmente os senegaleses com as vendas dos produtos no Calçadão da cidade e sob a constante situação de risco de agressão. Como resultado da reunião, houve apenas a formação de uma Comissão para acompanhar as negociações com o poder público. As alternativas apresentadas para possíveis locais de venda autorizada foram: a praça em frente ao antigo prédio da Estação Férrea e os becos localizados entre a rua Marechal Floriano e o Largo do Mercado Público, que estavam desativados. Além da rua 7 de Setembro indicada por ser utilizada por diversos artesãos autorizados. Conforme foi notificado na imprensa escrita⁶⁹ e televisiva da Câmara Municipal, o presidente da mesma, vereador Ornel, “requereu as imagens do dia do confronto no Calçadão e cópia dos autos de apreensão das mercadorias dos senegaleses”. Afirmando e questionando:

Esta é uma situação que envergonha Pelotas. Onde estão os autos de apreensão? Onde está a relação das mercadorias apreendidas? Aquela ação teve vários erros na origem e tem que ser anulada. Temos que remediar uma situação que envergonha o povo pelotense, que é o desrespeito aos imigrantes, e que se busquem alternativas para desenvolverem sua atividade com respeito e dignidade.

Nessa reunião ficou mais aparente para mim a representação que o poder público local e outras entidades faziam desses imigrantes: a de pessoas incapazes de falar por si só e por isso não estariam aptos a se auto representarem. Assim sendo, haveria sempre a necessidade de alguém falar por eles. Para tanto, foi citado, por várias vezes, possíveis representantes dos africanos, entre os quais não incluía nenhum deles. Por exemplo: na ocasião, anunciaram o grupo Gemigra (que não esteve presente nessas plenárias da Câmara) ou até mesmo eu, fomos colocados/as como representantes dos imigrantes. Equívoco do qual tratei de imediato esclarecer que não havia representação para os senegaleses que não fossem eles mesmos. Posto que, apesar de não entenderem perfeitamente o português, saberiam responder e dialogar sem a necessidade de outros/as decidirem ou falarem por eles. Declaração confirmada e defendida por eles na referida reunião com os poderes Legislativo e

⁶⁹ CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Senegaleses: Governo não apresenta propostas e comissão é formada para solucionar crise. 2016. Disponível em: <http://www.camarapel.rs.gov.br/imprensa/senegaleses/>. Acesso em junho 2016.

Executivo do Município. No site⁷⁰ da Câmara são reproduzidos tais questionamentos e declaração sobre a representação política dos imigrantes:

Até o momento, a Prefeitura só realizou uma reunião, sem a presença dos senegaleses e da qual não foi tirada nenhuma proposta concreta, segundo eles. Conforme Longaray, estavam presentes o Gemigra, Grupo de Políticas Migratórias e Direitos Humanos da UCPel, e o Conselho Municipal do Negro, “porque os senegaleses têm dificuldade de entender e falar nossa língua”. Mas os jovens imigrantes não aceitaram a representação em nome deles. Eles afirmaram que assuntos referentes a eles têm que ser tratados com eles [...]

O envolvimento dos/as diversos/as componentes atuantes aqui citados/as com o coletivo de senegaleses, não se deu somente nos momentos de acirramentos, de defesa e de repúdio dessas ações violentas. Contemplou-se ainda várias outras ações (com participação ou não do poder público). Algumas delas inclusive lúdicas, com as quais houveram momentos de descontrações como ocorreu no baile no Clube Fica Ahí, na ida ao Centro Cultural Marrabenta, nas apresentações em ambientes universitários e nos eventos da prefeitura. Igualmente ao Dia do Patrimônio de 2016, na realização de uma Roda de Conversa com eles.

Outros momentos de destaque foram as festas religiosas do Grande Magal que ocorreram por duas vezes, em 2015 e 2017, na Paróquia Católica São Cristóvão em Pelotas. O Grande Magal (grande festa) é realizado principalmente na cidade de Touba, no Senegal. Local onde foi construída uma grande mesquita e está sepultado o fundador religioso da Irmandade Mouride: Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké (1853-1927). Neste dia há uma enorme peregrinação de ordem religiosa islâmica que reúne milhões de fiéis vindos de diversas partes do Senegal e dos que estão fora do país. É o principal evento religioso do Senegal, no qual representa um período de não só de peregrinação, mas também de unificação dos senegaleses. Corresponde à data da partida do líder para o exílio, em 1895, por ter se posicionado politicamente, em uma luta pacifista, contra o colonialismo e imperialismo francês. Realizado e celebrado todos os anos, em qualquer parte do mundo onde haja a presença de senegaleses muçulmanos, na data determinada para o dia 18 do mês lunar de Safar, do calendário muçulmano. Os ensinamentos de Cheikh Ahmadou Bamba enfatizavam as virtudes do pacifismo, trabalho duro e boas maneiras através da grande quantidade de poemas

⁷⁰ CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. Senegaleses: Governo não apresenta propostas e comissão é formada para solucionar crise. 2016. Disponível em: <http://www.camarapel.rs.gov.br/imprensa/senegaleses/>. Acesso em junho 2016.

e escritos sobre meditação, rituais, trabalho e estudo do Alcorão.

Neste dia sagrado, os senegaleses costumam usar os trajes típicos e religiosos da sua região e se reúnem para celebrar e fazerem as suas orações, além de terem a oportunidade de poder apresentar a cultura do seu país aos seus convidados. Neste dia oferecem uma singela amostra do evento no Senegal, para quem participa da celebração, através da fartura de comidas e de temperos típicos do Senegal: no café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar; acompanhadas por suco, água, refrigerante e café com cravo, a modo senegalês. Tudo preparado, servido e custeado por eles mesmos. De maneira alegre e gentil, como pude acompanhar na organização e preparação dos alimentos estando junto a eles e as companheiras, amigas e membros da Paróquia, desde o dia anterior ao que ocorreu o evento do dia 08 de novembro de 2017. No entanto, nesse evento já havia um número bem menor de senegaleses morando na cidade, em consequência da saída dos mesmos, motivada pelas crescentes e violentas ações de fiscalização municipal.



Figuras 40, 41, 42, 43 e 44: Segundo Grande Magal em Pelotas, 2017.
Fotos de Yanne Alves Roberto. Acervo pessoal.



Figuras 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52: segundo Grande Magal em Pelotas, 2017.
Fotos de Yanne Alves Roberto. Acervo pessoal.

2.4. Ações do poder público

Um dos resultados da grande repercussão do ocorrido de 02 de dezembro de 2015, foi uma proposta⁷¹ do deputado Catarina Paladini. Na época ele presidia a Comissão de Cidadania e Direitos Humanos (CCDH) da Assembleia Legislativa. A ideia era criar em Pelotas, através de convênio com a Secretaria Municipal de Justiça Social e Segurança (SJSS), um Comitê Municipal de atenção aos Imigrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas de Tráficos de Pessoas (Comrat). Uma primeira reunião com representantes de ambos os órgãos, representante do movimento negro da cidade e dos senegaleses ocorreu no dia 07 de dezembro daquele ano. A manifestação do deputado nos reafirmava que a estas alturas a categoria xenofobia já estava sendo amplamente utilizada para caracterizar a ação dos agentes públicos: “Não podemos aceitar que um estado como o nosso, colonizado por imigrantes, tenha atos de xenofobia. Queremos, com a administração municipal de Pelotas, estabelecer maneiras de mudar este quadro na região e extinguir o preconceito”, afirmou Paladini. O secretário de Justiça e Segurança da época, por ocasião da proposta da CCDH acenou para a possibilidade de elaboração de uma minuta de decreto que teria como centralidade a regularização das atividades dos imigrantes: “entre as demandas mais urgentes está a definição de um local próprio para que os imigrantes possam comercializar seus produtos, enquanto não acontece a regularização para exercerem a atividade de ambulante” (FRANCO, 2015).

No decorrer das violentas ações fiscais, vários encontros se sucederam e foram também realizadas inúmeras reuniões com representantes do poder executivo e legislativo municipal. Já no início, na primeira reunião da Comissão formada na Câmara de Vereadores, com à morosidade no encaminhamento de soluções e de respostas concretas sobre o proceder legal para a recuperação das mercadorias apreendidas, os membros presentes decidiram se dirigir até o local onde estariam os produtos apreendidos. Lá chegando, fomos recebidos pelo Secretário Gilberto Cunha. Mesmo assim, nada ficou resolvido, porque o controle de recuperação das mercadorias era defasado, uma vez que mesmo estando de posse das notas fiscais, não havia documentos de notificação entregues aos ambulantes pelos responsáveis

⁷¹ FRANCO, Cristiane. Catarina Paladini propõe criação de Comitê de Acolhimento ao Imigrante em Pelotas. 2015. Disponível em: http://www.psbrs.com.br/v3/index.php?option=com_k2&view=item&id=6867:cataria-paladini-propoe-criacao-de-comite-de-acolhimento-ao-imigrante-em-pelotas&Itemid=491.

da fiscalização para retirada dos produtos apreendidos. Desse modo, tornando inviável o reconhecimento dos pertences e as respectivas posses pelos seus proprietários, mesmo com a comprovação em nota fiscal. Não havia como identificar, em meio a tantas mercadorias padronizadas, o que pertencia a quem. Uma falha grave do controle fiscal que impedia o reconhecimento e recuperação das mercadorias retiradas durante as ações de fiscalização.

Na semana seguinte à Audiência Pública, no dia 28 de junho de 2016, ocorreu a primeira reunião formal da Comissão, agendada antecipadamente junto a um órgão do Poder Executivo Municipal, na qual fomos recebidos pela equipe de Assistência Social da Secretaria de Justiça Social e Segurança (SJSS). Além dos componentes da Comissão, havia outros imigrantes senegaleses e alguns ambulantes locais.



Figuras 53, 54 e 55: Reunião na SJSS, 2016. Fonte da figura 53: Página Facebook do Núcleo de Apoio ao Imigrantes. Disponível em: <https://www.facebook.com/nucleoimigrantepelotas/>. Foto 54 e 55: Modou1 (Alex). Acervo pessoal.

A SJSS apresentou uma proposta de plano de ação para o acolhimento, de forma digna, aos imigrantes na cidade. No entanto, ao concluirmos que a situação de risco continuaria (já que sobre isso não havia nenhum posicionamento), ao sairmos desta reunião nos encaminhamos até a sede da Prefeitura para sermos recebidos diretamente pelo prefeito da cidade. Contudo, pelo motivo do mesmo estar em viagem, agendamos com a assessoria uma provável reunião, o mais breve possível, com a vice-prefeita da cidade, Paula Mascarenhas. Talvez pela presença da advogada e representante da Embaixada dentre os solicitantes, já no outro dia recebemos a confirmação do agendamento para o dia seguinte e pudemos ser recebidos.



Figura 56, 57 e 58: Reunião com a vice-prefeita Paula Mascarenhas e secretários.

Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Pelotas, 2016. Disponível em:

<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNi0zMMA==&codnoticia=42319>

A partir desse episódio, houve um diálogo direto com a vice e o prefeito da cidade, em três momentos: no dia 30 de junho, com a vice-prefeita, secretários e assessores; no dia 15 de julho de 2016, com o prefeito Eduardo Leite, secretários, representantes da segurança pública, OAB, a coordenadora do Gemigra e eu⁷². Não havendo nenhum dos senegaleses presente. Uma terceira reunião foi marcada para que o prefeito pudesse receber e dialogar com os próprios imigrantes as alternativas sobre a presença deles na cidade e suas atividades de trabalho exercidas.



Figura 59: Primeira reunião com o prefeito Eduardo Leite sobre a situação dos senegaleses.

Fonte: Foto da Capa do Jornal Diário da Manhã do dia 18 de julho de 2016.

Disponível em: <https://www.facebook.com/diariodamanhapelotas/photos/a.657205540964167/1268305076520874/?type=3&theater>

No dia 22 de julho de 2016, essa reunião que imaginei ser como as outras, buscando-se diálogos junto ao grupo dos senegaleses para construção em conjunto de soluções, não ocorreu desta forma. O que houve foi uma apresentação de um Plano de Ação já pronto e definido. Numa espécie de inauguração com quase direito à faixa cortada. Havia no salão principal da Prefeitura, além de muitos convidados, um mini palanque, telão com imagens para a apresentação do plano com logomarca dos colaboradores e apoiadores (Gemigra/UCPEL, IFSUL e Sinduscom)⁷³. Teve a apresentação de cada membro da equipe responsável pelo Plano de Ação e o momento da assinatura de cada um/a deles/as no documento que oficializava o Núcleo de Referência do Imigrante – Pelotas/RS. Tudo feito sem que antes ouvissem,

⁷² Para essa reunião, a Comissão não havia sido avisada e nem convidada para a sua realização. Somente soube na noite anterior. Com isso, somente eu, que fazia parte da comissão, pude participar.

⁷³ Grupo de Estudos sobre Migrações (UCPel), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-Grandense, Sindicato da Indústria da Construção Social.

ou consultassem diretamente os principais interessados às ofertas deste Plano de Ação⁷⁴. O incentivo principal estaria em oferecer possibilidades que os tirassem da ilegalidade nas ruas e pudessem ter trabalho regularizado ou autorização para venda de produtos artesanais africanos. Por outro lado, não havia propostas de como se daria essa transição das atividades para manutenção e ganho de capital desses senegaleses. Enquanto isso, as ações iriam continuar e também a necessidade deles continuarem às ruas de modo ilegal e irregular.



Figura 60, 61, 62 e 63: Reunião com o Prefeito de Pelotas, Eduardo Leite. 2016.
Fonte: Site da prefeitura e Diário Popular. Fotos: Jerônimo Gonzalez.

⁷⁴ O que houve anteriormente foi um diálogo rápido na apresentação da proposta de plano de ação para o acolhimento quando foram recebidos pela equipe de Assistência Social da Secretaria de Justiça Social e Segurança (SJSS).

Nesse dia Bathie falou em nome dos senegaleses sobre a situação deles na cidade. Pontuando características de honestidade e de serem trabalhadores querendo ajudar a família que deixaram no Senegal. Sidy² e Moustapha³ também pegaram o microfone e foram enfáticos ao falarem que gostariam de ter um emprego formal, porque não queriam continuar às ruas pelas condições de insegurança. Amdy e Aziz reiteraram os princípios da honestidade e do sacrifício de ficar longe da família. Houve ainda a pronúncia do Alemão, representante dos ambulantes, que solicitou o direito a fala, explicando o seu apoio ao projeto direcionado aos senegaleses. Contudo, permaneceria em aberto a necessidade de um espaço para a venda também para os ambulantes pelotenses, já que não tinham condições de arcar com as despesas do Pop Center e necessitariam continuar a captar fontes de renda.

Com a Implantação do Núcleo, pela Secretaria de Justiça Social e Segurança (SJSS), diversas reuniões e ações foram elaboradas e efetivadas. Seriam: confeccionar documentos como cartão do SUS (Sistema Único de Saúde) e CPF (Cadastro de Pessoas Físicas) para quem ainda não possuía; jantar no Restaurante Popular para que pudessem conhecê-lo e passar a utilizá-lo; participação em Roda de Conversa no evento do Dia do Patrimônio de 2016; incentivo às vendas de produtos artesanais africanos com possibilidades de montagem de um ateliê de costuras para produção de vestuários de roupas africanas; assessoramento para a formação da Associação dos Imigrantes senegaleses em Pelotas; aulas de informática, português e cadastro para vagas de empregos em empresas da construção civil.

Na 4ª edição do dia do Patrimônio, em Pelotas, que ocorreu entre os dias 19 a 21 de agosto 2016, houve uma parceria entre as Secretarias de Cultura (Secult) e a SJSS com o Núcleo de Referência do Imigrante, o Movimento Negro de Pelotas e o Centro Cultural Marrabenta para a realização do Baile no Clube Fica Ahí⁷⁵. Realizado em homenagem às mulheres negras da cidade, assim como as apresentações na

⁷⁵ O Clube Fica Ahí Pra Ir Dizendo foi fundado a 27 de janeiro de 1921. Conhecido como um tradicional clube cultural afro-pelotense está localizado na rua Marechal Deodoro, 368. O Clube foi tombado no âmbito estadual por representar um espaço de memória da cultura afro-brasileira no Rio Grande do Sul. Foi criado durante os festejos do carnaval, como um dos blocos negros de Pelotas. Segundo o IPHAE/RS, a origem dos clubes sociais negros remete à segunda metade do século XIX. Nesse período, além de possibilitarem espaços de sociabilidade para a comunidade negra impedida de frequentar os espaços das elites brancas, também houve casos nos quais os clubes buscavam arrecadação de fundos para finalidades mutualistas e para a alforria de trabalhadores escravizados. No pós-abolição, em princípios do século XX, as associações, nas quais se incluem os cordões carnavalescos, representaram a busca de novas formas de inserção e de sobrevivência em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela discriminação. Disponível em <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=45400>.

tenda montada em frente ao Teatro Guarani, no centro de Pelotas, na rua Lobo da Costa. Foi lá onde ocorreu a Roda de Conversa com os senegaleses que estavam na cidade, junto às apresentações musicais afro e desfile de roupas africanas.



Figura 64 e 65: Roda de Conversa no Dia do Patrimônio 2016.

Foto: Yanne Alves Roberto. Acervo pessoal.

Figura 66 e 67: Roda de Conversa no Dia do Patrimônio 2016.

Fonte: Página do Núcleo de Referência do Imigrante - Pelotas/RS no Facebook.

Figura 68: Baile no Clube Fica Ahí, 2016. Fonte: Página do Marrabenta no Facebook.

Disponível em: <https://www.facebook.com/centroculturalmarrabenta/photos/t.100002149035952/1676532179340119/?type=3&theater>

Nesse dia houve também a participação na do Coletivo de Caxias do Sul, *Senegal, Ser Negão, Ser Legal*, com representantes e o seu fundador Cheikh Mbacke Gueye. Teve o senegalês Cheikh Gaye Seck, vindo direto de São Paulo, para expor nesse mesmo espaço os artesanatos, máscaras, esculturas e vestuários africano. Cheikh veio a convite e incentivo do Núcleo para que os imigrantes senegaleses da cidade pudessem se aproximar e verificar como se daria a comercialização dos vestuários e de artesanatos de sua própria cultura em Pelotas.



Figura 69 e 70: Jantar de recepção no Restaurante Popular.

Foto: Modou1 (Alex) e Sidy1.

Fonte: Página do Núcleo de Referência do Imigrante no Facebook.
Disponível em: <https://www.facebook.com/nucleoimigrantepelotas/>

3. A DISPERSÃO

Após a aproximação direta com o poder público executivo, especialmente com o setor de assistência social do Núcleo de Referência do Imigrante (SJSS), tendo à frente das articulações a psicóloga Aline Crochemore e Luana Quadros, houve um período de “tranquilidade” para o coletivo dos ambulantes senegaleses. Entretanto, isso só ocorreu até a passagem da eleição municipal, em outubro do mesmo ano. Em novembro de 2016 (período pós eleição e que antecedia as vendas de natal e festas de fim de ano) a fiscalização e as confusões retornaram com agravantes consequências⁷⁶. No mês de dezembro de 2016, populares e senegaleses reagiram e, segundo denúncia da guarda, atiraram pedras em direção aos guardas municipais. Esse evento ocasionou o afastamento, quase que por totalidade, dos senegaleses da cidade, indo para outras regiões do Sul e outros estados do Brasil. Ações e afastamento sucedidos mesmo em meio ao andamento dos projetos das secretarias da prefeitura para auxílio e inclusão social dos mesmos. Estando entre esses o projeto de Ateliê de vestuário africano Kanimambo, selecionado no edital de dezembro de 2017 e aprovado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Procultura) da Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas (SECULT), administrada, nesse período, pelo secretário Giorgio Ronna.

Meses após o ocorrido, em abril de 2017, Bathie inaugura a sua pequena loja (figura 82) no centro de Pelotas. No mesmo mês a Prefeitura lançava o Grupo de Ação Rápida (GAR) da Guarda Municipal que junto aos fiscais voltavam a coibir, apreender mercadorias e retirarem os ambulantes irregulares no Calçadão⁷⁷. Em maio de 2017, o Diário Popular (jornal de grande circulação na cidade) trazia na capa, como matéria principal, a chamada: *Plano de Ação só no papel – A invisibilidade de um grupo – Após dez meses de Plano de Atenção continuam desassistidos*. Uma reportagem de Laura Marques (2017) referindo-se aos senegaleses que continuavam a vender seus produtos pelos calçadões no centro de Pelotas. Em junho do mesmo ano, a Operação Mercúrio retorna. Em 27 julho de 2017 ocorre outra ação violenta por parte da Guarda

⁷⁶ Reportagem intitulada: *Guarda Municipal é recebida de forma violenta pelos senegaleses no calçadão de Pelotas*, foi publicada em dezembro de 2017. Disponível em: http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MTIwMDc0&id_area=Nw%3D%3D. Acesso em dezembro 2017.

⁷⁷ Reportagem intitulada: *GM, GAR e SGCMU deflagram operação contra comércio ilegal*, publicada em junho de 2017. Disponível em: <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/calçadão-comercio-ilegal-e-combatido/>. Acesso em junho 2017.

Municipal, de forma isolada, a um dos senegaleses retornando para casa sozinho com a maleta de mercadorias em mãos. Esse agravante ato de violência com um dos senegaleses, que foi agredido e detido, foi gravado em vídeo (figura 71) por testemunhas e postado nas redes sociais. Provocando novamente ampla divulgação, novos acirramentos, discussões e cobranças à prefeitura pela efetivação dos planos apresentados meses antes, os quais beneficiariam os imigrantes que vieram do Senegal e para que essas recorrentes atitudes não fossem mais necessárias.



Figura 71: Apreensão e detenção isolada de um dos senegaleses.

Fonte: Print de vídeo postado na rede social Facebook.

No entanto, no dia 20 de outubro de 2017, houve uma segunda “ação desproporcional” (ARAUJO, 2017) e uma das mais agravantes: a violenta agressão e ameaça sofrida por Bathie. Mesmo já estabelecido em uma loja alugada no centro, também foi abordado, agredido e detido, de maneira isolada, caminhando com uma

de suas malas longe do Calçadão (figuras 72, 73 e 74)⁷⁸. Houve um cercamento violento à base de gás de pimenta no seu rosto e vários fios de metal anexados em seu corpo pela arma de choque que enviava várias descargas elétricas. Ameaças foram feitas não só a ele, mas também verbalizadas ao mesmo sobre os outros senegaleses, de risco grave e de forma xenófoba por parte de um GM. Situação essa que me fez ir pessoalmente, no mesmo dia, com ele à Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento (DPPA) registrar um boletim de ocorrência e ao pronto-socorro para averiguação das lesões sofridas. Momento denso que tornara a repercutir e provocar novamente mais outra reunião (GIOVANAZ, 2017), com os antigos e novos atuantes, defensores, secretários e vereadores, como se tudo que tinha sido feito anteriormente não tivesse existido ou mesmo dado continuidade.



Figuras 72, 73 e 74: Momento em que os fios da arma de choque atingem o Bathie.

Fonte: Print do vídeo postado no Facebook. Disponível em:

<https://www.diariopopular.com.br/politica/isso-e-pacto-pela-guerra-128151/>

Para que possamos entender um pouco mais os fatos relatados e descritos até aqui, utilizarei um aporte teórico na tentativa de encontrar algumas possíveis respostas para todos esses procedentes. Com isso, este terceiro capítulo se divide em dois subcapítulos: em um primeiro momento, trarei uma análise da questão

⁷⁸ Um dos vídeos desta violenta ação encontra-se disponível em: <https://www.facebook.com/pelotasdadepressao/videos/no-v%C3%ADdeo-vemos-algoque/%201063473373790287/>.

identitária envolvendo os deslocamentos migratórios. Posteriormente, apresentarei algumas reflexões sobre a ideia de (i)legalidade que permeou a discussão sobre a presença dos senegaleses em Pelotas.

3.1. Fluxos migratórios, identidades e estereótipos

[...] a diáspora pode oferecer sementes capazes de gerar frutos nas lutas para abarcar a socialidade de uma nova fase, quando é provável que o deslocamento, a fuga, o exílio e a migração forçada se tornem fenômenos conhecidos e recorrentes, transformando os termos necessários à compreensão da identidade. Afastando-se da ambição e da modéstia totalizadora da palavra “global”, a diáspora é um termo que designa o que é externo à nação, contribuindo para a análise dos processos e formas interculturais e transculturais (GILROY, 2007, p. 151-152).

Durante o século XX tivemos profundas e diversas transformações ao redor do mundo por motivos políticos, econômicos e sociais. Dentre essas transformações, uma das mais significantes ocorreu após a Segunda Guerra Mundial: a descolonização da África e da Ásia. Resultando em uma forte movimentação no mundo e nas organizações geopolíticas internacionais. Importantes e, ao mesmo tempo, significantes consequências mundiais foram provocadas e urgentes questões junto às novas reflexões teóricas sobre o regime e as ações da efetivação do colonialismo para essa nova “formação” mundial. Dentre elas, podemos citar uma das mais relevantes consequências que seriam os grandes fluxos migratórios, cada vez mais crescentes: a diáspora (ELÍBIO JR, DE ALMEIDA, LIMA, 2013).

Conforme demonstramos até aqui, há diversos fatores que podem fazer com que nos desloquemos de um território ao outro. Sejam esses fluxos por melhores condições de vida, por mais experiência, independência ou a soma de todos esses fatores. As motivações desses fluxos migratórios contemporâneos fazem parte de um processo bem mais amplo de globalização que nos exige cada vez mais atenção e relevância para esses deslocamentos (AGIER, 2001; FELDMAN-BIANCO, 2011).

Nos depoimentos dos quais acompanhei dos imigrantes senegaleses, em sua maioria relatavam que as motivações da vinda para o Brasil se deram principalmente pelo fator econômico. As informações que lhes chegavam era que o Brasil vivia um bom momento na economia mundial e com isso oferecia uma excelente oportunidade

de empregos e/ou investimentos empreendedores. Entretanto, conforme podemos constatar no documentário *SENEGALÊ - Os imigrantes senegaleses em Pelotas*, para Bathie, a sua imigração não estaria somente relacionada ao fator financeiro: “Eu vim aqui como todo mundo veio [...] A gente veio pra buscar uma vida melhor. A gente saiu do nosso país pra buscar uma vida melhor e pra aprender também, não é pra dinheiro, mas pra aprender” (PEREIRA, UHLMANN, ROMANO, 2018).

Outro fator que pesou para a escolha desse roteiro imigratório foi a fama do povo brasileiro/a ser culturalmente alegre e acolhedor com todos/as que aportam em suas terras. Mais especificamente, com os povos descendentes do continente africano, por serem estes uma grande parte da população brasileira. Porém, ao chegarem em solo brasileiro, a realidade aos poucos se mostrou de outra forma. A ideia de democracia racial brasileira, difundida de modo tão arraigado, não se mostrou na vivência deles. A economia brasileira entrou em crise de mãos dadas ao colapso político do país que se seguiu a partir de 2013. O “mar de rosas” propagado se tornou uma verdadeira tormenta para a maioria deles, que tiveram que aderir ao comércio “informal” e “ilegal”. Neste contexto, o acolhimento não se deu da mesma maneira que vislumbraram receber. A xenofobia, o racismo e a imigração seletiva, ficaram aparentes em diversos momentos dessa nova vida. Uma dura realidade diante dessas novas formas de ver o mundo. Mas, por se entender que, “de fato os brasileiros se imaginam numa democracia racial [...] uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso status de povo civilizado” (GUIMARÃES, 2009, p. 39); essa tornou-se para eles uma prerrogativa ao se observar o tratamento dado às diferentes origens migratórias ao longo da estruturação e formação brasileira. No caso aqui, na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, onde “há um estranhamento local da presença de pessoas negras em áreas de colonização majoritariamente italiana e alemã [...] Esse novo ‘outro’ corporifica, em um corpo negro, o ‘estranho’ na paisagem das cidades de interior (do RS)” (JARDIM, 2013, p. 74).

Tal tratamento diferenciado teria, segundo Stuart Hall (2003; 2010), origem no olhar ocidental de que a África, como um todo, é o país do “tráfico de escravos”, de miseráveis e culturalmente inferiores aos outros povos. Estereótipos reproduzidos e naturalizados ao longo dos séculos a partir da colonização eurocêntrica do mundo moderno. Transformando a história e a riqueza daquele povo em estigmas raciais e reducionistas de uma população pouco desenvolvida, rodeada de guerras civis, da

fome e de doenças. E quando se trata de um povo, a exemplo dos senegaleses, sendo a maioria de religião muçulmana, esse reducionismo se torna ainda mais agressivo por se fazer a ligação da religião às ações de organizações terroristas formadas, principalmente, por fundamentalistas islâmicos. Um vínculo preconceituoso que se fortificou ainda mais após diversos atentados mundiais serem assumidos por esses terroristas. Por vezes, em depoimentos, os imigrantes senegaleses usavam a expressão de “não matar ninguém” como defesa a essa referência à religião que seguem, por conseguinte, serem vistos também como terroristas. Correspondente a entrevista⁷⁹ (figuras 75, 76 e 77) cedida por mim, Modou1, Cabul e Sidy1 (UHLMANN, 2016), na qual o último citado comenta e desabafa o seu incômodo com essas formas de tratamentos e estereótipos reproduzidos:

Eu tenho uma coisa pra mim, porque as vezes têm umas pessoas que vem com nós, tratam com racismo. Nós não gostar assim. Nós só trabalhando. Nós não gostar de roubar, só trabalhar. Não matar ninguém, só trabalho e depois voltar pra minha casa.⁸⁰

Tratam-se de reações baseadas em um total desconhecimento sobre o Senegal. Em relação ao país africano, Bathie declara: “Senegal é um país bem legal. Não tem guerra, é um país democrático, um país laico, que é bem tranquilo. Vim pro Brasil porque achei uma oportunidade” (PEREIRA, UHLMANN, ROMANO; 2018). De acordo com o teórico africano Achille Mbembe (2001, p. 185), essa cosmovisão dualista⁸¹ de “confrontação cultural entre povos civilizados e selvagens” e a reprodução de dicotomias de “diferença racial entre o negro e branco”, tanto quanto a oposição religiosa (exemplo aqui a religião muçulmana de origem árabe), podem ser encontradas em diversas áreas de conhecimento mundial. Da mesma forma que há uma comparação dicotômica na relação Oriente-Occidente do saber e dos processos históricos de/em construção a partir do centro do sistema-mundo (SAID, 1978). Tais pressupostos conduzem um olhar eurocêntrico que desconsidera todos os saberes que não sejam os que já trazem consigo (GROSGOUEL, 2007; 2008; 2012).

⁷⁹ A entrevista foi concedida ao estudante de Jornalismo Eduardo Uhlmann (UFPel). O vídeo foi produzido em agosto de 2016, para o concurso Primeira Pauta, do jornal Zero Hora, dando visibilidade ao tema: *Imigração senegalesa em Pelotas*. Link disponível em: https://youtube/zzLYrA9-83s?list=PLSS_2dH2IdY1XZ_6S2KCMJCUHtxuyUU4O.

⁸⁰ Nesta e nas demais falas que se seguem relativas a vídeos foi mantida a transcrição literal da fala de todos os entrevistados, sem a correção ortográfica.

⁸¹ Tradição cartesiana do binarismo europeu e do pensamento estruturalista do antropólogo Claude Lévi-Strauss.



Figuras 75, 76 e 77: Gravação de entrevista na Biblioteca Municipal de Pelotas.
Foto: Yanne Alves Roberto. Acervo pessoal.

No que se refere a esses estereótipos que recaem sobre o continente africano, podemos encontrar também em Mbembe (2001) apontamentos significativos à construção da identidade africana. O autor faz duras críticas às formas de se ver a África a partir de três eventos históricos: o apartheid, a escravidão e o colonialismo; que acabaram gerando significados quase “canônicos”. Ou seja, de grande valor e poder simbólico à reflexão atual sobre alteridade dos africanos. Desse modo, o autor considera que a problemática deste conhecimento vigente no mundo, tal e qual a dificuldade da autoconstrução do africano em adquirir a sua própria subjetividade (o conhecimento de si mesmo), estariam atuando no impedimento estruturado ao longo dos séculos pelo historicismo e economicismo instrumentalizado, assim também o oportunismo político. Um regime de representações estereotipadas construído pelo ocidente às populações negras advindas de “uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto de origem comum situava-se no tráfico de escravos” (HALL, 2003, p. 31).

Tal regime estaria consolidado em três principais eventos históricos: a escravização, a colonização e os processos migratórios contemporâneos iniciados após a Segunda Guerra Mundial. Esses estereótipos, que se exprimem nos mais diversos discursos, tem como eixo a ideia de pureza racial e a ameaça do sincretismo e mistura de raças que o contato com este “outro” racializado geraria. Para o sociólogo, esse “regime racializado de representação” fixa a diferença subalternizadora nos corpos, de modo a naturalizá-la e é desta maneira que se constitui o estereótipo: em uma redução de uma realidade complexa em alguns traços determinados e essencializados. Ainda de acordo com Hall (2010, p. 428), “a naturalização é, por conseguinte, uma estratégia representacional desenhada para fixar a diferença e, assim, assegurá-la para sempre”.

A partir de ideias muito semelhantes às de Stuart Hall, Gilroy (2001, p. 65) propõe que as identidades formadas nas diásporas negras sejam pensadas não apenas a partir das metáforas das raízes e do enraizamento, mas também “[...] como um processo de mediação, que é mais convenientemente abordado por via das rotas homônimas”. Esta movimentação complexa e dinâmica caracteriza esses coletivos da diáspora e leva o teórico a propor o conceito de Atlântico Negro para se referir aos sistemas de trocas culturais formados pelas conexões entre pessoas situadas em continentes diversos. Stuart Hall (2003a; 2003b) argumenta que essa complexidade da diáspora está fundamentalmente ligada à alteridade e diferença existentes nas

“fronteiras veladas” que são imprecisas e, ao mesmo tempo, de difícil delimitação por estarem em constantes intercâmbios culturais e produção de identidades. Sobre as quais, nessa complexidade, se encontra o “sujeito fragmentado” e, conseqüentemente, trazem questões pós-modernistas sobre esse sujeito e a cultura das nacionalidades. Considerando isso, Hall (2005 p.47) nos diz:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

A partir dos discursos apresentados, o que se pode verificar é que a tentativa de difundir uma percepção fechada sobre estes “outros” racializados é constantemente frustrada, porque conforme o sociólogo nos afirma “[...] o significado nunca pode ser fixado” (HALL, 2010, p. 439). No protagonismo dos diferentes coletivos das diásporas negras, essas imagens fixas são confrontadas com outros atributos que são demonstrados por meio das mais diversas práticas e manifestações expressivas dessas pessoas. A exemplo disso, cito a seguir dois momentos nos quais podem ter relação com esse essencialismo por vezes dado aos originários da África. O primeiro ocorreu quando a SJSS, junto ao grupo criado do Núcleo de Referência do Imigrante, auxiliou os senegaleses no processo da criação da Associação dos mesmos. Logo de início foi feita uma prévia documentação na qual era inserido o nome de Associação dos Imigrantes Africanos em Pelotas. Nome no qual foi modificado após os senegaleses redefinirem e apontarem que a escolha do acoplamento generalizado do continente como um todo não os agradaria. Demonstrando com isso a necessidade da singularidade dos mesmos como imigrantes oriundos do Senegal. Isto é, de uma parte específica do continente africano composto por 54 países.

Outro exemplo estaria no incentivo à venda de produtos étnicos africanos ou que estivessem diretamente conectados, similar ao Ateliê de Vestuário Africano chamado Kanimambo. Segundo consta na página oficial do Facebook⁸², o nome do ateliê deriva da província de Maputo/Moçambique, na África, e significa “gratidão”. Na página também podemos encontrar os principais objetivos desse projeto:

⁸² Disponível em: <https://www.facebook.com/kanimamboateliaafricano/>.

Busca a valorização da identidade étnica africana, através da feitoria, costura e customização de tecidos tradicionais africanos, protagonizado pelos Senegaleses residentes em Pelotas. [...] O projeto consiste na produção autônoma e comercialização formal e regular, de um vestuário africano, típico das tradições de suas origens. Tendo em vista a querela vivida pelos Senegaleses na cidade, onde os imigrantes, por sofrerem notável exclusão dos mercados de trabalho formal, optam pelo comércio clandestino. As dificuldades, ao invés de serem superadas, só ampliam: apreensão de mercadorias essenciais para suas sobrevivências e de suas famílias, perseguição, criminalização, acompanhadas muitas vezes de violência policial e impedimento de trabalharem da única forma que conseguem, como ambulantes. O Projeto Kanimambo vem nessa via, como uma forma profícua de apontar um horizonte menos hostil e mais esperançoso para permanência e sustentabilidade dos imigrantes na cidade, unindo a utilidade ao valor: sustentação econômica por meio da promoção da identidade cultural étnica dos Senegaleses. [Neste sentido] o ateliê produzirá suas primeiras peças de vestuário africano por meio dos recursos financiados pelo pró-cultura, oferecendo capacitação para imigrantes senegaleses através de oficinas e estrutura física para a produção. Serão realizadas atividades culturais com destaque para a temática africana, com desfiles, oficinas, debates, rodas de conversas, formações, etc. Pretendemos, portanto, na união dessas forças, através da cultura do vestuário africano, da economia criativa e independente, tanto dissolver na medida do cabível, o entrave social enfrentado pelos senegaleses, quanto promover a valorização da identidade africana, na cidade de Pelotas⁸³.

Todo esse processo do projeto surgiu em meio às ações propostas e efetivadas por parte de atores que se mobilizaram em busca de melhorias concretas no acolhimento desses novos imigrantes africanos. Atitudes intencionalmente elaboradas com o intuito de somar bons resultados e incluí-los no debate sobre as temáticas de imigração, o que nos leva a verificar que:

[...] além dos temas existem as organizações da sociedade civil que começam a atuar de maneira mais intensa dentro das convocações de consultas públicas [...] de formas diversas, tem animado a esfera pública e, historicamente, estão incumbidos de pensar as imigrações no Brasil (JARDIM, 2013, p. 79).

Em grande medida, esses projetos reforçam e “interpelam o poder público para implicar-se em outras arenas do debate a partir de parâmetros relacionados aos direitos humanos, deslocando a questão do atendimento da pobreza para o atendimento da ‘diversidade’” (Ibid., p.82). Sendo assim, desenvolvo como hipótese a noção de que a representação da identidade senegalesa pode levar tanto à

⁸³ Contudo, até o momento houve um número baixo de aderência ao projeto por parte dos senegaleses, que pode ter ocorrido devido à grande dispersão dos mesmos após as tumultuadas e agressivas ações de fiscalização que fragilizaram todo caminho percorrido até então.

manutenção de estereótipos baseados nas diferenças culturais, étnicas, religiosas, entre outras, quanto à promoção de aproximações interculturais que superem alguns problemas ligados à cidadania.

O aprofundamento desses referenciais teóricos nos serve para compreender ainda outros elementos aparentemente contraditórios dos quais pude observar na etnografia, por exemplo: os vínculos estreitos que se mantêm com o Senegal por via das redes sociais e por meio do envio de dinheiro conjuntamente ao estabelecimento de novos vínculos afetivos aqui no Brasil. Outros elementos se referem a manutenção de traços que podemos denominar de “tradicionais” (no presente caso: a fidelidade à religião muçulmana), ressaltando, ao mesmo tempo, o fascínio com personagens midiáticos, por exemplo: jogadores de futebol e principalmente artistas do hip hop. Trazendo essas referências para o próprio estilo de roupa e modos de vestir. Atitudes que provocam diversos questionamentos. Não só pelo modo “americanizado” de se vestirem, mas também por estarem sempre “bem vestidos” com roupas e calçados “de marca” e a posse de celulares caros. Discussões pelas quais demonstram um outro estereótipo igualmente enfrentado por eles: de que não poderiam estar vestidos com roupas que não fossem da sua cultura; ou, na condição de “coitados”, o uso de objetos que não representassem a pobreza e a necessidade de alguém em imigração.

Sobre a ligação com a música, por exemplo o rap (por vezes pude verificar em campo como um dos estilos musicais mais ouvido por grande parte dos jovens imigrantes senegaleses), dá-se através de um “estilo integrado no fluxo global de mercadorias, de ideias [...] matéria linguística e cultural, que é central na vida de muitos jovens pertencentes aos subúrbios dos grandes centros urbanos, mas também apreciado por um público mais vasto”. Deste modo, podemos constatar por meio da música, assim como na diáspora, de forma mais ampla, encontra-se uma infinidade de referenciais históricos, culturais, políticos, sociológicos, geográficos e tantos outros que nos trazem em suas “composições” e “performance” as estratégias para a preservação, renovação ou construção das identidades (MARTINS, 2012, p. 262).

Através dessas reflexões podemos encontrar na etnomusicologia⁸⁴ a relação entre música e identidade “[...] que vai além do registro escrito de sons, apontando [...] como os sons são concebidos, criados, apreciados e como influenciam outros

⁸⁴ Conhecida também como antropologia da música ou etnografia da música que lembra algo como musicologia unida a antropologia na qual viria a ser um estudo da música proposto por Anthony Seeger (2008).

processos musicais e sociais, indivíduos e grupos” (SEEGER, 2008, p. 239). Ao acompanhá-los, também pelo Facebook, pude verificar os ritmos e performances musicais com as quais os mesmos interagem. Músicas que se intercalavam desde os cânticos do alcorão aos vídeos do movimento hip hop e de rappers (anexo 3) e que alcançaram diversas partes do mundo através das mídias, marketings e redes sociais. Interações das quais pude conferir, além da internet, pelas visitas que fazia a casa deles ou as que deles recebia. Nos momentos de descontrações, nos eventos e nos períodos comemorativos, por exemplo, em dois dos meus aniversários. Essas ocasiões me fizeram ver o quanto “a música [faz] parte integrante da vida social [deles] a ponto de ser indispensável a diversas atividades [...] e uma infinidade de acontecimentos” (SOYINKA, 1980). Sobre essas manifestações culturais realizadas em diáspora, Hall (2013, p. 36) nos apresenta a seguinte reflexão:

[...] é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar”. Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus locais. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam.

De acordo com a cientista política Rosana Martins (2012, p. 262) a manifestação cultural do hip hop está associada a origem africana-diaspórica numa “perspectiva, como uma formação rizomática e fractal que entrelaça o local e o global”. Para tanto esse argumento vem complementar esta análise de identidade em diáspora e, do mesmo modo, entra em um confronto direto com “os discursos de inspiração nacionalista e romântica que têm a África como origem de uma cultura negra pura”. Ainda segundo a autora foi com a metáfora do “Atlântico Negro” que o sociólogo inglês Paul Gilroy [...] “demonstrou como as culturas africanas, na África e na diáspora, nunca viveram hermeticamente fechadas em si mesmas e nem são grupos homogêneos sem divisões internas de gênero e classe” (Ibid.). Tudo isso vinculado ao espaço imaginado do Atlântico Negro que vai além de quesitos étnicos ou nacionais. Sobre esse assunto, o crítico Stuart Hall (2006, p. 62) afirma que não existe apenas um único povo, uma única cultura ou etnia, pois, há de se considerar, portanto, que “as nações modernas são, todas, híbridos culturais”.

A perspectiva pós-colonial aponta que a identidade “[...] é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela

imagem. A demanda da identificação – isto é, ser para um Outro – implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade” (BHABHA, 2003, p.76). Tornando-se “[...] uma ‘produção’ que nunca é completa, mas que sempre está em processo e se constitui dentro da representação, e não fora dela” (HALL, 2010, p. 349). Ampliando essa linha de pensamento, Handerson (2015, p.65) nos define o quanto “a mobilidade faz parte da vida cotidiana da pessoa *diáspora*: ela constitui e vive permanentemente em novos espaços sociais e culturais”. O autor explica ainda que “diáspora é vista uma categoria de interação. Ao mesmo tempo em que constrói as suas múltiplas identidades a partir de duas sociedades ou mais, ela não se desenraiza – no sentido próprio e forte do termo [...]”.

De tal maneira, Stuart Hall e Avtar Brah analisam a produção de identidades como um desdobramento dos processos de produção das diferenças entre os distintos grupos humanos. Correspondente a isso Brah (2006, p. 371) declara:

Identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais. A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado e é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança [...] a identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu”.

Semelhante a essa constatação, Stuart Hall (2010) e Paul Gilroy (2007) defendem que as identidades construídas na diáspora sofrem um tensionamento maior entre dois segmentos: o caminho da semelhança e da continuidade x o da diferença e da ruptura. O primeiro preza por manter elos consistentes e, muitas vezes, essencializados com a “terra natal”. O segundo diz respeito às transformações inevitáveis nos esquemas de significação por meio dos quais os sujeitos dão sentido às suas experiências, em razão dos novos contextos dos quais se inserem e das novas relações que estabelecem. Para Hall (2010, p. 352), se existe algo que é compartilhado pelos diversos coletivos formados pelas diásporas negras “[...] é precisamente a experiência de uma profunda descontinuidade [...]” entre o local de origem e os novos locais percorridos ou em que essas pessoas irão se fixar.

3.2. Entre o legal e o ilegal: regras e consumo

No Brasil, a partir dos anos 80, a imigração teve o seu quadro modificado quando se iniciou um aumento significativo de imigrantes para o país, revertendo a sua posição de “emissor” de pessoas para o exterior. Nessa época, passou-se a ter uma grande circulação de pessoas advindas de outros países, como também do retorno de muitos brasileiros/as que havia saído do país, principalmente para a Europa, EUA e Japão. Desde então, esse relativo aumento vem se intensificando junto a novas preocupações e crescentes debates entre os protagonistas envolvidos, de algum modo, em políticas públicas relacionadas. Dentre os objetivos comuns, há uma preocupação em se encontrar caminhos de como lidar com esse novo horizonte, na “criação de formas de monitoramento”, nas “formas de desenhar as políticas públicas”, nos seus “desafios normativos”, nas “políticas de proteção” e nos recorrentes discursos hegemônicos (JARDIM, 2013, p. 82).

Trata-se, desse modo, de um período peculiar sobre o qual essa ordem de desafios vem à tona nos debates públicos e as noções de irregularidade e de vulnerabilidade são postas em cheque. E sobre as quais regem não só as preocupações “que atingem nossa percepção e práticas precipitadas”, mas também formulando discursos hegemônicos nos quais regulam as novas ações em que “[...] os comitês interpõem e diversificam lugares de fala e de debate” (Ibid.).

Diante disso, é importante que façamos um leve retorno aos capítulos anteriores com os quais descrevemos os momentos desde a formação de Pelotas até a chegada dos imigrantes senegaleses à região. Mais especificamente, aos andamentos, reformulações e criações de regras a serem cumpridas pela população local. Cujo o objetivo principal estaria no progresso e nas melhorias na organização e regularização do espaço público que veio desde a fundação da “Praça dos enforcados” (a Cipriano Barcelos) até a era do Shopping Popular (o Pop Center) e chegam até aos tempos de hoje.

Esse deslocamento permitirá trazer algumas reflexões sobre os embates entre a moral, o legal, o regular e o lícito que passaram permear as diversas discussões referentes às temáticas que cercam as atividades de vendedores ambulantes dos imigrantes senegaleses na cidade. Para tanto, para dar início a essas reflexões, transcreveremos o trecho da entrevista concedida por Carlos Pereira, Chefe do setor de ambulante da Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana (SGCMU),

para o documentário⁸⁵ *SENEGALÊ - Os imigrantes senegaleses em Pelotas*:

Toda atividade comercial num espaço público ela tem que ser regulamentada. Então, indiferente que tu tenha nota ou não, tu tens que ter uma autorização para fazer qualquer tipo de atividade, isso até uma simples panfletagem na área central, ela tem que ser autorizada. A gente tem que saber o que tá se passando lá. No caso deles [os senegaleses] não é diferente. Eles têm as mercadorias deles, né? E parte das mercadorias deles, apesar de terem notas, não é permitido vender. Como por exemplo, o óculos é falsificação, o relógio é falsificação, aqui no Brasil não pode esse tipo de comércio, infelizmente a lei municipal não permite [...].

Com esse pronunciamento, podemos verificar alguns indicativos dado pela prefeitura que fazem com que os senegaleses não sejam autorizados a trabalhar como vendedores ambulantes, sendo considerados irregulares em suas atividades. Além disso, a não autorização de se estar naquele espaço, principalmente para a venda de produtos falsificados. Conforme o antropólogo Gustavo Lins Ribeiro (2010, p. 22-23) nos declara, “essas atividades são ilegítimas do ponto de vista dos poderosos, que as combatem em nome da legalidade. Assim, é impossível entrar nessa arena sem primeiro tocar na discussão sobre o que é legal/ilegal, lícito/ilícito”. Isso o leva a explicar que o aumento mundial do comércio considerado “ilícito” decorre da intensificação da globalização, das tecnologias informacionais e da emergência de um capitalismo flexível. O estabelecimento de limites entre o legal e o ilegal deriva da distribuição desigual de poder, exercendo o Estado o monopólio desta definição, a partir de um pesado jogo de forças e interesses entre atores sociais diversos. Por outro lado, Ribeiro (Ibid., p. 25) diz que não existe uma fronteira rígida entre legal e ilegal e lícito e ilícito. Isso depende da escala regulatória em que objetos e pessoas se encontram em um dado ponto da rede de circulação global, na qual:

[...] as relações entre o legal e o ilegal são multifacetadas e complexas, envolvendo interesses normativos, políticos e morais diversos. [...] Assim, muitos fluxos de pessoas, mercadorias e informações são considerados ilícitos porque desafiam as normas das autoridades formais, mas são consideradas lícitos pelas pessoas envolvidas nas transações.

Apoiado em Abraham e Van Schendel, Ribeiro (Ibid., p. 30), irá propor o conceito de (i)lícito para designar atividades que são legalmente proibidas, mas

⁸⁵ A entrevista foi concedida para o documentário em março de 2018 para a conclusão do curso de Bacharelado em Jornalismo UFPel pelos alunos: André Pereira e Eduardo Uhlmann e Jordan Romano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kd3SM37Ija0&t=6s>.

aprovadas socialmente a partir de valores éticos e morais presentes em determinado contexto. Esta economia (i)lícita global opera por redes descentralizadas, horizontais e firmadas em vínculos de confiança, sendo os fluxos e formação de mercados populares elementos centrais da sua definição. Os imigrantes, nesse sentido, são os principais componentes dessas redes, sendo muitos deles “[...] verdadeiros comerciantes nômades globais contemporâneos”. Para o autor “as redes sociais (i)lícitas realizam suas práticas (i)lícitas sobre ou a partir de sistemas informais previamente construídos por diásporas, redes migratórias ou formas típicas da economia popular”.

Ao trabalhar com o conceito de “globalização econômica de baixo para cima” ou “globalização popular”, Gustavo Lins Ribeiro (Ibid., p. 28) o desdobra em sistema mundial não-hegemônico. Esse último, composto por uma multiplicidade de unidades nas quais se conectam entre si através dos fluxos de informações, pessoas, mercadorias e capitais. À vista disso, Ribeiro ressalta que o envolvimento com atividades próprias da globalização de baixo para cima ou globalização popular visa a apropriação de capital por parte de segmentos sociais vulneráveis, pois se têm deste modo a possibilidade de vislumbrar projetos de mobilidade social ascendente. Para o autor, “existe uma globalização econômica não hegemônica formada por mercados populares e fluxos de comércio que são, em grande medida, animados por gente do povo e não por representantes das elites” (Ibid., p. 21). Todavia, não há uma restrição de fluxos entre o sistema não hegemônico e o hegemônico. Podendo o primeiro se servir do outro sistema para realizar os seus primeiros ganhos e até mesmo “pode ser útil para um capitalista individual como uma forma de acumular, em um determinado momento de sua trajetória econômica. [...]”. Assim, “para esses agentes sociais, o sistema mundial não hegemônico é um modo de vida de conseguir mobilidade social ascendente” (Ibid., p. 29-31).

Mas antes disso é necessário dizer que o intuito dos exemplos utilizados é provocar uma reflexão e não uma imposição do que seria o correto ou incorreto. Uma exposição na qual possa repensar os fundamentos e objetivos dessas regras, a quem elas regulam e beneficiam, e qual o alcance das mesmas. A ideia aqui não é defender ou fazer uma dicotomia entre o bem e o mal, separando cada item em uma dessas “caixinhas” como se elas não se misturassem umas às outras. À vista disso, seguindo a análise da antropóloga Denise Jardim (2013, p.70), podemos dizer que:

É nesse terreno que a antropologia dos direitos humanos parece apontar. Antes de “estabilizar” os sentidos de dignidade humana, sinaliza-se para um estudo sobre saberes-poderes e o modo como se engajam nas enunciações sobre direitos humanos.

Por isso, ao realizar pesquisas acadêmicas sobre temáticas nas quais se discutem valores humanos, há a necessidade de transcender “a suposição de que toda lei formal é boa e que toda ilegalidade é um ‘problema’ a ser eliminado [...]”. Tornando-as desta forma um viés para “informar as escolhas morais públicas que temos que fazer”. Em uma realidade em que muito daquilo que é tido como ilegal possui legitimidade. Cito o caso dos senegaleses, amplamente apoiado pela população pelotense, em seu intuito de trabalhar com o comércio de bens de consumo (incluindo materiais falsificados). Frequentemente, vemos como resposta do poder público o acirramento ou o reforço dessas barreiras entre legal e ilegal. Isto nos leva a observar que “[...] a resposta estatal constitui má legislação, incrementando a ilegalidade [e] ‘guerras’ [...] que são moralmente piores do que a violação original” (RIBEIRO, 2010, p. 27 apud HEYMAN e SMART, 1999, p. 21). Tomando como base as reflexões de Carolyn Nordstrom (2007), Ribeiro ainda nos traz o seguinte argumento:

Na verdade, a questão dos limites entre o legal e o ilegal, questão à primeira vista pacífica, quando examinada mais de perto se revela mais complicada do que uma disputa entre honestos e desonestos, entre o bem e o mal, e acerca-se muito mais do problema histórico da distribuição desigual de poder em um mundo econômica, política e culturalmente diferenciado. Muitos dos agentes e corporações capitalistas que hoje supostamente são cumpridores da lei e se encontram pretensamente vulneráveis à voracidade de novos agentes econômicos ilegais, estão ou estiveram em uma posição onde a linha legal/ilegal tampouco é ou era respeitada (2010, p.23 e 24).

Em consequência disso, as atividades consideradas ilegais, nesse caso em questão tratado aqui, as dos senegaleses ambulantes, “seus agentes são retratados como uma ameaça ao establishment e sentem o poder das elites políticas e econômicas que querem controlá-los”. Reagindo sempre de modo enérgico a essas práticas do sistema não hegemônico em que “a maior parte do tempo tais atividades são tratadas como assunto de polícia, sendo objeto de ação repressiva elaborada” (Ibid., p. 29). O que nos leva a verificar, “[...] em certa medida, o sentido objetivo do discurso que é proferido sobre todas as iniciativas multiformes de moralização às quais os imigrantes estão submetidos [...]” (SAYAD, 1998, p.61) e o quanto “o

trabalho irregular como um trabalho desprotegido são temas aparentemente bastante conexos” (JARDIM, 2013, p.75). Num quadro deste, pode-se concluir, por mais que esses trabalhadores iniciem o caminho da regularidade (exemplo o caso do Bathie, que mesmo após ter se estabilizado em uma loja, foi cercado, abordado e detido transitando pelas ruas de forma violenta e ameaçadora por parte dos representantes municipais), ainda sim, continuam em uma situação de vulnerabilidade diante da ação repressiva aos imigrantes. Desse modo, mostra-se que essas atitudes transitam para além da questão moral, legal, regular e lícita. De acordo com os relatos⁸⁶ do agredido, ações como essas desqualificam as regras da ordem pública:

Pelotas é uma cidade preconceituosa, sabe. Mas eu conheço, sempre acontece, sabe. Porque tu viu se aconteceu com eu e o guarda municipal. Eu não tava vendendo, com mala fechada e eles me atacou na rua. Isso é.... acho que é preconceituoso mesmo. Entendeu? Porque uma pessoa que não tá trabalhando, andando com mercadoria dele, tu ataca ele pra tirar essa mercadoria. Eu acho que preconceituoso, uma falta de respeito. É mal-educado também, eu acho.

Outro ponto importante a ser analisado, diante dessas questões, se inclui entre os estereótipos anteriormente citados e estaria entrelaçado à condição do “coitado” direcionada aos imigrantes senegaleses. Sob tal visão, recai neles a falta de direito de escolha sobre suas práticas e, no caso específico, não lhes foi permitido a opção de quais os trabalhos querem realizar. A exemplo disso cito situações das quais por vezes ouvi durante o trabalho de campo, em debates, apresentações, entrevistas ou bate papo informal, em espaços diversos. Em uma apresentação do Bathie junto ao Modou1, num evento⁸⁷ na UFPEL, houve entre as muitas curiosidades uma pergunta que se relacionava à ajuda ou as propostas dos comerciantes e empresários locais de ofertas de emprego formal para os senegaleses. Diante dessa afirmação, que muitos têm, de que a solução de uma vida digna estaria em se ter um vínculo empregatício formalizado em carteira assinada, a seguinte reflexão foi posta por Bathie, a todas/os presentes, de que a saída poderia estar na busca de ser o seu “próprio patrão”. Em outras palavras, porque ser empregado se poderia se projetar em seu próprio empreendedorismo? Argumento esse que levou todos na plateia a refletirem o quanto

⁸⁶ Relatos retirados da entrevista concedida para o documentário SENEGALÊ - Os imigrantes senegaleses em Pelotas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kd3SM37lja0&t=6s>.

⁸⁷ Evento realizado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em agosto de 2017: Encontro Internacional de Pesquisa em Ciências Humanas (EIPCH).

nos acostumamos ao ciclo da empregabilidade regularizada, segura e do horário e salário fixo, sem tempo de investir em algo que nos tornasse independentes e chefe de nós mesmos.



Figura 78: Apresentação do Bathie e Modou1 na UFPEL, 2017.

Fonte: Página do Encontro Internacional de Pesquisa em Ciências Humanas.

Disponível em: <https://www.facebook.com/EIPCH/photos/a.1426366004098534/1426365890765212/?type=3&theater>

Cabe lembrar que foi através da informalidade que ele pode obter o investimento para uma pequena loja na área central de Pelotas e com isso a sua entrada, ainda que tímida, de modo legal, regularizada e formal no mercado comercial no centro da cidade. Sobre situações similares, Ribeiro nos traz a seguinte reflexão:

As atividades na base da pirâmide são o que chamo de verdadeira globalização de baixo para cima. Proveem acesso a fluxos de riquezas globais que de outra forma nunca chegariam aos segmentos mais vulneráveis de qualquer sociedade ou economia. Elas abrem um caminho para a mobilidade ascendente ou a possibilidade de sobrevivência em economias nacionais e globais que não são capazes de prover pleno emprego a todos cidadãos (RIBEIRO, 2010, p. 29).

A empregabilidade formal no Brasil já havia sido uma experiência desestimuladora para a maioria dos imigrantes senegaleses quanto ao quesito monetário. Era unânime o relato sobre o valor pago pelo trabalho não ser o suficiente para saldar todas as contas e compromissos no final do mês. Isso fazia com que,

mesmo estando em emprego formal, alguns deles fossem, depois do horário de trabalho ou aos finais de semana e feriados, para às ruas complementar a renda como vendedor ambulante. Sobre isso, Modou1 em um vídeo de entrevista⁸⁸ justifica essa necessidade:

Porque nós tem família, entendeu? Porque ela estavam esperando lá pra mandar dinheiro sempre meses. Aí eu tava trabalhando em emprego quase um ano e pouco, mas eu achei ambulante melhor. Por isso. Eu tava ganhando pouco também. Porque se eu ganhar o meu salário, mandar dinheiro, pagar aluguel, comprar coisas e não sobrou nada, entendeu?



Figuras 79 e 80: Destaque nas capas do Jornal Diário Popular.
Fonte: Diário Popular, 2016.

⁸⁸ A entrevista foi concedida ao estudante de Jornalismo Eduardo Uhlmann (UFPel). O vídeo foi produzido em agosto de 2016, para o concurso Primeira Pauta, do jornal Zero Hora, dando visibilidade ao tema: *Imigração senegalesa em Pelotas*.

Por outro lado, sobre a escolha pelo trabalho informalizado de vendedor ambulante, nesse mesmo vídeo podemos ouvir a justificativa do responsável pela administração do município, o prefeito Eduardo Leite, que assegurava a necessidade dos imigrantes senegaleses seguirem e respeitarem “as nossas regras”:

[...] se estabeleceu todo um programa junto à prefeitura através da secretaria de Justiça Social [e segurança] com esse grupo de imigrantes senegaleses para fazer o acolhimento a eles. O importante é que a gente possa inseri-los dentro das nossas normas, dentro das nossas regras de convivência social.

Da mesma maneira, na constituição de um discurso hegemônico, a prefeita⁸⁹, que era a sua vice e o sucedeu no ano de 2017, Paula Mascarenhas concede uma declaração à reportagem⁹⁰ sobre a Operação Tudo Azul, inaugurada um mês antes, no início de dezembro de 2015, pelas principais áreas centrais do comércio:

Estamos aumentando a sensação de segurança dos vendedores e dos consumidores e visamos combater o trabalho ilegal. Mesmo entendendo que todos precisam ganhar a vida, não é de forma desorganizada e prejudicando aqueles que trabalham regularmente que isso deve acontecer.

Nessa mesma declaração divulgada na imprensa, em janeiro de 2016, foi informado também sobre a entrega do relatório da 1ª Operação Tudo Azul à prefeita em exercício, Paula Mascarenhas. No efetivo, segundo informava a imprensa, havia um total de 24 guardas municipais, divididos em dois grupos, que atuariam no perímetro central da cidade entre os dias 14 e 31 de dezembro de 2015. A operação seria feita para que se intensificasse a segurança na área comercial na época das festas de Natal e Ano Novo. Na reportagem podemos ter uma ideia da movimentação desse efetivo na qual os guardas atuaram armados, em duplas a pé, em duas viaturas, em duas motocicletas e numa camionete, além de um micro-ônibus que servia de base fixa e referência da operação.

A dinâmica dessas operações virou motivo de muitas reclamações da população local pelas redes sociais. A prioridade das ações de fiscalização no comércio e, por outro lado, a falta de cuidado com outras áreas, gerou uma maior cobrança da ida dos efetivos para as regiões fora da área central. Tão ou mais precária

⁸⁹ Paula Mascarenhas foi candidata e eleita prefeita de Pelotas após Eduardo Leite se retirar da disputa municipal para se dedicar à campanha ao governo do Rio Grande do Sul.

⁹⁰ Primeira Operação Tudo Azul. Reportagem disponível em: <http://ru.ucpel.edu.br/2015/12/operacao-tudo-azul-mais-seguranca-no-centro-de-pelotas/>.

no fator segurança pública. Cobranças que voltaram a ser discutidas no ano seguinte, com a 2ª edição da Operação Tudo Azul e após a confirmação da prefeita de que os guardas também iriam apoiar as ações de fiscalização do comércio irregular do Calçadão. Verifica-se na reportagem do Diário Popular⁹¹ que essa operação contava com o apoio do Sindicato do Comércio Varejista de Pelotas/RS (Sindilojas), Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Associação Comercial de Pelotas (ACP), Sindicato das empresas de comércio e serviços imobiliários (Secovi) e Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Pelotas (SHRBS) – através da alimentação e hidratação dadas aos guardas municipais durante a operação. A qual foi sequencialmente repetida em sua terceira edição⁹² em novembro de 2017.

Portanto, ao assegurarmos que essas operações estariam em conjunto com a prefeitura e os representantes do comércio formal, podemos situar as abordagens de Denise Fagundes Jardim (2013, p.79) quando a antropóloga nos declara que “os discursos hegemônicos da proteção aos imigrantes recebem longos debates [...] em detrimento a voz e experiência dos imigrantes e seus esforços por vencer as resistências [...]”. Assim sendo, percebe-se e podemos compreender que diante dos discursos de hegemonia de poder, o quanto não se pode substituir um outro pensamento e sim suplantar o mesmo em pontos diferentes e, ao mesmo tempo, efetivando algumas especificidades, mas também falhas pelas quais se fragilizam os seus discursos. Com isso podemos verificar nessas atividades comerciais de trabalho, nas quais se encontram os imigrantes senegaleses ambulantes, que não há somente uma relação financeira interferindo no âmbito moral e legal das coisas. Segundo nos afirma Joseph Handerson “para além do plano legal, há uma dimensão do pertencimento que envolve sentimentos e não só as leis” (2015, p. 58).

Nesta dinâmica, conforme podemos constatar, estão sendo tratadas mais especificamente as relações proporcionadas pela esfera simbólica do consumo (TASCHENER, 2010) que nos permite superar as dualidades, visualizando um ir além do bem e do mal e do “toma lá, dá cá”. Nas transações de compra e venda de “objetos” e nas atividades do comércio ambulante do coletivo de imigrantes senegaleses, a problemática situa-se para além dessa dinâmica de uma economia meramente

⁹¹ Segunda Operação Tudo Azul. Reportagem disponível em: <http://www.pelotas13horas.com.br/noticia/seguranca--comeca-a-operacao-tudo-azul-e1a67433-1e87-4957-a859-b9e13a0a4024>.

⁹² Terceira Operação Tudo Azul. Reportagem disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/prefeitura-lanca-a-operacao-tudo-azul>.

utilitária e guia-se para um campo de relações sociais do consumo bem mais complexo. Das quais a compreensão desses “encontros” de diferentes grupos e associações humanas não se restringem somente aos fatores políticos, econômicos e/ou culturais (MARTINS, 2008, p. 28). Para Dencker:

As relações de mercado não existem isoladamente, coexistem com outras formas de relação de troca, uma vez que faz parte da condição humana interagir com o outro, trocar emoções, compartilhar sonhos, esperanças, tristezas, aflições, reconhecer e ser reconhecido pelo outro (2004, p. 189).

08/08/2018 Calçadão foi ocupado outra vez | Diário da Manhã

 **DIÁRIO DA MANHÃ**

Calçadão foi ocupado outra vez

undefined
09 agosto
<http://diariodamanhapelotas.com.br/site/calca dao-foi-ocupado-outra-vez/>



O CALÇADÃO DA RUA ANDRADE NEVES ESTÁ OCUPADO NOVAMENTE POR VENDEDORES AMBULANTES.

Mercadorias de diversos tipos e qualidade duvidosa são comercializadas livremente, sem oposição da Prefeitura. O comércio ambulante no Calçadão é proibido e a circulação de pedestres fica prejudicada. Alguns lojistas regularmente estabelecidos também estão invadindo o passeio e vendendo mercadorias em balaios fora da área de suas lojas, porque a fiscalização é fraca.

Nas últimas oportunidades em que os fiscais agiram, foram contestados e quase impedidos de atuar. A repercussão negativa nas redes sociais inibiu o trabalho legal da Prefeitura.

© 2017 Copyright. Todos direitos reservados.

Figura 81: Matéria no Jornal Diário da Manhã, 2016.

Fonte: <http://diariodamanhapelotas.com.br/site/calca dao-foi-ocupado-outra-vez/>

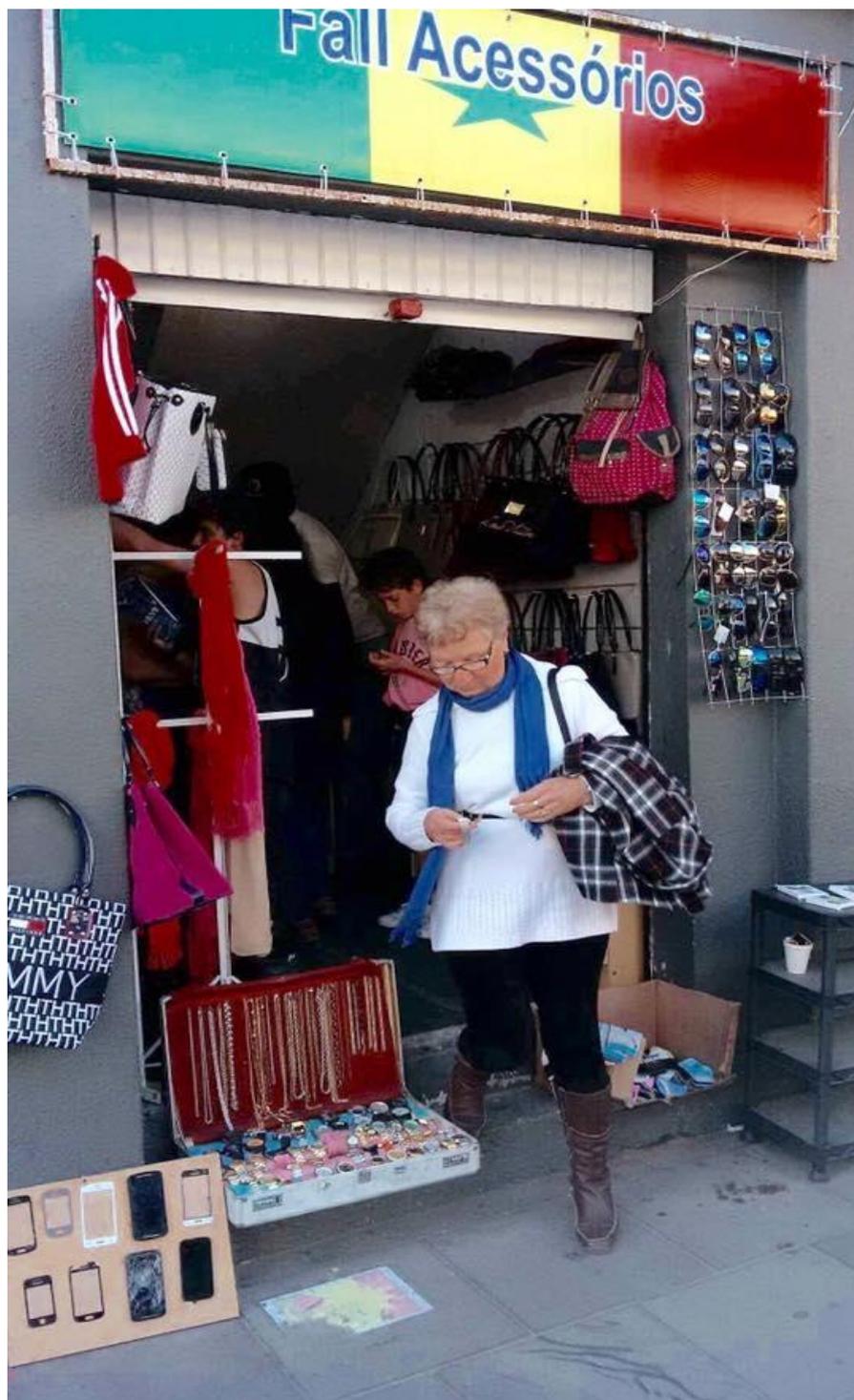


Figura 82: Loja do Bathie.

Fonte: Página da loja no Facebook, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/FallAcessorios/photos/a.1363482153740705/1432197370202516/?type=3&theater>

Seguindo a orientação de Miller (2007), que propõe na teoria das compras um olhar de como o consumo revela os valores sociais ou individuais e os seus significados nas sociedades, percebe-se o quanto se fazem necessárias as análises

teóricas e etnográficas de como se constroem e como é a rotina e os relacionamentos entre as pessoas envolvidas nessa dinâmica do consumo. Para tanto, podemos assim verificar que “o principal sistematizador da teoria da dádiva, [...] vem sendo resgatada como um modelo interpretativo de grande atualidade para se pensar os fundamentos da solidariedade e da aliança nas sociedades contemporâneas” (MARTINS, 2005, p. 45). Com isso, as teorias de Marcel Mauss vêm nos explicitar que essas práticas têm o “dom” de gerar alianças num sistema de dádivas no qual faz circular não só as riquezas, mas os simbolismos de cada grupo envolvido e também o quanto “este trabalho é um fragmento de estudos mais vastos” (2003, p. 189).

Para Mauss (Ibid., p. 190), estas práticas e trocas efetivadas representa a dádiva de todo um sistema em que “[...] não são os indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente [...]” no qual todos esses fatores estariam sob o princípio da coletividade em que a valorização do simbolismo do que acontece nesses coletivos é importante para sua compreensão. Desde fenômenos amplos até os, aparentemente, simples diálogos, sorrisos, “enfrentamentos”, gestos e tantos mais (MARTINS, 2008). Estas relações, Mauss (2003, p. 212) denomina de “fenômenos sociais ‘totais’”, podendo ser encontradas nas mais variadas práticas, espaços e instituições da vida social. Visto que não se trata apenas disso, mas sobretudo, “trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas misturadas saem cada qual da sua esfera e se misturam [...]”. Acrescentando a esta reflexão, o sociólogo Paulo Henrique Martins (2008, p. 123) declara do seguinte modo:

Não custa lembrar que tal compreensão ampliada do motivo do interesse não tem apenas valor teórico, mas prático, uma vez que pode impactar favoravelmente a reconfiguração das políticas públicas e de novas modalidades de participação da sociedade civil na organização da esfera pública, por exemplo.

As relações solidárias que comprometem as instituições e estruturas de poder envolvidas, passam a promover novas articulações entre essas relações sociais. Independentemente de sua complexidade e/ou temporalidade nas quais estão imbuídas e sob as quais não se limita às particularidades dos grupos analisados. Pois é a partir da interconexão de diversos fatores, “[...] no preciso momento em que a forma do agrupamento muda, vê-se a religião, o direito, a moral, transformaram-se concomitantemente” (MAUSS, 1974, p. 326).

No interior das atividades de comércio ambulante dos imigrantes senegaleses, pelas ruas de Pelotas, podemos perceber a circulação de uma troca que vai muito mais além apenas da vontade e da busca pelo valor material. Proporcionam-se sentimentos, generosidades, colaborações, reciprocidades, coletividades, tensões, compreensões e tantos mais. Diante disso, podemos entender que o que se quer ter do “outro” perpassa o capital e se transveste muitas vezes em vias de fonte de conhecimento. Podendo ir além do vir a ser uma fonte explorada economicamente. Esse aspecto nos leva a mais uma declaração sobre o Ensaio da Dádiva de Mauss (2003, p. 190) que nos simplifica tais exemplos da seguinte maneira: “[...] o que eles trocam não são exclusivamente bens, riquezas, [...] coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, ritos, serviços [...], festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos”.

No decorrer do texto, através de Mauss, podemos dizer que esse sistema de trocas não é puramente uma representação das relações políticas ou econômicas. Com essas análises apresentadas, torna-se mais evidente a amplitude da finalidade da troca, sobre a qual, segundo nos diz Martins (2005, p. 64):

[...] a invenção de um novo paradigma da associação não pode resultar de um progresso racional, econômico e técnico qualquer, mas de solidariedades e alianças concretas efetivadas pelos indivíduos através de suas vivências coletivas nas redes de pertencimento nas quais são reconhecidos como cidadãos e sobretudo como seres humanos.

E para finalizarmos essas reflexões, deixo aqui a declaração feita por Bathie para o documentário⁹³ em que ele fala sobre o respeito aos imigrantes:

As pessoas têm que respeitar os imigrantes. Porque o Brasil mesmo é uma terra dos imigrantes. Acho que tem que respeitar porque tu não sabe de onde ele vem, qual a cultura dele, sabe? Todos imigrantes que vêm, eu respeito todos imigrantes. Por exemplo tu é brasileiro, tu me fala que tu já saiu pra outro país, eu te respeito, porque eu vou saber que tu tem uma cabeça diferente dos outros que não saíram da cidade. Sempre eu respeito esse tipo de pessoa. Tudo imigrantes quando vem eles deixou família eles tão bem, sabe? Mas só que ele saiu pra buscar uma coisa. Essa coisa pode ser uma coisa cultural, pode ser dinheiro, pode ser uma coisa profissional, sabe? Mas as pessoas têm que respeitar os imigrantes. Eu respeito os imigrantes também.

⁹³ Entrevista concedida para o documentário SENEGALÊ - Os imigrantes senegaleses em Pelotas.

Após a agressão, ameaça sofrida e denúncia feita pelo Bathie, em outubro de 2017, mais uma vez, uma nova reunião ocorreu na Câmara de Vereadores (figura 83). Organizada novamente para debater e solucionar os mesmos casos que resultaram das ações violentas e sofridas pelos imigrantes senegaleses, enquanto trabalhavam como ambulantes. Problemáticas e riscos já desgastadamente e múltiplas vezes debatidas. Após passar por mais essa intensidade de tensões, percebi o quanto já não me encontrava em equilíbrio e satisfação emocional. O que me levou a decidir por retirar-me das mediações e da cidade de Pelotas. Decisão está tomada após me sentir insegura psicologicamente e fisicamente na cidade, como também a urgente e cobrada necessidade de finalizar esta pesquisa e dissertação.



Figura 83: Bathie na reunião na Câmara após agressão sofrida.

Foto: Camila Horne Mattos. Fonte: Diário Popular, 2017. Disponível em:

<https://www.diariopopular.com.br/politica/acao-da-guarda-municipal-de-novo-em-debate-128180/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os três últimos anos acompanhei o coletivo de imigrantes senegaleses que trabalharam como ambulantes nas ruas do centro de Pelotas, no Rio Grande do Sul. A problemática que se fez presente desde o início e que permeou os rumos desta dissertação esteve relacionada ao percurso instável e aos momentos de tensão que pairavam nesse caminhar, que por vezes estagnava o modo de como seguir, de se posicionar com e na pesquisa.

O compartilhamento de vivências, sentimentos, percepções, aflições e reflexões foram se misturando ao longo de todo processo provocando transtornos. Principalmente afetividades que juntas foram aos poucos e em partes delimitando e potencializando as temáticas e abordagens a serem apresentadas. Bem como as características e as especificidades descritas, com as quais não houve uma estratégia ou oportunidade e nem mesmo o privilégio de serem delimitadas previamente. Essas foram conturbadamente surgindo no fluxo dos acontecimentos e limitadas no espaço de tempo para a apresentação dessas reflexões construídas. Sendo assim, busquei apresentar e guiar a dissertação pelos três capítulos que foram estabelecidos, através das reflexões que compõem essa pesquisa, com uma pequena parte dos acontecimentos e das experiências vividas ao longo de todo esse processo.

Dentre os objetivos específicos, início a pesquisa com a reflexão sobre como se deu o percurso etnográfico, os acontecimentos e as relações em torno do coletivo de imigrantes senegaleses e/com a sociedade local. Posteriormente, deu-se a análise das diversas reações diante da presença desses imigrantes, o mapeamento, a crítica, a discussão dos posicionamentos e as ações das atuais políticas públicas municipais. Por fim, procurei proporcionar uma visão crítica sobre os desafios e as estratégias geridas referentes a complexidade da diáspora contemporânea.

Com isso, a proposta estaria em uma etnografia que privilegiasse a narrativa do encontro, do acolhimento, das ações e dos embates que levaram a novas configurações decorrentes de tudo isso. A busca por essa construção etnográfica, por vezes, se tornou difícil de sistematizar e de se concretizar devido ao acúmulo de momentos de tensão que sobressaíram aos de descontrações e as vivências experimentadas que foram para além de se colher dados e informações. Embora tudo se correlacionasse na análise, na necessidade de transcrevê-las e de refletir as

experiências vividas, a escrita só se fez com a ajuda da orientação e dos relatos contidos no diário de campo; e, sobretudo, com o auxílio dos vídeos, reportagens, dados e informações expressas ou por via internet. Além do apoio das experiências e teorias de outras/os pesquisadoras/os que me permitiram a descrição densa, estruturante e necessária a serem apresentadas e analisadas.

Houve uma grande dificuldade de limitar os relatos vivenciados, a escolha do que descrever e o que seria de extrema relevância de ser narrado, problematizado, analisado. Problemáticas que se mostrou mais presente nesse primeiro esforço de sistematização. Por fim, compreendi que esses relatos viriam a ser um complexo fluxo e contrafluxo dos quais nos servem para além do discurso hegemônico e do recorte de tempo. Um fluir que não cessa, não se limita e no qual haverá ainda muito por vir. Através das atualizações e dos seus desdobramentos, reorganização e as potencialidades nos mais diversos campos dentro e fora do mundo acadêmico.

Contudo, compreendermos que essa problematização não foi e não será sanada através e apenas desta pesquisa, pois trato somente de partes desse processo e contexto de uma única vez. Por isso, é preciso continuar a investigar e compreender o andamento desses processos. Essa perspectiva crítica pode ser reiterada a partir da constatação de que, ao concluir esta dissertação, estou ciente que não se trata apenas de uma tensa e densa descrição, mas de um caminho no qual se abre para diversas vertentes que ele nos oferece. Isso se destaca, principalmente, diante do fato de que os dados levantados apontam, se impõem, em uma necessária continuidade e atualização desse andar no qual se discute identidades, ações e reações constantemente situadas e em expansão. Motivadas pela quantidade de situações e encontros nele promovido que levam ao fortalecimento de sua importância para um número considerável de pessoas envolvidas.

Em determinado momento, tornou-se uma das minhas maiores preocupações a participação ativa do desfecho dos acontecimentos, mais do que a descrição dos mesmos. Situação sobre a qual se fez a necessidade de forçar a pausa e ao distanciamento para construção desta escrita. Assim como a necessária etapa de se compartilhar os fatos, os relatos, as inseguranças, os equívocos, as incertezas e tantas mais percepções dos acontecimentos, dos posicionamentos, do recorte, das atitudes e das escolhas para se chegar ao final dessa fase nesse confuso caminhar.

De todo modo, estou consciente de se estar diante de um fluxo infindável e do quanto ainda há para se ouvir, dizer, debater e compartilhar.

Neste sentido, reitero que ao finalizar essa escrita, deixo aqui pretensamente uma porta entreaberta para que se possa ser atravessada rumo aos novos passos que fortaleçam e reorganizam uma ramificação desses procedentes e que possam vir a ser propositivos e reflexivos. Entretanto, finalizo ciente de que este foi apenas um primeiro passo e que tudo permanecerá vivo e pujante nesse fluxo que segue em constante transformação e sinaliza múltiplas possibilidades.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, v. 7, n. 2. Rio de Janeiro, 2001.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. **A negra força da princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)**. Dissertação (Mestrado em Estudos Históricos Latino-Americanos), 250 p. UNISINOS, 2007.

AMIGOS de Pelotas (Blog). **Prefeitura parou de fiscalizar invasão do espaço público**. 2014. Disponível em: <https://amigosdepelotas.com.br/blog/prefeitura_parou_de_fiscalizar_invasao_do_espaco_publico.html>. Acesso em ago 2014.

ARAUJO, Heitor. **Imigrante sofre ação desproporcional da Guarda Municipal**. 2017. Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.br/seguranca/imigrante-sofre-acao-desproporcional-da-guarda-municipal-128019/?chave=ab67f2429584199&>>. Acesso em out 2017.

BHABHA, Homi K. **O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência**. In: O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 239-273, 2003.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376. São Paulo, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v.10, n.1, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 21, 1988.

CÂMARA Municipal De Pelotas. **Direitos humanos: Legislativo quer posição do prefeito sobre agressão a senegaleses**. 2016. Disponível em: <<http://www.camarapel.rs.gov.br/imprensa/direitos-humanos>>. Acesso em jun 2016.

_____. **Senegaleses: Governo não apresenta propostas e comissão é formada para solucionar crise**. 2016. Disponível em: <<http://www.camarapel.rs.gov.br/imprensa/direitos-humanos>>. Acesso em jun 2016.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O mal-estar da ética na Antropologia prática. In: OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (org.). **Antropologia e ética: o debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004.

_____. O trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CARVALHO, José Jorge. **O olhar etnográfico e a voz subalterna**. Horiz. antropol. 2001, vol.7, n.15, pp.107-147. ISSN 0104-7183. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832001000100005>>. Acesso em mar 2017.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

COSTA, Sérgio. **Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2005, vol.21, n.60, pp.117-134. ISSN 1806-9053. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000100007>>. Acesso em abr 2017.

_____. Pós-colonialismo e différence. In: _____. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CUNHA, Valéria. **Operação Mercúrio apreende quase duas mil mercadorias no Calçadão**. 2016. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNS0xOA==&codnoticia=41989>>. Acesso em mai 2016.

DELEUZE, G. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 2000.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti (Org.). **Planejamento e Gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2004.

DIÁRIO POPULAR. **OAB Pelotas critica abordagem ‘excessivamente violenta’ da Guarda Municipal contra ambulantes**. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MTEzNDMw&id_area=Mg%3D%3D>. Acesso em jun 2016.

DOCKENDORFF, Shana. **Operação Mercúrio apreende 1,7 mil produtos ilegais no calçadão**. 2016. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNC0wMQ==&codnoticia=41642>>. Acesso em abr 2016.

_____. **Operação Mercúrio vai combater comércio irregular no Calçadão**. 2016. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wMy0yMQ==&codnoticia=41550>>. Acesso em mar 2016.

_____. **Segurança: começa a Operação Tudo Azul**. Disponível em: <<http://www.pelotas13horas.com.br/noticia/seguranca--comeca-a-operacao-tudo-azul-e1a67433-1e87-4957-a859-b9e13a0a4024>>. Acesso em dez 2016.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O uso dos bens. In: **O mundo dos bens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ELÍBIO JUNIOR, A. M.; SOCCIO, C.; Marcos Costa Lima. **Edward Said e o Pós-Colonialismo**. Sæculum (UFPB), v. Jul-Dez, p. 451-462, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, n.13, 2005.

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **La construcción social del sujeto migrante en América Latina: prácticas, representaciones y categorías**. Quito: FLACSO, Sede Ecuador: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, CLACSO: Universidad Alberto Hurtado, 2011.

FOLHA ONLINE. 2006. **Conheça São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/saopaulo452/conheca_sao_paulo.shtml>. Acesso em jul 2018.

FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos a etnografia 'em casa'. **Periódico Teoria e Cultura** [da] Universidade Federal de Juiz de Fora, v.2, n. 1 e 2, p. 39-53, Jan- Dez 2008.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

FRANCO, Cristiane. **Catarina Paladini propõe criação de Comitê de Acolhimento ao Imigrante em Pelotas**. 2015. Disponível em: <http://www.psbrs.com.br/v3/index.php?option=com_k2&view=item&id=6867:catarina-paladini-propoe-criacao-de-comite-de-acolhimento-ao-imigrante-em-pelotas&Itemid=491>. Acesso em jan 2016.

GEERTZ, Clifford. **Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita; Estar aqui: de quem é a vida afinal?** In: Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

_____. Uma descrição densa. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GILL, Lorena Almeida. **O mal do século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930**. Pelotas: EDUCAT, 282 p., 2007.,

_____. **Regulamento Sanitário do Município de Pelotas nas Primeiras Décadas do Século XX**. História em Revista (UFPel), Pelotas, v. 7, p. 169-198, 2001.

GILROY, Paul. **Entre Campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34/Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GIOVANAZ, Roberto. **Ação da Guarda Municipal de novo em debate**. 2017. Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MTI4MTgw&id_area=Ng==>. Acesso em out 2017.

GM, GAR e SGCMU deflagram operação contra comércio ilegal, 2017. Disponível em: <<http://diariodamanhapelotas.com.br/site/calçada-comercio-ilegal-e-combatido/>>. Acesso em jun 2017.

GROSFÓGUEL, Ramón. **Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitários, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais**. Ciência e cultura, v. 59, n. 2, p. 32-35, 2007.

_____. El concepto de «racismo» en Michel Foucault y Frantz Fanon: ¿teorizar desde la zona del ser o desde la zona del no-ser? **Tabula Rasa**, n. 16, enero-junio, pp. 79-102 Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca Bogotá, Colombia, 2012.

_____. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n.80, p.115-147. 2008. Disponível em: <www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=982>. Acesso em mar 2017.

GUARDA MUNICIPAL é recebida de forma violenta pelos senegaleses no calçadão de Pelotas, 2017. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MTlwMDc0&id_area=Nw%3D%3D>. Acesso em dez 2017.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 269-287, Nov. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702006000200014>>. Acesso em fev 2018.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. 2.ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2001.

G1. Há um ano os vendedores ambulantes não ocupam mais o centro de Pelotas. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/ha-um-ano-os-vendedores-ambulantes-nao-ocupam-mais-o-centro-de-pelotas/3077235/>>. Acesso em mai 2016.

_____. **Operação Mercúrio quer fazer valer o Código de Posturas do município**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/videos/t/todos-os-videos/v/operacao-mercurio-quer-fazer-valer-o-codigo-de-posturas-do-municipio/5099395/>>. Acesso em jun 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed, RJ: DP&A editora, 2005.

_____. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003a.

_____. **Pensando a diáspora**: reflexões sobre a terra no exterior. In: Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: UNESCO, p. 434. 2003b.

_____. **Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Colombia: Popayán; Lima; Bogotá; Quito: Envió editores; Instituto de Estudios Peruanos; Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

HANDERSON, Joseph. Diáspora: sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, ano 21, n. 43, p. 51-78. Porto Alegre, 2015.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Migrações internacionais: o caso dos**

senegaleses no Sul do Brasil. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015.

HEYMAN, Josiah McC. & SMART, Alan. **States and illegal practices:** an overview, in Josiah McC. Heyman (org.), *States and illegal practices*, Oxford/Nova York, Berg, pp. 1-24, 1999.

IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado). **Bem Tombados:** Clube Cultural Fica Ahí Pra Ir Dizendo. Disponível em <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=45400>>. Acesso em ago 2016.

KANIMAMBO **Ateliê Africano.** Página do Facebook disponível em: <<https://www.facebook.com/kanimamboatelietafricano/>>. Acesso em jun 2018.

JARDIM, Denise Fagundes. **Os Direitos Humanos dos imigrantes:** reconfigurações normativas dos debates sobre imigrações no Brasil. *Densidades*, n. 14, p. 67-85. 2013.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos:** ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Introdução à obra de Marcel Mauss.** In. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

LIMA, Joice. **O Centro de Pelotas amanheceu de “cara nova”.** 2013. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxMy0wMS0yMQ==&codnoticia=33218>>. Acesso em set 2016.

MACIEL, Letícia Nörnberg. **Uma abordagem arqueológica sobre os cortiços pelotenses entre os séculos XIX e XX.** Pelotas: UFPEL (Monografia: Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Antropologia), 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. “Introdução - Tema, método e objetivo desta pesquisa”. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Malinowski (Os Pensadores). 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1986.

MARQUES, Laura. **Após dez meses da implementação do Plano de Atenção ao Imigrante, senegaleses continuam desassistidos pelo poder público.** Disponível em: <https://www.diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MTI0MzAx&id_area=Mg==>. Acesso em mai 2017.

MARTINS, Paulo Henrique. **A Sociologia de Marcel Mauss:** dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 73, 2005.

_____. **De Lévi-Strauss a M.A.U.S.S:** Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais: itinerários do dom. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 66, 2008.

MARTINS, Rosana. **Construções de Alteridade:** Políticas de Pertença e Cultura Hip-

Hop. **Revista Periferia**, v. 4, n. 1, jan-jul 2012.

_____. **O Estilo que ninguém segura**. São Paulo: Esetec, 2005.

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória dos sentimentos**. In: Figueira, S. (org.) *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. **Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. **Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó**. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.

MBEMBE, Achille. **As formas africanas de auto-inscrição**. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, no 1, pp. 204-209, 2001.

MEIRELLES, Alessandra. **Fiscalização do espaço urbano agora conta com um carro**. 2014. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNC0xMi0yNg==&codnoticia=38187>>. Acesso em mai 2016.

MEIRELLES, Luiza. **SGCMU e GM organizam operação de fiscalização de ambulantes**. 2016. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wMS0xMg==&codnoticia=41028>>. Acesso em fev 2016.

MENGUE, Angelica. **Prefeitura lança a Operação Tudo Azul**. Reportagem disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/prefeitura-lanca-a-operacao-tudo-azul>>. Acesso em nov 2017.

_____. **Prefeitura luta para manter a área central livre de ambulantes**. 2016. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNi0xMA==&codnoticia=42171>>. Acesso em jun 2016.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

MILLER, Daniel. **Consumo como Cultura Material**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, 2007.

MOCELLIN, Maria Clara. **Deslocamentos e trabalho ambulante entre jovens senegaleses no Rio Grande do Sul**. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele. (Orgs.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares**. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

MORALES, Orlando Gabriel; KLEIDERMACHER, Gisele. **Representaciones de migrantes senegaleses en la sociedad porteña de Buenos Aires: apuntes sobre exotismo y exotización**. *Etnográfica*, v. 19, n. 1, p. 29-50. Lisboa, 2015.

NORDSTROM, Carolyn. **Global outlaws: crime, money, and power in the contemporary world**. Berkeley, University of California Press, 2007.

O CENTRO de Pelotas amanheceu de “cara nova”. 2013. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxMy0wMS0yMQ==&codnoticia=33218>>. Acesso em mai 2014.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Desafios da antropologia brasileira**. Brasília: ABA, 2013.

OPERAÇÃO Tudo Azul: **Mais Segurança no Centro de Pelotas**. Disponível em: <<http://ru.ucpel.edu.br/2015/12/operacao-tudo-azul-mais-seguranca-no-centro-de-pelotas/>>. Acesso em dez 2015.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**, volume 2. Pelotas: Armazém Literário, 1998.

PEIRANO, Mariza G. S. **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

_____. Etnografia não é método. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em out 2015.

PEREIRA, UHLMANN, ROMANO. Documentário: **SENEGALÊ - Os imigrantes senegaleses em Pelotas**, 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Kd3SM37Ija0&t=6s>>. Acesso em mar 2018.

PREFEITURA Municipal De Pelotas. 2015. Página do Facebook disponível em: <<https://www.facebook.com/prefeituradepelotas/photos/a.579830118828806.1073741828.576465239165294/804397626372053/?type=3&theater>>. Acesso em dez 2015.

_____. **O Centro de Pelotas amanheceu de “cara nova”**. 2013. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxMy0wMS0yMQ==&codnoticia=33218>>. Acesso em mai 2014.

PORTUGAL, Inês. **Afetados pela crise, lojistas do Pop Center procuram Eduardo**. 2016. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wNS0wNQ==&codnoticia=41882>>. Acesso em mai 2016.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. **RBCS**, v. 25, n. 74. São Paulo, 2010.

_____. **Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

RODRIGUES, Pablo. **Deu-se gente contra gente**. 2016. Disponível em: <https://diariopopular.com.br/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=MTEzNDE5&id_area=Mg==>. Acesso em jun 2016.

SAADA-FAVRET, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161. São Paulo, 2005.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Rosaura Eichenberg, São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SALVADOR, Tadeo. **Prefeitura fiscaliza ambulantes no Calçadão**. 2015. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNS0wNS0xMg==&codnoticia=39013>>. Acesso em mai 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial. E para além de um e outro**. Travessias. Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra, nos. 6/7, p. 15-36, 2008.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. Ética e pesquisa de campo. In: OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (org.). **Antropologia e ética**: o debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 299 pp., 1998.

SEEGER, Anthony. **Etnografia da música**. Cadernos de campo. São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Modernidade urbana e dominação da natureza**: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 14, p. 184-201, 2000.

SOYINKA, Wole. **As artes da África durante a dominação colonial**. In: J. KI-ZERBO (org.), História geral da África VII. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980.

TASCHENER, Gisele. **Cultura do consumo, cidadania e movimentos sociais**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 46, N. 1, p. 47-52, jan. /abr 2010.

TEDESCO, João Carlos. **Senegaleses no centro-norte do Rio Grande do Sul: imigração laboral e dinâmica social**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2015.

_____; KLEIDERMACHER, Gisele. (Orgs.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina**: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. Senegaleses no Rio Grande do Sul: panorama e perfil do novo fluxo migratório "África-Sul do Brasil". In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele. (Orgs.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina**: múltiplos olhares. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

UHLMANN, Eduardo Uhlmann. 2016 (UFPel). Primeira Pauta, do jornal Zero Hora, **Imigração senegalesa em Pelotas**. Disponível em: <https://youtube/zzLYrA9-83s?list=PLSS_2dH2ldY1XZ_6S2KCMJCUHtxuyUU4O>. Acesso em ago 2016.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1:

Pelotas, 28 de junho de 2016

Vossa Excelência

Sr. Embaixador do Senegal no Brasil

Amadou Abdou Ndiaye

Prezado Senhor

Somos uma comissão independente de homens e mulheres que criaram laços de amizade com o grupo de jovens senegaleses que residem na cidade de Pelotas, na Região Sul do Rio Grande do Sul.

Assim como milhares de outros imigrantes que têm vindo para o Brasil, esses jovens também tentam se inserir na comunidade pelotense, e tem sido bem acolhidos pela população. Eles vendem suas mercadorias no centro da cidade, junto a outros ambulantes locais, pessoas que estão sofrendo com o desemprego na cidade.

Ocorre que o comércio ambulante não dispõe de espaços regulamentados, e a Prefeitura tem realizado fiscalizações e recolhimento de mercadorias. Em duas oportunidades, a última no dia 9 de junho de 2016, o setor de fiscalização convocou a Guarda Municipal para lhe dar cobertura e jovens senegaleses foram agredidos.

A situação para eles está muito difícil. Existem grupos ligados às universidades que se dizem representantes deles, mas até o momento não tomaram nenhuma atitude para melhorar suas condições. Inclusive, quando se reúnem, os jovens senegaleses praticamente não são ouvidos.

Alguns vereadores estão prestando apoio ao grupo, mas a Prefeitura está irredutível. Não devolveu as mercadorias, a não ser que eles tenham nota fiscal e paguem a multa, que é de mais de R\$ 500,00 para cada um.

Neste sentido, é que estendemos o convite para sua vinda à nossa cidade ou de um representante dessa importante embaixada. Não temos nenhum interesse em ocupar o lugar desses jovens, apenas queremos oferecer nosso apoio neste momento tão difícil.

Vossa excelência verá abaixo a reportagem publicada no jornal local, Diário Popular, do dia 9 de junho de 2016, relatando os fatos, e, em seguida, a nota da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Pelotas, de repúdio à violência praticada contra os senegaleses.

No aguardo de um retorno de vossa excelência, despedimo-nos, respeitosamente,

ANEXO 2:

**SENEGAL
SER NEGÃO
SER LEGAL**

Caxias do Sul, 21 de junho de 2006.

NOTA DE SOLIDARIEDADE E REPÚDIO

Nós, integrantes do coletivo Ser Legal - liderado pelo imigrante senegalês Cheikh Mbacke Gueye (Cher) e composto por membros da sociedade civil de Caxias do Sul -, impossibilitados de participarmos da Reunião Pública na Câmara Municipal de Pelotas nesta quarta-feira, dia 22 de junho de 2016, manifestamo-nos por meio desta nota de solidariedade e repúdio frente aos atos de violência contra trabalhadores senegaleses em Pelotas.

Esses atos ferem os direitos humanos, e não podemos aceitar que um imigrante, na luta pelo seu sustento e de familiares que ficaram no país de origem, sofram violência e abuso de autoridade por parte do poder público em Pelotas.

Declaramos que estamos juntos nesta caminhada pela busca de igualdade de direitos e oportunidades.

ANEXO 3: Letra traduzida de uma das músicas do Akon⁹⁴.

Senegal

Akon

Senegal	Senegal
INTRO: Akon Talking]	[Introdução: Akon falando]
Yo. Incase you ain't know, I go by the name of Akon...and I'm from (Af-ree-cao! Af-ree-cao!) Home of the Goree Islands - I'm from Senegal, West-side (Af-ree-cao! Af-ree-cao!) So I'ma share with you where I'm from and how I was comin' up (Af-ree-cao! Af-ree-cao!)	Ei, caso você não saiba, meu nome é Akon... e eu sou da (A-fri-ca! A-fri-ca!) Lar das ilhas Goree - Sou de Senegal, Zona-oeste (A-fri-ca! A-fri-ca!) Então, vou compartilhar com vocês o lugar de onde vim e onde cresci (A-fri-ca! A-fri-ca!)
[Verse 1]	[Verso 1]
So what you know about the struggles that my people went through so you can live the way you live now So what you know about seeing that brand new mother givin away her newborn child So what you know about Mr.Amadou diallo, the Senegalese cop shot down So what you know about how people love to percieve us when we come into a brand new town So what you know about the Goray Islands, where all the slaves were shipped from So what you know about being born in America to avoid immigration	Então, o que você sabe sobre o sofrimento que o meu povo passou pra que você pudesse viver do jeito que vive agora? Então, o que você sabe sobre ver aquela mãe jovem dando seu filho recém-nascido? Então, o que você sabe sobre o Sr. Amadou Diallo, o policia! Senegalês que morreu? Então, o que você sabe sobre como as pessoas nos olham quando mudamos de cidade? Então, o que você sabe sobre as Ilhas Goreey, que é de onde saem todos os escravos? Então, o que você sabe sobre sobre nascer na América pra evitar a imigração?
[Chorus]	[Refrão]
Still from the ghetto-ooohhs of Senagal (Af-ree-cao! Af-ree- cao!) Comin' from the ghetto-ooohhs of Senegal (Af-ree-cao! Af- ree-cao!) Comin' from the ghetto-ooohhs of Senegal (Af-ree-cao! Af- ree-cao!) Yes, I'm comin' from the ghetto-ooohhs of Senegal (Af-ree- cao! Af-ree-cao!)	Ainda sou da favela-ah de Senegal (A-fri-ca! A-fri-ca) Vindo da favela-ah de Senegal (A-fri-ca! A-fri-ca) Vindo da favela-ah de Senegal (A-fri-ca! A-fri-ca) Sim eu vim da favela-ah de Senegal (A-fri-ca! A-fri-ca)
[Verse 2]	[Verso 2]
So what you know about chebou jen,yassa, Cheraay and Maafay, my favourite foods So what you know about niggas throwin rocks, bustin' shots at the military invadin my hood So what you know about kids with automatic machines waiting for the war to get on that side So what you know about how God comes first in our lives, everything that we do is for Allah	Então, o que você sabe sobre Chebou Jen, Yassa, Cheraay e Maafay, meus pratos favoritos Então, o que você sabe sobre os negros tacando pedras, tomando tiros dos militares invadindo meu bairro? Então, o que você sabe de crianças com automáticas esperando pela guerra pra se defender Então, o que você sabe sobre como Deus vem primeiro em nossas vidas, tudo o que fazemos é para Alá

⁹⁴ Akon é um rapper senegalês conhecido mundialmente e um dos mais admirados pelos senegaleses. Tradução disponível em: <https://www.letras.mus.br/akon/234028/traducao.html>.

So what you know about that Holy place called Touba where
 Prophets are born
 So what you know about comin here, gettin money and
 investing it back home

[Chorus]

Right in the ghettooouo of Senegal (Af-ree-cao! Af-ree-cao!)
 Give it to the ghettooouo of Senegal (Af-ree-cao! Af-ree-
 cao!)
 Take it to the ghettooouos of Senegal (Af-ree-cao! Af-ree-
 cao!)
 Send it right to the ghetto-ooohhs of Senegal (Af-ree-cao!
 Af-ree-cao!)

[OUTRO: Akon Talking]

Now see that's just a little piece of how it is (Af-ree-cao! Af-
 ree-cao!)
 See, but we can come together and make it 'lot better back
 home (Af-ree-cao! Af-ree-cao!)
 So don't complain about how they treat me here, take your
 millions of dollars there, back to (Af-ree-cao! Af-ree-cao!)
 We own that land, we owned those diamonds, (Af-ree-cao!
 Af-ree-cao!)
 We kings man, we dont take orders, we give em.
 Think about it.

Então, o que você sabe sobre o lugar santo chamado Touba
 onde profetas nascem?

Então, o que você sabe sobre vir aqui, ganhar dinheiro e
 investira pra voltar pra casa

[Refrão]

Direto na favela-ah de Senegal (A-fri-ca! A-fri-ca)

Da-lhe favela-ah de Senegal (A-fri-ca! A-fri-ca)

Pega favela-ah de Senegal (A-fri-ca! A-fri-ca)

Vai direto pra favela-ah de Senegal (A-fri-ca! A-fri-ca)

[Outro: Akon falando]

Viu agora, um pouco de como é a (A-fri-ca! A-fri-ca) ?

Viu, podemos vir juntos e fazer uma grande melhor? (A-fri-
 ca! A-fri-ca)

Então não reclamo de como me tratam aqui, pegue seus
 milhões e dólares lá, e volta para a (A-fri-ca! A-fri-ca)

Aquela terra é nossa, aqueles diamantes são nosso, (A-fri-
 ca! A-fri-ca)

Somos reis, cara, não recebemos ordem, só damos.
 Pense nisso.

Composição: Anthony Hamilton / Mark Batson